

10
ANOS

REVISTA

PUCMinas ^{ISSN 2525-4731} **nº 21**

Primeiro semestre de 2020

ECONOMIA COM ALMA

EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS, ESPECIALISTAS REFLETEM
SOBRE NECESSIDADE DE MUDANÇA DE MODELOS
EXCLUDENTES, COMO PRECONIZA O PAPA FRANCISCO



MAIS: REGIME LETIVO REMOTO FOI UMA DAS MEDIDAS
DE PREVENÇÃO ADOTADAS CONTRA O CORONAVÍRUS

Mais de 20 anos de
experiência em EAD.

PÓS PUC MINAS VIRTUAL

[ESSA ESCOLHA DÁ FUTURO]

Especialização nas áreas de
Comunicação, Educação, Direito, Engenharia, Gestão,
Informática e Saúde.

Inscrições pelo
pucminas.br/pos

Provas on-line
100%
A DISTÂNCIA


PUC Minas
Virtual

ISSN 2525-4731
revista **PUCMINAS**

Grão-chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Reitor: Prof. Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães
Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Paulo Roberto de Sousa
Pró-reitores: Profª Maria Inês Martins (Graduação)
Prof. Sérgio de Moraes Hanriot
(Pesquisa e de Pós-graduação)
Prof. Wanderley Chieppe Felipe (Extensão)
Prof. Paulo Sérgio Gontijo do Carmo
(Gestão Financeira)
Prof. Rômulo Albertini Rigueira
(Logística e Infraestrutura)
Prof. Sérgio Silveira Martins
(Recursos Humanos)
Secretário de Comunicação:
Secretária de Cultura
e Assuntos Comunitários: Prof. Mozahir Salomão Bruck
Secretário Geral: Profª Maria Beatriz Rocha Cardoso
Prof. Ronaldo Rajão Santiago
Secretário de Planejamento e
Desenvolvimento Institucional: Prof. Carlos Barreto Ribas

Expediente

Secretário de Comunicação: Prof. Mozahir Salomão Bruck
Edição: Marisa Cardoso
Reportagem: Beatriz Reis (Poços de Caldas)
Bruna Santos Vida (São Gabriel)
Felipe Caixeta (Diretoria de Educação Continuada)
Fernando Ávila (Proex)
Júlia Mascarenhas (Barreiro)
Leandro Felicissimo (Coração Eucarístico)
Livia Arcanjo (Coração Eucarístico)
Luiza Rocha (Praça da Liberdade)
Michelle Stammel (Coração Eucarístico)
Lorena Scafutto (Betim)
Rafaela Rodrigues (PUC Minas Virtual)
Fotografia: Bruno Timóteo e Raphael Calixto
Capa: Quinho
Projeto gráfico e direção de arte: Brava Design (Janette Sá e Junius Vilela)
Diagramação: Brava Design

Colaboraram nesta edição*



Raphael Calixto

Wanderley Chieppe Felipe

A extensão nos Programas de Pós-graduação (PPGs) é tema de artigo do pró-reitor de Extensão, nas páginas 46 e 47. Ele lembra que, durante muito tempo, essa interação nos PPGs se deu somente entre a pesquisa e o ensino. Mas, com a exigência, pela Capes, da introdução de práticas da inserção social nos PPGs, “abriu-se uma janela para a entrada da extensão na pós-graduação. No artigo, o professor Wanderley destaca várias ações da extensão desenvolvidas nos PPGs de Psicologia, Ciências Sociais, Ciências da religião e Administração, entre outros.



Marcos Figueiredo/Acervo PUC Minas

Guilherme Coelho Colen

Referência no ensino jurídico, a Faculdade Mineira de Direito (FMD) está completando 70 anos. Em artigo nas páginas 78 e 79, o diretor da FMD relembra a trajetória e importância da escola, que antecedeu a criação da então Universidade Católica de Minas Gerais, tendo como responsável pela estruturação do curso e seleção do corpo docente o processualista mineiro e desembargador Alfredo de Araújo Lopes da Costa. Tudo isso sob o comando do então arcebispo de Belo Horizonte Dom Antônio dos Santos Cabral.

*A Revista PUC Minas não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores nos artigos assinados.


PUC Minas

Tendo como missão o desenvolvimento humano e social de alunos, professores, funcionários e comunidades, a PUC Minas, fundada em 1958, tem buscado contribuir para a formação ética e solidária de profissionais competentes, humana e cientificamente, mediante a produção e disseminação de conhecimento, arte e cultura. Oferece 121 cursos, incluindo os de graduação presencial, a distância e superior de tecnologia; 592 de pós-graduação *lato sensu*; e 29 de pós-graduação *stricto sensu*.

Endereço: Av. Dom José Gaspar, 500 | Coração Eucarístico | Belo Horizonte | MG
CEP 30.535-901 - imprensa@pucminas.br | www.pucminas.br

6 e 7 – Diálogos

8 e 9 - Novo coronavírus | Regime Letivo Remoto foi uma das ações preventivas para evitar a disseminação da Covid-19

10 a 13 - Cidade | Políticas de revitalização do centro de BH são temas de dissertações

14 a 16 - Extensão | Projeto propõe intervenções para a preservação de igrejas tombadas

17 a 19 - Turismo Religioso | Nepac reorganiza associação de virtudes da beata Francisca de Paula de Jesus a trechos da Rota Nhá Chica

Comunidade

20 e 21 | Curso de Arquitetura e Urbanismo atua em parceria projetando casas para moradores de ocupação

22 e 23 | Primeira em uma capital brasileira, Apac é instalada em Belo Horizonte

24 a 27 - Marketing | Vulnerabilidade no consumo de carne processada é tema de dissertação no Programa de Pós-graduação em Administração

28 e 29 - Odontologia | Projeto de saúde bucal atua na prevenção e amenização dos efeitos colaterais do tratamento de câncer

30 a 32 - Saúde | Curso de Medicina prepara estudantes para atender público mais informado e pró-ativo

33 - Transporte compartilhado | Pesquisa aponta impactos do uso do Uber, entre outros aplicativos

34 a 41 - Especial | Especialistas refletem sobre a urgente necessidade de uma economia voltada para o bem comum

42 a 47 | Micronotícias

48 e 49 - Artigo | A extensão nos programas de pós-graduação *stricto sensu*

50 a 55 - Novas tecnologias | Programa inovador, LevelUp capacita alunos e auxilia a seleção de estudantes por empresas parceiras



10 a 13

56 e 57 - Letras | Projeto Oficinas oferece reforço em aulas de português e inglês

58 e 59 - Previdência Social | Iniciativa auxilia trabalhadores rurais na obtenção da aposentadoria

60 a 62 - Engenharia Química | Prática de extensão, junto a alunos da Apae, busca abordar a química de forma criativa

63 e 64 - Extensão | Projeto Observatório Empresarial auxilia no fortalecimento organizacional de micro e pequenas empresas

65 Tecnologia | Alunos de Engenharia Elétrica desenvolvem projeto de irrigação para Jardim Botânico de Poços de Caldas

66 e 67 - Comunidade | Projeto capacita líderes comunitários visando à melhoria da gestão das associações

68 e 69 - Ensino a Distância | Parceria com a CDL-BH proporciona aos alunos de Administração vivência do dia a dia das empresas

70 e 71 - Pós-graduação

Curso sobre mediação mostra que técnica é utilizada em áreas que vão além do meio jurídico

72 a 75 - Ciências Sociais

PUC Minas estende obrigatoriedade da Sociologia a todos os cursos de graduação

76 a 79 - Aniversários

Universidade comemora atuação de *campi* e unidades em BH e região metropolitana

80 e 81 - Artigo | Referência nacional do ensino jurídico, a Faculdade Mineira de Direito completa 70 anos

82 - Memória Viva

83 a 86- PUC em Números

Uma outra economia é possível

Esta edição da **Revista PUC Minas** propõe-se a contribuir no agendamento de uma discussão fundamental no mundo contemporâneo: a urgência de novos e efetivos rumos para a economia no planeta, que deve ser orientada para a inclusão dos mais necessitados para que, globalmente, possamos, de modo definitivo, pôr fim às inaceitáveis mazelas da miséria, da fome e tantos outros flagelos que indignificam a vida dos mais humildes.

A **Revista PUC Minas**, também atenta aos graves efeitos da pandemia do coronavírus, ressalta que o momento é de uma ética da vida coletiva, em que todos, responsavelmente, se protejam e protejam a comunidade contra uma doença que deve, tristemente, provocar a morte de centenas de milhares de pessoas em todo o planeta. E não dá mesmo para dissociar a defesa e o apelo por uma outra lógica econômica global do quadro devastador provocado pela pandemia: os mais mortalmente atingidos foram os mais pobres em suas precariedades de moradia, de alimentação, de saúde e acesso a água e serviço de esgoto. Por isso, é preciso acreditar e trabalhar no sentido de buscarmos uma outra economia: a economia da vida e da plenificação do humano.

Prof. Mozahir Salomão Bruck
Secretário de Comunicação

Revista PUC Minas. Também na versão digital.

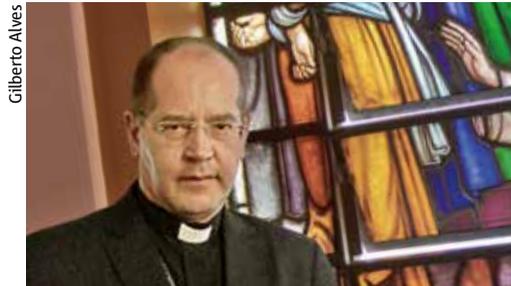
pucminas.br/revista

DIÁLOGOS

ECONOMIA RENOVADA

“Substituir o exagerado consumo egoísta por atitudes mais solidárias constitui novidade que o mundo contemporâneo necessita para tornar-se melhor”

Dom Walmor Oliveira de Azevedo, grão-chanceler da PUC Minas, arcebispo metropolitano de Belo Horizonte e presidente da CNBB



Gilberto Alves

Quase metade da população mundial vive abaixo da linha da pobreza, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). São pessoas excluídas de serviços essenciais à saúde, à educação, sem trabalho e vida digna. Uma realidade que contracenana com sucessivos avanços nas ciências, nas tecnologias. A civilização contemporânea, com recursos para vencer graves problemas, continua a padecer, pois não reage ao grave cenário da extrema desigualdade, alimentado por um modelo econômico que beneficia poucos e sacrifica muitos. Esse modelo é permissivo com a exploração irracional dos recursos naturais, alimenta um consumo desmedido, egoísta, que gera uma felicidade efêmera. Nesse modelo, o ser humano passa a avaliar-se não pelo bem que faz, mas por sua capacidade de reunir riquezas e usufruir, ilimitadamente, de tudo, sem qualquer parâmetro ético. Torna-se, assim, um escravo, pois submete a própria vida ao domínio do dinheiro. Lógica econômica que faz a vida perder a sua centralidade e precisa ser superada.

O complexo caminho a ser seguido, evidentemente, exige envolvimento de líderes mundiais, de governantes a empreendedores, mas a grande mudança não depende exclusivamente da ação dos que hoje detêm o poder. Cada pessoa pode romper com a lógica perversa que domina o cenário econômico global e agir de modo diferente, tornando-se fonte de inspiração para outros cidadãos. Adotar hábitos mais simples, condizentes com os parâmetros de uma ecologia integral, e substituir o exagerado consumo egoísta por atitudes mais solidárias cons-

tituem a novidade que o mundo contemporâneo necessita para tornar-se melhor.

Desapegar-se e exercer a solidariedade são atitudes libertadoras, que rompem com as dinâmicas hegemônicas da competição predatória, da busca desmedida pelo lucro, do querer ser mais que os outros. Cada pessoa acolha oportunas indicações da Palavra de Deus, na Primeira Carta a Timóteo: “Não trouxemos nada para este mundo, como também dele não podemos levar coisa alguma”. De nada adianta buscar ajuntar tudo para si, acumular bens e riquezas capazes de sustentar gerações, pois, para cada pessoa, chegará o dia da partida, e daqui nada se leva.

O Papa Francisco, no grande dom de seu magistério, busca ajudar o mundo a encontrar um caminho diferente, um novo modelo econômico em que o individualismo, com suas disputas fratricidas, ceda lugar à solidariedade. O Santo Padre, em diferentes oportunidades, adverte que o atual modelo deve ser substituído por outro em que as redes de solidariedade sustentem o desenvolvimento econômico e civilizatório. Na *Exortação Apostólica Querida Amazônia*, o Papa Francisco, entre outros aspectos, valoriza uma especial característica dos povos nativos do território amazônico, o forte sentido comunitário e lembra: “A luta social implica capacidade de fraternidade, um espírito de comunhão humana”. Cada pessoa contribua para que um genuíno sentido comunitário prevaleça não apenas entre os povos tradicionais amazônicos, mas em todos os lugares.

A liberdade individual coexista, harmoniosamente, com o sentido de pertencimento, todos compreendendo que devem ser uns pelos outros – e não uns em disputa com os outros para se acumular mais. A nova economia, coerente com os parâmetros de uma ecologia integral e capaz de garantir sustentabilidade para o planeta, ganhará feições quando cada pessoa buscar “ser mais”, em vez de “ter mais”, expressões do Papa Francisco, durante audiência no Vaticano. “Um capitalismo inclusivo, que não deixa ninguém para trás, que não descarta nenhum dos nossos irmãos e irmãs, é uma nobre aspiração, digna dos melhores esforços.”

PARA ONDE VAI A EDUCAÇÃO SUPERIOR?

Esta pandemia, que tão rapidamente se espalhou no planeta, já trouxe e trará impactos na vida das pessoas e das instituições em todas as suas dimensões: tanto em termos sociais, quanto econômicos, políticos e culturais. Haverá também impactos na educação, e em especial no ensino superior. Além de importantes mudanças, o segmento, no âmbito comunitário-privado, já vinha enfrentando dificuldades, como a redução drástica de recursos para a educação e consequente evasão de alunos, redução do investimento em pesquisa e infraestrutura, entre outros. Certamente, o momento pós-pandemia deverá potencializar essas mazelas. Do ponto de vista financeiro, as instituições terão que se readequar para continuar funcionando com qualidade, mesmo com recursos mais escassos e, desde já, se organizam, buscando alternativas e soluções para a construção de novos caminhos e novos paradigmas.

Creio que deste impositivo e grave momento da história da humanidade, a educação superior brasileira tira alguns importantes aprendizados. O primeiro deles é a da inquestionável imprescindibilidade da educação comunitária-privada no sistema educacional brasileiro. O papel da educação particular, sem fins lucrativos, em todos os níveis de ensino, ficou atestado na ágil, eficiente e compromissada resposta oferecida pelas instituições de ensino frente à pandemia. Não houve, nestas universidades, rupturas e interrupções, pois os estudantes precisam continuar estudando e os professores precisam continuar lecionando e pesquisando. Não há recursos públicos para sustentar essas instituições, muito menos se sua atividade fim se encontra paralisada, embora público seja o serviço que ela presta, formando profissionais, fazendo investigações acadêmicas e desenvolvendo projetos de extensão. Tudo é muito ajustado.

O segundo, não menos importante, é de que o mundo contemporâneo, mas isso não é de hoje, está a exigir cada vez



Raphael Calixto

“A escola em devir é para já. Temos que, de imediato, pensar que lugar e que dimensão e intensidade as práticas remotas de ensino terão ao serem agregadas ao ensino presencial.”

Prof. Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães, reitor da PUC Minas e bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte

mais da escola. Que ela esteja sintonizada e conectada com a realidade que as telas nos trazem de conteúdos, experiências, abordagens, novas linguagens, novos comportamentos e hábitos de consumo midiático, da amplificação das pessoas, também como autogestoras de sua formação. Redesenhos e reconfigurações de processos que se, antes, eram, em geral, muito centrados na figura do professor, agora ganham novas dimensões, dinâmicas, lógicas e, que, afinal, acabam por reinventar a própria natureza entre docentes e discentes e desses com o conhecimento.

Outro ponto relevante é que, considerando esse contexto que nos foi imposto pelo isolamento social, não creio que seja exagero dizer que o futuro, de algum modo, foi antecipado. A escola em devir é para já. Temos que, de imediato, pensar que lugar e que dimensão e intensidade as práticas remotas de ensino terão ao serem agregadas ao ensino presencial. É uma grande oportunidade, inclusive, para a justa reivindicação da universalização do acesso à internet de qualidade e gratuita e também da inclusão digital de todas as pessoas, mundo afora.

É difícil imaginar que a escola voltará para o mesmo lugar, ou seja, a situação que vivíamos no segundo semestre de 2019, que antecedeu a explosão do coronavírus no mundo.



NOVO CORONAVÍRUS

AÇÃO PREVENTIVA CONTRA A PANDEMIA

Regime Letivo Remoto foi uma das ações prontamente adotadas pela Universidade | **Rafaela Rodrigues**

Quando começou a se falar, em janeiro de 2020, no novo coronavírus (Covid-19) não se imaginava que, poucos meses depois, o mundo estaria em quarentena. O vírus surgiu em dezembro de 2019, na China, e em 29 de fevereiro sua presença já havia sido registrada em 49 países, de acordo com relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS). No início de março, o novo coronavírus foi definido como pandemia e, nesse mesmo mês, o número de infectados saltou de 100 para 800 mil, ultrapassando 1 milhão em 2 de abril. Essa rápida capacidade de transmissão da Covid-19 fez com que o mundo passasse a adotar medidas de segurança para conter seu avanço. As organizações se viram, repentinamente, obrigadas a mudarem sua forma de funcionamento. Muitas delas adotaram o teletrabalho e, na área de educação, lançaram mão também dos recursos do ensino a distância. A PUC Minas foi uma das primeiras a criar um comitê para monitoramento do novo coronavírus, e imediatamente adotou aulas a distância para seus cerca de 80 mil alunos da graduação e pós-graduação, por meio

de sistemas como o Canvas, um ambiente virtual de aprendizagem, e pelo SGA (Sistema de Gestão Acadêmica), já em uso no cotidiano da Universidade.

“A imposição do isolamento social feita pela OMS mostrou que a PUC Minas estava certa ao antecipar as medidas adotadas. O início deste processo foi um pouco atribulado, mas agora caminha com sucesso, tendo o engajamento de alunos”, afirma o reitor da PUC Minas e bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, professor Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães. Uma das primeiras medidas estabelecidas pelo comitê de monitoramento do coronavírus, formado por representantes dos setores ligados às áreas de Saúde, Infraestrutura, Ensino, Comunicação e Recursos Humanos, foi a suspensão de todos os eventos em auditórios e teatros agendados na Universidade e, logo em seguida, a adoção do Regime Letivo Remoto diante do agravamento da pandemia. O corpo técnico-administrativo também passou a atuar em sistema de teletrabalho.

Ensino a distância cresce e ajuda na prevenção

Apesar das dificuldades iniciais de adaptação ao Regime Letivo Remoto, a experiência tem sido uma oportunidade para os alunos vivenciarem as potencialidades do ensino a distância, que nos últimos anos desenvolveu-se consideravelmente, tornando-se a modalidade de ensino que mais cresce no país. “Na verdade, muitos dos nossos alunos já experimentam há algum tempo esse tipo de recurso, uma vez que a implantação das disciplinas semipresenciais vem sendo feita, com sucesso, na Universidade desde 2017”, assinala a pró-reitora de Graduação, professora Maria Inês Martins, lembrando que esse modelo permite ao aluno vivenciar na mesma disciplina os dois modelos de ensino, usufruindo das possibilidades que o ambiente virtual oferece, como a personalização do estudo, e da interação presencial.

Para o aluno do Curso de Sistemas de Informação da Unidade São Gabriel Ian Rodrigues, que não tinha tido contato anteriormente com a plataforma Canvas, a nova experiência tem sido

uma boa surpresa. “O que mais me surpreendeu foi como que, da noite para o dia, o setor de tecnologia da Universidade conseguiu migrar seus milhares de alunos e professores para um ambiente totalmente virtual com uma excelente qualidade”, afirma. Ian explica que ainda está em processo de adaptação. “No início foi um pouco conturbado nos quesitos de adaptação pessoal e também ao ambiente virtual. O regime remoto demanda um pouco mais de disciplina, mas com paciência dá para ser ajustado, principalmente neste momento pelo qual estamos passando”, destaca.

A experiência tem sido positiva também para a aluna do Curso de Medicina Veterinária do Campus Betim Georgea Carnog. “Está superando minhas expectativas. O meu é um curso em que as aulas presenciais são de muita importância, devido à grande quantidade de aulas práticas e da complexidade do curso, mas neste momento inédito que estamos vivendo, acho que a PUC vem conduzindo da melhor maneira possível”, pontua.

Ambiente virtual de qualidade

O professor Vinícius de Magalhães Barros, da graduação e do Programa de Pós-graduação em Odontologia da PUC Minas, teve contato inicial com o ambiente virtual de aprendizagem antes, mas no papel de aluno de um curso de especialização. “Como professor, eu ainda não tinha tido uma experiência utilizando ferramentas virtuais de aprendizagem de uma forma rotineira como tem acontecido. Foi uma grata surpresa, tanto para nós, professores, quanto para os alunos, que têm se mostrado receptivos a essa nova metodologia e vêm dominando as ferramentas a cada dia mais”, conta. Vinícius também destaca a praticidade da plataforma utilizada. “O Canvas tem inúmeras qualidades. É relativamente fácil de navegar por ele. Nós conseguimos, de maneira simples, organizar as disciplinas e fazer com que os alunos entendam todo o percurso de aprendizagem. Também temos ferramentas muito boas de testes, de compartilhamento de conteúdo, como videoaulas e textos, que são bastante interessantes para nós”, explica.

A plataforma Canvas, utilizada pela PUC Minas desde 2018, é hoje um dos mais modernos ambientes virtuais de ensino. “Um de seus diferenciais é o fato de ser bastante intuitivo e fácil de usar, o que

facilita a criação e o compartilhamento de conteúdo, a personalização do layout, além da interação entre as ferramentas”, destaca o diretor da PUC Minas Virtual, professor Marcos André Silveira Kutova. Para ele, a autorização do MEC para instituições de ensino superior substituírem as disciplinas presenciais por aulas a distância durante a pandemia representa um empurrão para as universidades colocarem em movimento uma reforma da educação superior que já estava parada há muito tempo. “É possível dizer que toda essa implantação de tecnologia que vem sendo feita pudesse ser vista com maior naturalidade daqui quatro ou cinco anos. Entretanto, devido à atual situação, foi uma implantação feita em um prazo de duas semanas. Com isso, muita coisa ainda precisa ser ajustada, temos muitos desafios para serem resolvidos, mas estamos na direção certa”, afirma.

A aluna Georgea diz estar surpresa com a qualidade das aulas remotas da PUC Minas. “Os professores estão se empenhando muito, estão sempre à disposição dos alunos e estão conseguindo dar continuidade ao cronograma proposto. Acho que as aulas teóricas serão bem aproveitadas pelos alunos durante esse período atípico”, finaliza.



SAIBA MAIS

INFORMAÇÃO
TAMBÉM FAZ
PARTE DA
PREVENÇÃO

A Universidade colocou no ar um site totalmente dedicado às informações sobre o Regime Letivo Remoto da PUC Minas e a Covid-19, com notícias, comunicados, respostas a dúvidas, reflexões e dicas de prevenção. O canal é um suporte para o compartilhamento de informações acerca da pandemia e de todas as decisões oficiais do MEC e da Universidade durante o período. Acesse: pucminas.br/coronavirus.



Raíssa Assunção Oliveira aponta, em sua dissertação, os benefícios do retrofit no centro de Belo Horizonte: “É um comprometimento com a preservação do patrimônio histórico da cidade”

CIDADE

RESGATE HISTÓRICO

Dissertações analisam políticas de revitalização do centro de BH | *Rafaela Rodrigues*

Ao se andar, hoje, pelas ruas do centro de Belo Horizonte não se imagina que já foi um local ocupado pela classe mais alta da cidade. Porém, logo que foi criada, a região central era símbolo dos ideais republicanos. Considerada a primeira cidade planejada do Brasil, a capital do estado teve seu centro delimitado pela Avenida do Contorno e se consolidou como um importante eixo econômico e político do Brasil. Com o passar dos anos, entretanto, ocorreu o processo de esvaziamento do centro histórico, que se tornou um espaço degradado tanto espacial, quanto socioeconomicamente. As políticas de revitalização da região, bem como o resgate de sua importância simbólica através de reformas de alguns edifícios, entre eles o Cine Theatro Brasil, foram objetos

de estudo de duas dissertações do Programa de Ciências Sociais da PUC Minas, que apontam os efeitos dessas experiências de renovação urbana em busca da requalificação da região.

“Belo Horizonte nasceu a partir do que hoje é a área central da cidade. Essa região foi concebida pelos projetistas como uma zona urbana, onde tudo começaria, inclusive as ocupações”, explica Raíssa Rocha Assunção Oliveira, arquiteta e mestre em Ciências Sociais pela PUC Minas, autora da dissertação Morar no centro: a experiência do retrofit em Belo Horizonte, defendida em setembro de 2019. Com o passar dos anos, contudo, a cidade foi crescendo para além dos limites da Contorno e ocorreu o processo de descentralização, que tornou o centro um local degradado e

obsoleto. “A partir do momento em que novas centralidades foram surgindo e atraindo cada vez mais moradores, iniciou-se uma migração, não só de pessoas, como também de parte do comércio e os investimentos públicos voltaram-se, principalmente, para a Região Sul da cidade”, afirma. Em sua dissertação, Raíssa mostra que, apesar de sua popularização e deterioração urbana, o centro nunca perdeu sua importância histórica e simbólica, como também nunca deixou de ser uma referência metropolitana.

Com o objetivo de reforçar este simbolismo da

região e transformá-la novamente em um lugar bom para morar, trabalhar, passear e conviver, o Programa Centro Vivo foi criado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte em 2004. Raíssa observa que diversos projetos e políticas de intervenção que buscavam a requalificação urbana – iniciados na década de 1980 –, foram incorporados ao Programa e medidas como recuperar calçadas, melhorar a circulação viária, criar shoppings populares para retirar vendedores ambulantes e instalar câmeras de segurança foram colocadas em prática.

Estratégias de renovação

Entre as estratégias utilizadas para a renovação do centro encontra-se o retrofit, objeto de pesquisa da dissertação de Raíssa, que é uma técnica surgida nos Estados Unidos e na Europa para recuperar edifícios antigos e em desuso. “Diferentemente de uma reforma comum, o retrofit não propõe a demolição e a reconstrução de algo totalmente novo, mas faz a recuperação de prédios ociosos, aproveitando suas estruturas. Isso contribui para gerar menos resíduos não renováveis e é um comprometimento com a preservação do patrimônio histórico da cidade”, explica Raíssa.

Em Belo Horizonte, o primeiro edifício retrofitado foi o Chiquito Lopes, antiga sede da Companhia Vale do Rio Doce localizada na rua São Paulo. “A primeira experiência de retrofit no centro da capital ocorreu em 2004, quando a construtora Diniz Camargos comprou o antigo prédio da Vale

e o transformou em um condomínio residencial”, aponta.

Outro edifício que passou pelo processo foi o Excelsior, localizado na Rua dos Caetés, em frente à praça Rio Branco. Construído na década de 1960, o prédio já funcionou como um hotel e, mais recentemente, foi a sede de uma empresa de seguros. Em 2013, a construtora Diniz Camargos realizou o retrofit do 16º ao 25º andar, que originou 152 apartamentos residenciais. Os 15 primeiros andares do edifício funcionam como uma escola profissionalizante. Thiago Alves da Silva Costa é morador do centro há 12 anos e passou três deles no Excelsior. “Ouvi falar da técnica do retrofit no momento em que fui conhecer o edifício. Foi bem proveitoso morar lá, já que está tudo novo, renovado e de uma maneira funcional. Vários problemas que eu havia vivenciado em outros apartamentos

O Edifício Tupis é um dos que passaram por revitalização no Centro de Belo Horizonte

Bruno Timóteo



“Acredito que o retrofit sirva como ferramenta para regularizar, perante o poder público, as ocupações. Mas, o que falta é viabilizar seu emprego através de melhorias, seja na legislação, seja na viabilidade econômica”

Raissa Oliveira

do centro mais antigos não ocorreram, como infiltração e coisas quebradas. Então o retrofit, nesse sentido, foi um grande diferencial”, explica Thiago.

De acordo com Raissa, um dos grandes desafios enfrentados é a legislação da região. “O que pude perceber com a minha pesquisa é que o retrofit é uma boa aposta, porém, uma série de processos precisa acontecer no âmbito legislativo para que a prática se firme como vantajosa. O que me foi relatado é que a prefeitura ainda não está preparada tecnicamente e nem amparada suficientemente por leis para agilizar processos de aprovação de projetos. A Lei 9.326 de 2007, que flexibilizou certos parâmetros urbanísticos, não está mais vigente, o que pode trazer dificuldades para o surgimento de novos retrofits”, explica.

A Secretaria de Política Urbana esclareceu, no entanto, por meio de nota, que o novo Plano Diretor (Lei 11.181/2019) prevê estímulo à adaptação de edificações existentes e flexibiliza parâmetros urbanísticos que facilitam a adaptação de edificações já construídas.

Retrofit no hipercentro

Os edifícios que passaram ou passam por recuperação na região central de BH

EDIFÍCIO	ENDEREÇO	INÍCIO/FIM DA OBRA	TIPOLOGIA	N. DE APTOS.	IDEALIZADOR
Chiquito Lopes	Rua São Paulo, 351	2004/2006	Residencial	167	Diniz Camargos
Tupis	Av. Amazonas, 749	2008/sem previsão	Misto	60	Diniz Camargos
Excelsior	Rua dos Caetés, 745	2013/2015	Residencial	152	Diniz Camargos
Pio XII	Rua Espírito Santo, 1059	2017/2019	Residencial	161	JB Simão

Fonte: Raissa Rocha Assunção Oliveira

Prédios para habitação social

Por mais que ter moradia seja um direito fundamental de todo cidadão, previsto pela Constituição Federal, existe nas grandes cidades uma crise habitacional que surge como resultado do modelo de desenvolvimento urbano. Imóveis ociosos e demanda por habitação são questões antagônicas presentes na maior parte das regiões centrais dos municípios brasileiros.

Em São Paulo, segundo a Prefeitura, existem cerca de 70 prédios ocupados por aproximadamente 4.000 famílias no centro da cidade, em 2018. “Como mostro na minha dissertação, já temos alguns exemplos de retrofit destinados a produzir habitação de interesse social em grandes centros brasileiros, mas que ainda não ocorreram em Belo Horizonte”, conta Raissa.

A arquiteta e pesquisadora ainda aponta um exemplo bem-sucedido de retrofit destinado à habitação social, o Edifício Dandara, localizado na região central de São Paulo, que pertencia à União e se encontrava vazio por mais de dez anos. Segundo sua pesquisa, o prédio, originalmente institucional – sede antiga do Tribunal Regional do Trabalho –, teve sua área construída transformada em 120 apartamentos, comportando famílias com renda de até 3 salários mínimos. “Acredito que o retrofit sirva como ferramenta para regularizar, perante o poder público, as ocupações. Mas, o que falta é viabilizar seu emprego através de melhorias, seja na legislação, seja na viabilidade econômica”, afirma.



A revitalização do Cine Brasil

Inaugurado em 1932, o Cine Theatro Brasil foi um dos principais cinemas de rua de Belo Horizonte e abrigou, durante décadas, cinema, teatro, ópera, música, bailes de carnaval e salas comerciais. Seu fechamento, no ano de 1999, deu fim a um icônico ponto de encontro da sociedade belo-horizontina. Os impactos da revitalização desse equipamento cultural do centro de Belo Horizonte e as repercussões de sua reabertura na região foi o tema da dissertação A cultura e o resgate simbólico de áreas centrais: o caso do Cine Brasil e seus efeitos em Belo Horizonte, também defendida pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, em setembro de 2019.

De acordo com a autora da Renata de Leorne Salles, graduada em Arquitetura e Urbanismo e pesquisadora nos grupos Observatório das Metrópoles e Políticas Públicas e Cidades da PUC Minas, o Cine Brasil possui imenso valor histórico e simbólico para a capital. “Além de ter marcado a cena cultural de Belo Horizonte, foi também um dos pioneiros no processo de verticalização da cidade, transformando a paisagem urbana do centro”, conta.

Situado na Praça Sete de Setembro, o prédio de oito andares passou por uma restauração completa e foi reinaugurado em 2013. “A revitalização do Cine e sua consequente reabertura como espa-

ço cultural é um caso de experiência de renovação urbana, assim como outros que vêm ocorrendo no Brasil e no mundo, que visa à recuperação de áreas centrais degradadas através do apelo cultural, seja para o aumento da atratividade desses locais, seja para a promoção da cidade em termos mais amplos”, explica Renata.

A pesquisa de Renata buscou compreender os efeitos da reabertura desse equipamento cultural no espaço público revitalizado do centro de Belo Horizonte. “O Cine Brasil possui um enorme poder de atrair público para o local, criando uma certa animação cultural na região. Entretanto, ao que tudo indica, essa nova oferta, predominantemente direcionada para os setores médios, não está sendo capaz de exercer alterações significativas, seja no perfil do comércio ou na apropriação cotidiana da região”, aponta.

Segundo a pesquisadora, grande parte do público vai ao centro somente como consumidor das atrações culturais, permanecendo pouco tempo nos arredores do prédio, tanto na chegada, quanto após os espetáculos. “Os processos de renovação das áreas centrais são necessários e urgentes. O grande desafio é realizar propostas capazes de promover a inclusão dos diferentes grupos atuantes no território para o alcance da desejada valorização da diversidade social que existe nessas regiões”, questiona Renata.

Renata de Leorne Salles aponta a revitalização do Cine Brasil como uma experiência bem-sucedida de renovação urbana

EXTENSÃO

PATRIMÔNIO PRESERVADO

Projeto em parceria com a UFMG propõe reformas para conservação de igrejas tombadas | Livia Arcanjo

A Matriz de Raposos passou por uma reforma externa, de pintura e iluminação. Atualmente, está sendo executada reforma interna

Construções como prédios, pontes e castelos são capazes de retratar a história de um povo e de um tempo. Em Minas Gerais, uma edificação específica é responsável por grande parte de sua identidade cultural: as igrejas. O Estado, que abriga a maior rota de turismo religioso do Brasil, o Caminho Religioso da Estrada Real, possui centenas delas, sendo que muitas são tombadas. No entanto, essas construções que atravessam séculos sofrem com a degradação provocada pelo próprio tempo. Foi a vontade de ajudar a restaurar a igreja do município de Piedade do Paraopeba, onde possui uma residência, que despertou na professora Gláucia Nolasco, do Curso de Engenharia Civil da PUC Minas, o interesse de desenvolver um projeto com o intuito de colaborar com essas construções centenárias.

“A preservação do patrimônio é importante por questões histórica, cultural e também pela sustentabilidade. Tem gente que fala que é coisa velha, mas não é. Essas edificações têm a história de

vida das pessoas, da forma como as pessoas viviam. Há muitas cidades mineiras que vivem do turismo e da preservação de seus patrimônios”, explica Gláucia, que desenvolve, desde 2018, o projeto de extensão Patrimônio Construído em parceria com a professora Cynara Fiedler, da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O projeto avalia as condições de conservação e estrutura de igrejas da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e propõe, de acordo com cada necessidade, um projeto de intervenção, seja estrutural ou de reparo estético, com o intuito de preservar essa edificação. Acompanhados de extensionistas dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Engenharia Civil de ambas as universidades, as professoras visitam as igrejas, fazem as avaliações técnicas, elaboram um projeto de intervenção, quando há necessidade, e repassam ao Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte que, por sua vez, encaminha aos órgãos responsáveis, como o

“A preservação do patrimônio é importante pela questão histórica, cultural e também pela sustentabilidade”

Professora Cynara Fiedler

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha) e Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Hebert Júnior, arquiteto do Inventário, é o responsável pelo intermédio entre o projeto de extensão e os órgãos executores. “Minha contribuição é no sentido de indicar as igrejas que têm uma maior demanda em relação a manifestações patológicas, fornecimento de informações históricas e levantamentos arquitetônicos, contato com as paróquias, acompanhamento nas visitas técnicas e no processo de elaboração dos projetos, com posterior envio aos órgãos de patrimônio, para aprovação. No âmbito dos trabalhos do Memorial, ainda acompanho todo o processo de contratação das empresas e acompanhamento das obras”, explica. As demandas mais comuns são intervenções estéticas, como pintura e acabamento em geral de paredes e alvenarias. Mas há aquelas mais complexas, que podem acarretar em comprometimento da estrutura, como infiltrações, danificação no telhado e drenagem.

Além de Piedade do Paraopeba, a equipe já visitou igrejas em Raposos, Nova Lima, Caeté e Sabará. “Até 2018 nós nos limitávamos a fazer o relatório e identificar os problemas. Em 2019, quando nós fizemos essa parceria com o Memorial da Arquidiocese, aí nós começamos a fazer as sugestões e apresentar soluções para os problemas. Sobre as que visitamos em 2019, estamos entregando os relatórios, agora, com os projetos.

Aí eles começarão a dar entrada nesse procedimento todo para fazer as intervenções neste ano de 2020”, relata Gláucia. Três igrejas foram selecionadas em Caeté, Sabará e Santa Luzia.

Padre Eribaldo Pereira Santos era pároco da igreja de Raposos quando o projeto foi desenvolvido por lá. Segundo ele, a equipe do Patrimônio Construído realizou um trabalho de aferição da ação, sobre a estrutura física da Matriz, de carros que circulam na rua lateral da igreja, que é tombada pelo Iphan. Como os dados do projeto, foi solicitado à prefeitura a interrupção da circulação de veículos na referida rua. Nesse sentido, ficou acordado com a Prefeitura Municipal a permuta do cemitério paroquial por uma área em um bairro da cidade, para a construção de uma capela, e a transformação da rua lateral da igreja em uma praça. A Matriz de Raposos, a partir de uma emenda parlamentar, passou por uma reforma externa, de pintura e iluminação. Atualmente, está sendo executada reforma interna, acompanhada pelo atual pároco”, conta padre Eribaldo.

Atualmente ele é pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Sabará, uma das igrejas previstas no projeto em 2020. “Esperamos que, com os dados apresentados, possamos ter subsídios para iniciar o processo de captação de recursos para a reforma desta matriz, também tombada pelo Iphan. Acreditamos que, enquanto guardiã de grande parte do patrimônio histórico e artístico nacional, cabe à Igreja Católica uma atenção especial para com a manutenção e reforma dos prédios sob nossa responsabilidade”, afirma o pároco, que resume sua opinião citando o artista plástico Aloísio Magalhães, defensor das referências culturais e do resgate da memória do Brasil: ‘a comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio’.

Padre Eribaldo, ao centro, com equipe que atuou na Igreja Nossa Senhora da Conceição, em Raposos

Educação Patrimonial

Além da abordagem técnica, o projeto ganhou outra vertente: a educativa. Por meio de oficinas, os extensionistas do projeto ensinaram às crianças do Ensino Fundamental de uma escola em Sabará o significado dessas construções para a conservação da memória local, com o intuito de formar ‘preservadores mirins’. A importância da conservação do patrimônio e a identificação de patologias são alguns temas abordados nas atividades.

“Percebemos que eles têm conhecimento dos pontos turísticos da cidade que eles gostam de visitar e isso trouxe uma reflexão muito importante porque a gente queria trabalhar com a importância da conservação do patrimônio para a sociedade e de como todos poderiam colaborar com essa preservação”, explica Gláucia. A ideia é que quando o projeto retomar suas atividades, em 2020, outras escolas dos locais de atuação sejam capacitadas.

Oportunidade de qualificação

Atualmente o projeto conta com a colaboração de 15 alunos da PUC Minas e quatro da UFMG, que participam de todas as etapas do projeto. “Eles atuam nas visitas, nas vistorias, na emissão dos relatórios e projetos e nas oficinas, que classifico de parte divertida da iniciativa. É um projeto que reúne os três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Uma parte dos alunos se interessa mais pelas visitas técnicas e pelo levantamento técnico. E há aqueles que se interessam pela pesquisa”, explica Gláucia. Para a professora, os participantes têm duplo benefício: de prestar um serviço para a sociedade e de se qualificar.

“É uma área muito específica e não existe dentro do curso. Geralmente, quem trabalha nessa área fez pós-graduação. Então, quando os alunos que querem trabalhar ficam sabendo do projeto, me procuram. Geralmente, são os que querem trabalhar com avaliação de edificações ou patrimônio histórico. Ano passado, por exemplo, um aluno me contou que conseguiu estágio e foi contratado em uma empresa que trabalha com avaliação por causa da sua participação no projeto. Para mim foi muito satisfatório”, conta.

Trata-se de Eliseu Cruz, recém-formado no Curso de Engenharia Civil. Natural de Tiradentes,

ele sempre nutriu interesse pelo patrimônio histórico e sua conservação e viu no projeto a possibilidade de trabalhar na área. “Acompanhei de perto perdas, conquistas e desafios dos tiradentinos para manter o patrimônio edificado bem conservado e no projeto vi a oportunidade de contribuir com esse trabalho de preservação e de manutenção dos nossos bens materiais. Ele conta que pode ter contato com uma vertente diferente da Engenharia, um olhar para a importância dela para a preservação do patrimônio e da história. Diz que pôde ter contato com as inspeções, com os ensaios e com a área que observa e recupera manifestações patológicas, que, segundo explica, é basicamente tudo aquilo que realiza hoje no trabalho. “Foi a porta de entrada para a área de recuperação de estruturas, análise e tratamento de manifestações patológicas, que, somado à redação do artigo que visou o estudo de caso de um processo de restauração e reforço da estrutura do Santuário da Santíssima Trindade, pesaram positivamente no meu currículo e despertaram o interesse para que a empresa Recuperação Engenharia me convidasse para participar do seu corpo técnico e contribuir para a recuperação de estruturas de concreto”, relata.

Hebert Júnior (à dir., de blusa azul), arquiteto do inventário, e demais componentes do grupo que atua na Igreja Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Caeté



TURISMO RELIGIOSO CAMINHO VIRTUOSO

Rota Nhá Chica, que liga Tiradentes a São Lourenço, associa 11 trechos a 11 virtudes da beata Francisca de Paula de Jesus | **Leandro Felicíssimo**

É preciso estar muito desatento para não perceber a devoção presente nos 11 trechos dos 226 quilômetros da rota Nhá Chica – Caminho das Virtudes, que liga Tiradentes, no Campo das Vertentes, a São Lourenço, no Sul de Minas, e que integra o Caminho Religioso da Estrada Real (Crer). É que a cada trecho está associada uma virtude da beata Francisca de Paula de Jesus, como fé, humildade, prudência, fortaleza, justiça, pobreza, obediência, caridade, esperança e temperança. O Núcleo de Estudos e Pesquisa em Pastoral da Cultura (Nepac) – órgão do Anima PUC Minas – reorganizou essas virtudes em 11 trechos, e não somente as nove cidades, a uma das 11 virtudes da vida da beata. A cada trecho está associada uma virtude, localidades nas quais o fiel tem a oportunidade de refletir sobre cada uma (veja quadro). A iniciativa tem parceria do Nepac e da Arquidiocese de Belo Horizonte, por meio do Santuário Nossa Senhora da Piedade.

De modo teologal, começando pela fé, em Tiradentes, finalizando com o amor, em São Lourenço, ou em sentido inverso. Logo após a fé, vem a humildade, do outro lado, a gratuidade. A inocência, associada a Santo Antônio do Rio das Mortes, distrito de São João del-Rei, onde nasceu Nhá Chica; na outra ponta, a Consciência, associa-

da a Baependi, cidade que acolheu a beata a partir dos 9 anos de idade. Seguido pela Contemplação, pela Acolhida, pela Esperança, pela Empatia, pela Justiça. “Pegamos as virtudes e as reorganizamos, algumas delas não estavam atualizadas, não havia sincronia com a rota”, diz o professor Camilo de Lélis Oliveira Santos Ribeiro, integrante do Nepac e professor do Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa. As virtudes foram reorganizadas para além da devoção já presente em Baependi e Santo Antônio do Rio das Mortes: as virtudes foram associadas à padroeira de cada localidade, por exemplo Carrancas, cuja padroeira é Nossa Senhora da Conceição, ligada à Esperança. A reorganização foi apresentada para o Setor Cultura da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). À beata é creditado o milagre da cura de morador de Baependi que possuía problemas de coração e os sintomas desapareceram com a sua devoção à Nhá Chica.

“A ideia da rota, criada em 2019, é empoderar as comunidades”, pontua o professor Camilo. Trata-se, explica ele, do incentivo ao chamado turismo de base comunitária, que, de acordo com o Papa Francisco, no qual a própria comunidade deve se organizar, gerenciar o produto (por exemplo, artesanato), descentralizar e fazer o turismo como renda, neste território rico de espiritualidade.

Turismo de caminho

O Serviço Brasileiro das Micro e Pequenas Empresas, o Sebrae-MG, mapeou a rota Nhá Chica, a partir da rota que já havia, a de São Lourenço. O Sebrae e a CNBB fizeram reuniões das dioceses de Campanha e de São João del-Rei com bispos e padres de toda a rota. Os próximos passos são o desenvolvimento de marcos com as virtudes para serem fixadas ao longo do caminho e a escolha de pousadas domiciliares, como a Fazenda Taituba, um dos 11 trechos. Será criado ainda livreto com conteúdo das virtudes, para auxiliar as pessoas na reflexão durante a peregrinação, permitindo o mergulho na religiosidade. A ideia é que o Sebrae desenvolva oficinas relacionadas a cada uma das virtudes. Com o conceito de Turismo de Caminho, valoriza-se mais o caminho do que a chegada em si, ressaltando a riqueza, como cachoeiras e a gastronomia, por exemplo. O professor Camilo, que foi um dos participantes da primeira peregrinação realizada em novembro, disse que o caminho é 95% de terra, com vales, cânions, “caminho

que enche os olhos, com natureza muito preservada, com gente simples e religiosidade presente em suas várias igrejas e respectivas padroeiras, principalmente depois de Santo Antônio do Rio das Mortes a Baependi, com muitos sinais de adoração, devoção”.

O Nepac está assessorando as comunidades para a criação de uma associação sobre o caminho. Foi com a CNBB que o núcleo organizou peregrinação a pé, de bicicleta e de jipe, coincidindo com a IV Romaria do Crer e com o Salão do Turismo Religioso (Santure). Foram 11 dias de caminhada, em cada um dos sentidos, em que cinco peregrinos percorreram toda a rota; outros de bicicleta durante quatro dias; e outros de jipe, durante dois dias. Os peregrinos levaram três imagens de Nhá Chica doadas pelas dioceses locais. A imagem que saiu de Tiradentes, por exemplo, ficou em Campanha, no Sul de Minas, e o destino da que estava em São Lourenço será São João del-Rei, no Campo das Vertentes.

Riqueza da rota

Josimar da Silva Azevedo, professor coordenador do Nepac, foi o primeiro a fazer toda a rota em bicicleta, o que durou quatro dias. Ele conta que em Santo Antônio do Rio das Mortes há sinalização até o local de batismo de Nhá Chica. Diz que a rota é muito rica em atrativos religiosos, culturais e águas termais, além de grandes festivais em cidades como Tiradentes e São João del-Rei. “Tudo isso compõe a riqueza da rota”, diz o professor. Há cerca de três anos foram descobertas as ruínas

onde Nhá Chica fora batizada, conta. Já em Baependi há o Santuário Nhá Chica, inaugurado em dezembro último, que tem memorial dedicado à beata. Rezar, caminhar e vivenciar essa devoção, um encontro com a natureza, com o meio ambiente, com os grupos populacionais, suas histórias e memórias, assim define o professor Josimar. “Para o peregrino existe uma alteração no status de sua existência. O caminho tem muitas exigências. É como se tivesse vida própria”,

O professor Josimar Azevedo foi o primeiro a fazer toda a rota em bicicleta, o que durou quatro dias



Acervo pessoal



diz. “O caminho te cobra um despojamento muito grande, uma abertura motivada pela mística religiosa”.

Maria do Carmo Nicolliello Pinho, comerciante aposentada de Baependi, secretária da Comissão Histórica, diz que ser devoto de Nhá Chica é “recorrer a ela nas dificuldades da vida; é pedir sua proteção nas resoluções que temos de tomar; é pedir auxílio nas doenças, às vezes nem é um milagre que queremos, mas um cuidado na escolha do médico certo para nos medicar; ela auxilia muito nas gestações, nos partos. Até pedimos a cura da alma, mais paciência com nossos erros e dos outros; aceitação daquilo que nos atormenta. Ela nos ajuda a perdoar, a nos livrarmos das mágoas e ressentimentos”.

A partir da biografia documentada de Nhá Chica, Maria do Carmo ressalta que, “após pesquisas nos cartórios de Registro Civil de Baependi e municípios vizinhos, foi constatado um número muito expressivo de pessoas que trazem o nome da Serva de Deus, ou seja, pessoas que foram batizadas com o nome de Francisca Isabel, Francisca de Paula, Francisca de Jesus, Francisca de Paula de Jesus, Francisca Paula de Jesus ou Francisca Isabel de Jesus. (...)”

NOVA REORGANIZAÇÃO DAS VIRTUDES DE NHÁ CHICA:

- Fé (Tiradentes)
- Humildade
- Inocência (Santo Antônio do Rio das Mortes)
- Contemplação
- Acolhida
- Esperança
- Empatia
- Justiça
- Consciência (Baependi)
- Gratuidade
- Amor (São Lourenço)

Reorganização elaborada pelo Prof. Camilo de Lélis – Nepac PUC Minas

VIRTUDES

Nhá Chica seguiu todo o Caminho das Virtudes Heroicas, finalmente reconhecidas e aprovadas em 14 de janeiro de 2011 pelo então Papa Bento XVI: castidade, obediência, fé, pobreza, esperança, caridade, fortaleza, prudência, temperança, justiça e humildade.

1. Castidade: seguiu os conselhos de sua mãe e permaneceu solteira para melhor servir a Deus;
2. Obediência: sempre primou por cumprir os preceitos religiosos. Era obediente também como cidadã, para construir a Capela pagou alvará ao poder público;
3. Fé: possuía fé viva em Nossa Senhora da Conceição, a quem chamava Minha Sinhá. Ela dizia: ‘o Espírito Santo me inspira, porque tenho Fé viva’;
4. Pobreza: pobre por opção, como Herdeira universal de seu irmão, preferiu viver na pobreza;
5. Esperança: demonstrava esperança no ser humano e estava sempre pronta a ajudá-lo a superar as dificuldades;
6. Caridade: exercia a caridade de várias formas, tanto alimentando a alma, quanto o espírito daqueles que a procuravam;
7. Fortaleza: forte de corpo e alma, ajudava a todos, de longe ou de perto; pobres e ricos. Possuía firmeza nas dificuldades e constância em exercer o bem;
8. Prudência: Nhá Chica era prudente e planejava com calma suas ações. Possuía Conhecimento e Sabedoria;
9. Temperança: sua casa, muito simples, de terra batida; sua cama era um catre, onde não havia colchão. Tudo o mais era para os pobres;
10. Justiça: exercia essa virtude com todos que com ela conviviam. No seu testamento deixa um bom legado ao Félix, seu serviçal;
11. Humildade: Nhá Chica se curvava em oração às sextas-feiras quando meditava sobre a Paixão de Cristo. Nunca atribuía a si mesma as predições e clarividência. Ora o Espírito Santo, ora Nossa Senhora da Conceição que a inspiravam.

COMUNIDADE

ARQUITETURA

ACESSÍVEL

Parceria realiza sonho de moradores de ocupação em ter casas projetadas com qualidade | **Luiza Rocha**

Ao ter sua família selecionada para receber um dos lotes da ocupação Paulo Freire, na região sudoeste da capital mineira, a diarista Margarete Cardoso de Lima não sabia como poderia construir a sua casa. “O lote é pequeno, pois são muitas famílias que vão morar aqui, e a questão financeira também pesa muito. Por isso, era preciso pensar bem como iríamos fazer”, conta. Para a surpresa de Margarete, ela recebeu, ao longo dos últimos semestres, uma força-tarefa composta por alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas Praça da Liberdade, em parceria com o projeto Arquitetura na Periferia (veja box), que, desde o começo, a ajudaram a realizar o sonho de ter uma casa própria a partir de um proje-

to pensado especialmente para sua família.

Segundo o professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo André Costa Braga Soares, docente da disciplina Projeto III, a parceria da PUC Minas com o projeto Arquitetura na Periferia surgiu a partir da preocupação do curso em trabalhar aspectos técnicos da construção civil em suas aulas e do contato do Escritório de Integração do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas com a rede de estudos sobre as Ocupações Urbanas da Região Metropolitana de Belo Horizonte, que inclui membros de movimentos sociais, profissionais, professores e estudantes de diversas escolas e faculdades. “O curso tem ciência da importância da experiência prática de construção nas aulas e,

Fotos: André Costa Braga Soares



Gilmara Sousa Costa (à esq.), aluna do Curso de Arquitetura e Urbanismo

apoiado neste princípio, originou o workshop de execução de obras, organizado em conjunto com o Arquitetura na Periferia. O passo seguinte foi viabilizar a experiência dos alunos em atender a realidade de uma das famílias assessoradas pela iniciativa”, comenta.

Dando início à parceria estabelecida entre curso e a iniciativa, uma equipe formada pelos alunos e pelo professor se reuniram com Margarete e sua família para entender as expectativas dos moradores em relação à nova casa. “A partir desta realidade social, surgiram as demandas para os futuros arquitetos pesquisarem, estudarem, elaborar estratégias e proporem formas de executar a residência, frente às diversas dificuldades encontradas, como o acesso a infraestrutura urbana de água, luz e esgoto; a inserção urbana da comunidade, além das dificuldades que moradoras das ocupações periféricas enfrentam cotidianamente: trabalhar, criar uma família e construir a própria residência com as mãos”, revela.

Para a estudante Gilmara Sousa Costa, que participou deste momento com a família, a experiência vivenciada foi um grande diferencial no que diz respeito a sua formação profissional. “A Arquitetura é sempre colocada como um artigo de luxo, a que poucas pessoas têm acesso. Esse projeto fez a gente se inserir na realidade da família, que é de limitação financeira e, ainda assim,



pensar e apresentar uma proposta de qualidade que pudesse atender realmente a família da melhor forma possível”.

Ao final dos períodos letivos, os estudantes participaram de mutirões em canteiros de obras da ocupação, atuando junto ao projeto Arquitetura na Periferia, moradoras do local e de profissionais da construção civil. “A participação nos mutirões foi pensada para dar a oportunidade aos alunos de presenciarem, na prática, aplicação de saberes construtivos técnicos e acadêmicos apresentados em sala de aula ao longo do semestre”, explica André. Ainda de acordo com o professor, o Curso de Arquitetura e Urbanismo conta com o acesso a material de construção para ser utilizado para o aprendizado prático de obras, que foi de grande valia para a realização dessas ações.

Alunos têm oportunidade de vivenciar a realidade dos moradores de ocupação, que constroem as próprias casas

Projeto Arquitetura na Periferia

A arquiteta Carina Guedes de Mendonça, diretora fundadora do projeto Arquitetura na Periferia, explica que a iniciativa oferece assessoria técnica para mulheres que têm interesse em construir suas casas, mas que não têm conhecimento de como isso pode ser feito. “O objetivo principal é garantir um ganho de autonomia e confiança nelas, para que possam resolver algumas pendências sozinhas. Além disso, por meio de nossas oficinas, podemos descobrir alguns talentos para a construção”, revela.

Margarete, junto com sua filha, participou de oficinas promovidas pelo projeto e revela a importância que elas tiveram em sua vida. “Hoje eu já consigo saber medida de material, assentar piso e cerâmicas, levantar paredes. Assim, não preciso ficar gastando dinheiro com isso, sendo que eu mesmo já sei fazer”, comemora. Com parte da residência já concluída, Margarete se diz realizada com o projeto. “Foi ótimo poder contar com o auxílio dos alunos aqui, eles me ajudaram bastante”, afirma.

Carina acredita que a parceria é muito positiva e

que as experiências vivenciadas são um diferencial na vida dos acadêmicos. “O intuito é fazer com que os alunos se tornem arquitetos que irão contribuir e ter ideias que sejam mais próximos da realidade do país”, relata. O professor André endossa a ideia e reforça a importância para a experiência profissional dos estudantes ao se pensar os projetos a partir da realidade cotidiana da cidade. “Essas ações incentivam a construção da visão crítica dos discentes sobre as possibilidades que o conhecimento presente no meio acadêmico pode ter na transformação das comunidades e da realidade urbana”, argumenta.

Os trabalhos em campo, o contato com os moradores da ocupação e com a família atendida também foram significativos para a estudante Gilmara. “Ter a oportunidade de ver com os olhos dos outros, conviver com a família e ouvir as suas necessidades fez toda a diferença na hora de pensarmos o projeto. Foi incrível e vou levar isso para toda a minha vida”, reflete.

SAIBA MAIS

O projeto, batizado Arquitetura na Periferia, nasceu da pesquisa de mestrado de Carina e já soma bons resultados e apoio internacional. A primeira edição ocorreu entre setembro de 2013 e junho de 2014, com três famílias. Por dez meses, a arquiteta fez visitas semanais ao terreno, batizado ocupação Dandara, no Bairro Trevo, na Região da Pampulha.

COMUNIDADE

APAC EM BELO HORIZONTE

Como apoio da PUC Minas, unidade no bairro Gameleira é a primeira em uma capital brasileira e única feminina da Região Metropolitana | **Fernando Ávila**

1972. Nasce em São José dos Campos (SP), por iniciativa de um grupo de voluntários, a Apac. Na época, a sigla significava Aman-do ao Próximo Amarás a Cristo. Mais tarde é constituída juridicamente como Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, nome com a qual é conhecida até hoje.

De lá para cá, a entidade cresceu, consolidou sua metodologia, e atualmente conta com 53 unidades no país. Minas Gerais é o Estado com o maior número. Uma delas, a de Santa Luzia, foi fundada em 2006 por meio de parceria com a PUC Minas, a Arquidiocese de Belo Horizonte e o Instituto dos Irmãos Maristas. “A PUC Minas, desde a concepção, tem uma participação muito ativa. O projeto arquitetônico da Apac Santa Luzia foi elaborado pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo”, conta a professora Fernanda Simplício, coordenadora do programa de extensão *(A)penas*

Fotos: Raphael Calixto



A professora Fernanda Simplício, coordenadora do programa de extensão *(A)penas Humanos*, que desenvolve diversas atividades na Apac

Humanos, que desenvolve diversas atividades interdisciplinares na Associação, com o objetivo de contribuir para a efetivação e aperfeiçoamento da política pública do método.

Quarenta e oito anos depois da fundação, é inaugurada no final do ano passado, também com o apoio da Universidade, a Apac de Belo Horizonte, a primeira em uma capital brasileira e única feminina da Região Metropolitana. O novo Centro de Reintegração Social ocupa uma área de 5.000 metros quadrados, no bairro Gameleira, vizinho ao Coração Eucarístico, região Noroeste. Para a professora Fernanda, a localização próxima irá facilitar o acesso da comunidade acadêmica e o trabalho com as famílias das recuperandas, como são chamadas as presas na Apac. “Desde que esse projeto tomou corpo, há dois anos, a PUC foi convidada a participar do conselho deliberativo e a traçar um plano de trabalho para ser desenvolvido junto a esta Apac”, explica a professora.

A Apac é uma entidade civil dedicada à recuperação e à reintegração social dos condenados a penas privativas de liberdade. O objetivo é promover a humanização das prisões, sem perder de vista a finalidade punitiva da pena. A taxa média de reincidência é de apenas 15%, enquanto que a do sistema prisional comum é de 80%.

Apesar da inauguração, a entidade ainda aguarda liberação da Secretaria de Estado de Segurança Pública para iniciar a ocupação, projetada para receber 150 recuperandas, conforme conta o presidente da Apac Belo Horizonte, Marcelo Gonçalves da Costa. “A perspectiva, nesse contexto, é de as primeiras vagas serem preenchidas por mulheres que, dentre outros critérios, possuem vínculos familiares na comarca de Belo Horizonte e que já estejam cumprindo pena em Apacs no interior do Estado”, afirma. De acordo com ele, um conjunto de fatores, aliados à vontade política, contribuíram para a construção dessa nova unidade.



Avaliação psicológica

Por ser parceira da Apac, a Universidade realizou, entre novembro e dezembro do ano passado, avaliação psicológica dos candidatos às vagas na unidade, mobilizando vários alunos e três professores. Segundo a professora Fernanda Simplício, 150 candidatos passaram por esta etapa do processo seletivo, que visou selecionar ao todo 21 funcionários, para cargos como o de tesoureiro, secretário, segurança, estagiários, entre outros.

“O processo de seleção de funcionários da Apac/BH surpreendeu a todos, principalmente pelo seu gigantismo. Sem a participação efetiva do corpo docente e discente do Curso de Psicologia da PUC Minas não atingiríamos o sucesso que ele alcançou”, elogia Costa.

Por se tratar de uma unidade feminina, a professora Fernanda explica que o trabalho será adaptado às particularidades desse público. Na visão dela, a mulher é muito mais socialmente condenada quando comete algum crime do que o homem. “O que a gente possui de registro das experiências com presídio feminino é que a família se afasta da mulher, diferentemente da prisão masculina, que no dia da visita está lotada de mulheres, mães, esposas, companheiras. Que-

remos pensar em ações que possam fortalecer o vínculo da família com as mulheres privadas de liberdade”, conta. De acordo com ela, serão três eixos de atuação: recuperandas, família e comunidade. As ações terão início com os cursos de Psicologia e Direito e envolverão também a pós-graduação.

A aluna do mestrado em Direito da PUC Minas Vanessa de Sousa Soares, de 27 anos, conta que atuou no programa *(A)penas Humanos* durante dois anos,

“O processo de seleção de funcionários da Apac/BH surpreendeu a todos, principalmente pelo seu gigantismo. Sem a participação efetiva do corpo docente e discente do Curso de Psicologia da PUC Minas não atingiríamos o sucesso que ele alcançou”

Marcelo Gonçalves da Costa, presidente da Apac Belo Horizonte

quando cursava graduação em Direito. Sob supervisão docente, realizava atendimentos jurídicos, acompanhava a execução penal, analisava os atestados de pena e verificava se havia direito a algum benefício. Em 2019, conta que regressou ao programa como aluna da pós-graduação, e hoje também desenvolve atividades de supervisão. “Tenho certeza que essa oportunidade mudou completamente o destino da minha vida acadêmica e profissional”, afirma.

Relação com a comunidade

O presidente da Associação de Moradores do bairro Coração Eucarístico (Amocoreu), Cassius Marcellus, conta que tomou conhecimento sobre a construção da Apac na Gameleira por meio de uma jornalista. Segundo ele, tão logo a informação começou a circular, a Associação recebeu muitas mensagens de preocupação e irritação da comunidade. “Um fator que chamou atenção de forma muito negativa foi o fato de a construção ocorrer sem nenhuma informação antes do início e nem durante a construção. E ainda pior: não havia nenhuma sinalização no local sobre as obras que estavam acontecendo”, afirmou.

Perguntado sobre as queixas da comunidade em relação à falta de comunicação, o presidente da Apac Belo Horizonte afirmou que as questões relacionadas ao sistema prisional tendem a ser carregadas de uma carga de dificuldades, especialmente assentada no preconceito cultural da própria comunidade. Apesar disso, ele defendeu: “O exercício de um trabalho sério, em interação com a própria sociedade, é um grande aliado na superação dessa resistência, na medida em que apresenta a comunidade como uma beneficiária direta da obra”.

MARKETING

CONSUMIDOR VULNERÁVEL

Dissertação avalia a vulnerabilidade no consumo de carne processada | **Michelle Stammel**

Rótulos complexos, com letras miúdas e nomes e imagens que podem induzir a uma ideia de saúde interferem no processo de decisão e tornam consumidores de carnes processadas mais vulneráveis a escolhas erradas no Brasil. Este é um dos resultados da pesquisa *Carne Fraca ou Consumidor Vulnerável? Um estudo do sistema de marketing de carnes processadas no contexto brasileiro*, desenvolvida por Bruna Scoralick, no Programa de Pós-graduação em Administração. A dissertação de mestrado, orientada pelo professor Ramon Silva Leite, teve por objetivo compreender a vulnerabilidade do consumidor de carnes processadas com base nas relações existentes no sistema de marketing brasileiro. A pesquisa é considerada inédita, uma vez que não foram encontrados estudos, nacionais ou internacionais, que analisem a vulnerabilidade do consumidor

presente nas relações de troca que ocorrem dentro do sistema de marketing e que considerem o ponto de vista dos três atores primários.

“A discussão sobre a vulnerabilidade do consumidor é importante para estabelecer um mercado mais equilibrado e que atenda os interesses de todos os participantes desse sistema. Quando falamos em vulnerabilidade, esse conceito parece distante da nossa realidade”, explica Bruna. O conceito de vulnerabilidade, para o macromarketing, indica que as relações de troca do mercado podem ser harmoniosas, de modo a equilibrar os interesses do marketing e da sociedade de forma bilateral.

A operação Carne Fraca, deflagrada pela Polícia Federal em 2017, investigou a prática de adulteração de carnes processadas e a comercialização de produtos com data de validade vencida. Os impactos da investigação, que ainda perdura, podem ter ido além dos prejuízos financeiros sofridos pelo mercado e exposto, de forma mais clara a vulnerabilidade dos consumidores. Este impacto incentivou o desenvolvimento da dissertação. Para Bruna, a investigação da vulnerabilidade no consumo de alimentos é muito importante porque trata de itens consumidos rotineiramente e que podem afetar a saúde do consumidor a longo prazo. “No consumo de alimentos, a situação é ainda mais preocupante, pois as pessoas não se veem vulneráveis e acabam não percebendo as falhas do mercado que estabelecem essa condição”, considera. O objeto do estudo, as carnes processadas, são definidas como aquelas que passam por salgamento, curagem, fermentação, defumação e outros processos para realçar sabor ou melhorar a preservação. Desde 2015, as carnes processadas são consideradas como cancerígenas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que informa que porções diárias de 50 gramas de carne processada aumentam o risco de desenvolvimento de câncer colorretal em 18%. São exemplos de carnes processadas presuntos, salames, fiambre, bacon, salsichas e linguiças.

Bruna Scoralick diz que a investigação da vulnerabilidade no consumo de alimentos é muito importante porque trata de itens que podem afetar a saúde a longo prazo

Bruno Timóteo



A pesquisa

A pesquisa qualitativa, que contou com entrevistas de consumidores com filhos entre cinco e 14 anos, representantes da indústria de carne processada e funcionários das agências e órgãos responsáveis pela regulamentação deste mercado, apontou que o consumidor é vulnerável ao mercado de carnes processadas, mas que cada ator do sistema tem diferentes percepções sobre as razões desta vulnerabilidade. “A vulnerabilidade do consumidor é um fenômeno bastante complexo e multidimensional. Dessa forma, muitos fatores, bem como a combinação deles, determinam a vulnerabilidade. A literatura indicou que a condição é influenciada por fatores individuais, temporários e externos ao consumidor”, explica Bruna.

Para os consumidores entrevistados, a fragilidade está relacionada à assimetria da informação, que é a falta de

Desde 2015, as carnes processadas, objeto da pesquisa, são consideradas como cancerígenas pela Organização Mundial da Saúde

capacidade ou de elementos para que os consumidores possam avaliar as alternativas para a tomada da decisão de compra. Na pesquisa, a assimetria da informação se manifestou de três formas: a primeira relacionada à dificuldade do consumidor em interpretar as informações disponibilizadas. A segunda está relacionada ao fornecedor, quando as informações se demonstram insuficientes ou tendenciosas, e a terceira é referente à complexidade das informações relacionadas à alimentação, saúde e afins. “Infelizmente, nós, consumidores, não temos estas informações. Eu mesmo, até outro dia, achava que bacon não era processado, tinha certeza que era só um corte do porco defumado”, afirma Bruno José Rincó Rodrigues, um dos consumidores entrevistados para a pesquisa. “Acredito que os fabricantes e até mesmo o Ministério da Saúde deveriam orientar

melhor as pessoas com relação aos processados e seus malefícios. Assim os consumidores poderiam escolher melhor o que levar para casa, e mesmo que optarem por comprar o processado, terão noção do que estão consumindo e quem sabe poderão diminuir o consumo como eu fiz”, destaca Bruno. Ele conta que passou a ter maior atenção em relação à alimentação saudável após o nascimento da filha Laura, hoje com 11 anos. Para fugir dos riscos das carnes processadas, Bruno e Laura aproveitam o gosto pela cozinha para preparar alimentos mais saudáveis em casa. “Após a operação Carne Fraca ficamos mais atentos e, principalmente, lembro que ficamos com mais medo de comprar hambúrguer pronto”, ressalta. “Então, sempre fazemos em casa nuggets, hambúrgueres e pizza caseiros, evitando os processados”, explica.

O que dizem os envolvidos

Sob o ponto de vista dos consumidores, o oportunismo e o foco no lucro também são fatores importantes na vulnerabilidade, uma vez que a lucratividade das indústrias é priorizada. Para Bruno, não há interesse das empresas em disponibilizarem de maneira clara nas embalagens informações que podem prejudicar as vendas. “Se as empresas colocarem de forma clara nas embalagens que aquele determinado produto foi processado usando uma química, e que essa química pode ativar células cancerígenas nas pessoas, ninguém compraria”, diz Bruno. Por fim, considerando o ponto de vista dos consumidores, as questões relativas ao contexto sociopolítico do Brasil, influenciam na confiança institucional. “As pessoas acreditam que o “jeitinho brasileiro”, a troca de favores e a corrupção são culturais e sempre estarão presentes nas instituições governamentais. Isto abala a confiança nas instituições”, justifica Bruno.

O contexto sociopolítico é um dos aspectos apontados como fator de vulnerabilidade por consumidores e por fiscais. “Além de indicarem variáveis externas, como os aspectos educacionais do país, os fiscais entendem que o contexto

sociopolítico influencia a vulnerabilidade, uma vez que a estrutura de fiscalização não recebe o investimento necessário”, analisa Bruna. “Além de sofrer em um contexto em que a corrupção parece ter espaço, a estrutura de fiscalização não transmite confiança”, completa. Além disso, a investigação Carne Fraca pode ser considerada um elemento de reforço na insegurança das pessoas. “Sendo assim, são dois problemas: a corrupção existe no mercado de carnes processadas, de modo que a fiscalização pode não funcionar corretamente e, mesmo que essa situação represente a exceção no mercado, as pessoas não confiam nos órgãos de regulamentação. Ambos contribuem positivamente para a vulnerabilidade do consumidor”, destaca Bruna.

Para as indústrias, a vulnerabilidade do consumidor aparece na pesquisa relacionada à falta de conhecimento dos compradores, complexidade das informações disponibilizadas e à ineficiência da fiscalização. “Os profissionais das indústrias argumentaram que o conhecimento é um recurso importante para suportar as escolhas dos consumidores, sobretudo no que se refere à segurança alimentar. Do mesmo modo,

alguns profissionais criticaram as informações disponibilizadas, uma vez que acreditaram não ser suficientes ou que podem induzir ao erro”, explica Bruna. “Mas os industriais também acreditam que a vulnerabilidade do consumidor está relacionada à ineficiência dos órgãos de fiscalização, tanto no que se refere à estrutura quanto à sua idoneidade”, completa.

Para Bruna, a vulnerabilidade do consumidor é complexa e, por isso, não há uma única solução para essa situação. “É importante que os consumidores tenham conhecimento do seu papel e da importância da sua resposta para o mercado. Do mesmo modo, é necessário que as indústrias priorizem os interesses de todos os participantes do mercado, ainda que isso possa reduzir os lucros. E o governo precisa estabelecer o papel regulatório de qualidade, garantindo a fiscalização e os interesses do consumidor”, ressalta. Ela também acredita que o conhecimento é um dos fatores que podem ajudar a combater a vulnerabilidade. “Acredito que é fundamental ampliar o conhecimento sobre a vulnerabilidade do consumidor, para, então, estabelecer políticas para combatê-la. Pois a temática ainda é nova e precisa de mais olhares e estudos para encontrar uma solução viável”, finaliza.

“Se as empresas colocarem de forma clara nas embalagens que aquele determinado produto foi processado usando uma química, e que essa química pode ativar células ninguém compraria”

Bruno Rodrigues



SAIBA MAIS

O que são alimentos processados e ultraprocessados

São produtos transformados por salgamento, curagem, fermentação, defumação e outros processos para realçar sabor ou melhorar a preservação. Os alimentos ultraprocessados são produtos nutricionalmente desequilibrados com formulações industriais. Contêm uma alta quantidade de açúcares livres, gorduras totais, gorduras saturadas e sódio; e uma baixa quantidade de proteína, fibra alimentar, minerais e vitaminas, em comparação com os produtos, pratos e comidas não processadas ou minimamente processadas.

Exemplos de carnes processadas

São exemplos de carnes processadas presuntos, salames, fiambre, bacon, salsichas e linguças.

Riscos à saúde

Desde 2015 as carnes processadas são consideradas como cancerígenas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo o documento da OMS, cada porção diária de 50 gramas de carne processada aumenta o risco de desenvolvimento de câncer colorretal em 18%.

Dados de consumo

Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) mostra que as vendas de bebidas e alimentos ultraprocessados em países da América Latina cresceram 8,3% entre 2009 e 2014, o último ano com dados disponíveis. A Opas também prevê o crescimento de 9,2% no consumo entre 2014 a 2019.

Para Bruno Rodrigues, pai de Laura, o consumidor deveria receber informações mais claras a respeito dos alimentos processados



Raphael Calixto



A aluna Naiara de Souza Lima participou do projeto de saúde bucal auxiliando a pequena Duda, que está em tratamento contra o câncer

ODONTOLOGIA

SAÚDE BUCAL NA ONCOLOGIA

Projeto mostra a importância da prevenção e da amenização dos efeitos colaterais relacionados ao tratamento do câncer | **Tereza Xavier**

Pessoas com câncer são mais suscetíveis a efeitos colaterais de manifestação bucal devido ao tratamento radio ou quimioterápico. Existem situações em que, devido ao desconforto, os pacientes deixam de se hidratar ou de se alimentar. Em casos mais extremos, o próprio tratamento contra o câncer precisa ser interrompido até que esses efeitos colaterais sejam tratados. Pensando em minimizar esse quadro, o projeto de extensão Saúde Bucal na Oncologia Pediátrica, coordenado pelas professoras do Curso de Odontologia Luciana Villela e Soraia Grossman, realiza atividades de prevenção e presta orientações a crianças e adolescentes acolhidas pela Fundação Sara de Albuquerque, no bairro Cidade Jardim, em Belo Horizonte. A instituição acolhe crianças carentes em tratamento contra o câncer, com idade entre zero e 18 anos, vindas do interior à capital realizar tratamento.

O projeto começou no início de 2019 e desde então conta com a participação de oito alunos por semestre do Curso de Odontologia, orientados pelas professoras. As visitas acontecem na própria Fundação, uma vez por semana. “Realizamos atividades lúdicas para promover a saúde bucal, passamos filmes educativos, fazemos escovações supervisionadas mostrando também aos responsáveis como deve ser feita uma higienização correta para que todos compreendam a importância da prevenção. Se eles tiverem condições bucais ruins os efeitos colaterais podem ser mais agressivos, então levantamos as necessidades odontológicas de cada criança, solicitamos laudo de liberação do oncologista e então realizamos o tratamento odontológico nelas. Controlando a cárie ou outros nichos de infecção essas manifestações acontecerão de forma muito mais branda, caso ocorram”, afirma Luciana.

Efeitos colaterais do tratamento

De acordo com a docente, um dos piores efeitos colaterais que pode acontecer é a mucosite, que pode ocasionar o aparecimento de grandes aftas na boca dificultando a ingestão de líquidos e alimentos, essenciais para uma boa e rápida recuperação dessas pessoas. “Dependendo do caso, é necessário interromper o tratamento contra o câncer para cuidar dessa intercorrência. Temos um laser de baixa frequência que é aplicado nas crianças e nos adolescentes com mucosite, trazendo uma analgesia imediata. A mucosite pode também ser prevenida através da aplicação do laser cinco dias antes da realização das sessões de quimioterapia e radioterapia, que fará com que, caso ela ocorra, seja menos agressiva”, relata a professora.

Se for necessário realizar algum procedimento odontológico, os pacientes acolhidos pela Fundação são avaliados e encaminhados para atendimento na Clínica de Especialização em Odontopediatria da Universidade, no *Campus* Coração Eucarístico. Para Luciana, essa condução para um atendimento mais especializado é muito importante: “Os pais e responsáveis chegam cheios de dúvidas do que pode ou não ser feito, pois tudo nessa criança é mais delicado. Muitas mães relataram terem levado o filho ao dentista da cidade em que moram e ele ter ficado com receio de atender a criança e causar a ela algum prejuízo, por falta de conhecimento”.

Apoio da clínica de odontologia

Maria Eduarda Ornelas Silva de Souza, nove anos, e sua avó Adriana de Paula Ornelas Monteiro, da cidade de Três Marias, são acolhidas pela Fundação desde 2014, após a descoberta de um tumor no cérebro da criança. Duda, como é conhecida, é uma das favorecidas com as ações da Universidade. Segundo a avó, após notar manchas pretas nos dentes da neta e que eles estavam se quebrando com muita frequência, levaram-na em um dentista da cidade que afirmou que não havia nada a ser feito porque era uma reação do uso prolongado, de um ano, de um antibiótico que Duda havia tomado. Porém, após ser avaliada pelas professoras e alunas da PUC Minas, a criança foi encaminhada para a Clínica da Universidade. “Fizeram a extração de quatro dentes de leite, retiraram uma cárie e fizeram limpeza. Antes ela estava sentindo muita dor e agora não sente mais. Agora ela também nos cobra ajuda para escovar os dentes. O projeto despertou nela a consciência da importância da escovação correta, e também em nós. Só tenho a agradecer à PUC. Para nós que somos de uma família de baixa renda seria muito difícil fazer esses tratamentos, pois não são baratos”, ressalta a avó.

O projeto Saúde Bucal na Oncologia pediátrica não beneficia apenas as crianças e os adolescentes, de acordo com a professora Luciana, mas também os alunos do curso, pois apresenta a eles uma faceta diferente da profissão, mostrando outras possibilidades de atuação profissional, o que foi comprovado por Naiara de Souza Lima, aluna

do 10º período, que participou do projeto no ano passado. “A experiência foi única, pois pude ver na prática como a Odontologia tem um papel importante na promoção da qualidade de vida do paciente, não somente o médico. Aprendi a tratar do paciente como um todo, juntamente com outros profissionais da área da saúde. Abriu meus olhos para perceber que a Odontologia faz parte de um trabalho multidisciplinar”, reforça.

As professoras do Curso de Odontologia Luciana Villela e Soraia Grossman, coordenadoras do projeto de extensão



Bruno Timóteo



A publicitária Rachel Mourão utiliza muito a internet para entender o que acontece com Liz, sua filha de um ano e meio



SAÚDE

UMA RELAÇÃO DE CONFIANÇA

Curso de Medicina prepara estudantes para atender público mais informado e proativo | **Lívia Arcanjo**

Conhecimentos diversos ao alcance de um clique. É o que proporciona a internet ao facilitar o acesso a informações. E isso modificou a forma como interagimos e relacionamos com o mundo ao nosso redor. Tornou-se um hábito comum pesquisar sobre o trânsito, a rota, as condições climáticas, os preços e, até mesmo, o que se vai abordar em uma consulta médica. Rachel Mourão, por exemplo, utiliza muito a internet para entender o que acontece com Liz, sua filha de um ano e meio. “Um dia desses eu cheguei ao consultório com três hipóteses para uma diarreia que a minha filha estava tendo. Naquele caso específico ele tinha a mesma opinião que eu. Eu acho que isso encurta muito o processo! Mas reforço: nunca faço nada baseada apenas no Dr. Google. Sempre converso com o médico antes”,

conta a publicitária, que acredita que este hábito tem ajudado tanto ela quanto o pediatra. “O que costumo fazer é pesquisar várias fontes seguras e confiáveis sobre sintomas, possíveis diagnósticos e tratamentos. Mas sempre valido tudo com meu médico. Acho muito legal esse acesso enorme que temos às informações atualmente, mas bom senso é fundamental, claro!”, afirma Rachel.

Seja pelo fácil acesso às informações, pela falta de tempo ou outros motivos que interferem em seu comportamento, o fato é que o paciente mudou e se mostra mais proativo e engajado. E se o paciente não é mais o mesmo, o médico também não pode ser. A necessidade de compreender e atender esse público provocou na classe médica a necessidade de ressignificar a relação entre médico e paciente. “A busca por informação na

internet é para complementar e ajudar a esclarecer as coisas. Duas cabeças bem informadas pensam melhor que uma. Mas ter um médico de confiança, acessível e que é aberto a opiniões é o mais importante. A palavra final é sempre dele! E nada substitui os anos de estudo, capacitação e experiência de um bom médico”, opina Raquel.

Para isso, não são necessárias apenas as expertises técnicas, mas também as comportamentais. É o que promove o Curso de Medicina da PUC Minas ao incorporar ao currículo o desenvolvimento de habilidades e atitudes que preparem os estudantes para essa nova realidade. “Nós procuramos formar um médico não só com o conteúdo acadêmico já previsto nas diretrizes curriculares nacionais, mas também um profissional que tenha atitude reflexiva, que saiba solucionar os conflitos, gerenciar e construir equipes, trabalhar os problemas complexos que surgem muitas vezes, que saiba conglomerar um conjunto, uma rede em prol do indivíduo e da coletividade na qual ele está inserido. Essa é, talvez, a mensagem principal do Curso de Medicina da PUC Minas, esse trabalho transversal e dar essa visão global do que é uma assistência médica”, explica o professor Gilmar Reis, coordenador do Curso de Medicina do *Campus* Contagem.

Para isso, habilidades comportamentais e gerenciais são trabalhadas, em disciplinas teóricas e práticas, tanto quanto as habilidades técnicas. Essa abordagem se relaciona com a premissa do curso em promover atendimento humanizado. “Em todo o curso nós temos disciplinas que abordam, de maneira mais ou menos contundente, a questão da humanização, do respeito e da consideração à pluralidade que o indivíduo é”, afirma

“O que costumo fazer é pesquisar várias fontes seguras e confiáveis sobre sintomas, possíveis diagnósticos e tratamentos. Mas sempre valido tudo com meu médico. Acho muito legal esse acesso enorme que temos às informações atualmente, mas bom senso é fundamental, claro!”

Rachel Mourão

Gilmar, ao enfatizar que uma doença não é apenas resultado de problemas orgânicos, mas de diversos determinantes sociais que influenciam no processo, como fatores econômicos e culturais, entre outros.

Uma dessas disciplinas é a Qualidade de Vida, Gestão Pessoal e de Carreira Médica, ministrada pelo professor Geraldo Ribeiro. Seu objetivo é que os alunos reflitam sobre si próprios em relação ao seu bem-estar físico, mental e social. São promovidas autorreflexões e trabalhadas várias técnicas voltadas à gestão de tempo, organização da rotina pessoal, comunicação pessoal efetiva, cuidados com a própria saúde, envolvendo atividade física, nutrição adequada e saúde mental. “Após esse conteúdo abordo as questões de planejamento da vida acadêmica e discutimos o contexto da carreira médica, abordando aspectos como o mercado de trabalho e as possibilidades de atuação profissional, promovendo, assim, um melhor conhecimento do que é ser médico e como se preparar adequadamente durante a graduação”, afirma.

O professor Fabrício Campos observa que é necessário exercitar a cordialidade e a paixão por servir

Fotos: Raphael Calixto



Salas de espera temáticas

Além das discussões em sala de aula, logo no primeiro período os alunos fazem aulas práticas em Unidades Básicas de Saúde (UBS) para vivenciarem tudo o que aprendem em teoria. Divididos em grupos de quatro a seis alunos, que são subdivididos em duplas ou trios, os estudantes acompanham os professores nos atendimentos em modo progressivo: da observação até a prática, de acordo com o aprendizado do período. Quando não estão em consultório, os estudantes também aprendem sobre a dinâmica de funcionamento dos postos de saúde, ajudando em tarefas administrativas. Ao acompanhar o dia a dia da UBS, os estudantes podem propor intervenções a fim de melhorar a experiência dos usuários, no caso, a comunidade.

Foi o que fez o grupo de Felipe Menezes. Ao perceber o longo tempo de espera para as consultas, eles resolveram fazer salas de espera temáticas, com discussões sobre os assuntos levantados a partir da caixa de sugestões, também implantada pelo grupo, ou das demandas

retiradas do caderno de acolhimento. A importância do pré-natal, mitos e verdades sobre vacinação e o sarampo foram algumas das pautas discutidas com as pessoas que aguardavam seus atendimentos, uma forma de levar informação de qualidade à população e tornar o tempo de espera menos entediante.

“Achamos que ia ser algo monótono, que as pessoas não iam querer participar, mas pelo contrário: elas perguntam, dão opinião, contam experiências, falam o que elas leram sobre o assunto”, relata o aluno do 3º período. Ele cita o exemplo da campanha de vacinação contra a gripe como um resultado positivo desse esforço. “O índice de vacinação da UBS do meu grupo estava em torno de 50%. Fizemos uma abordagem em relação a isso na sala de espera e, no final do semestre, abriram a vacinação e liberaram para todos. Acabou em um instante”, conta Felipe, que também crê na mudança de perfil do paciente, que se mostra cada vez mais participativo.

Fotos: Raphael Calixto

Exercício da empatia

Fabrizio Campos, professor da disciplina Práticas na Comunidade (PC) e primeiro preceptor de Felipe, reforça com seus alunos a importância de exercitar a empatia. “Eu falo com meus alunos que a gente precisa se ver no lugar do outro. Procurar entender o paciente, informar, ter certeza de que ele compreende o que está sendo dito, esclarecer dúvidas, verificar se os acompanhantes estão seguros com a situação, como eles estão se sentindo. É necessário exercitar a cordialidade e a paixão por servir, pela atenção aos detalhes que são os pilares do nosso curso”, enumera.

Felipe Menezes aprendeu a lição. “Não podemos ser só mais um que escreva em uma receita o que o paciente tem, o que ele vai tomar e a que horas, porque isso ele vai encontrar na farmácia, na internet. Quando o paciente vai ao médico, ele quer ser ouvido. E isso é muito importante porque é o que vai fazer a diferença na relação médico-paciente. O que vai fazer com que o seu paciente siga o seu tratamento ou não, não é a receita que você prescreve, mas é a confiança que você transmite”, opina o estudante.



TRANSPORTE COMPARTILHADO

IMPACTOS DO USO DO UBER

Pesquisa pioneira feita por pesquisadores da PUC Minas mostra que a utilização de plataformas de transporte compartilhado, tipo Uber, continua se expandindo no mercado de Belo Horizonte, embora com menos vigor, e vem ajudando a minorar o problema do desemprego e da informalidade, porém afetando a propensão de compra de novos veículos por parte dos indivíduos, podendo comprometer a indústria automobilística. A pesquisa foi realizada por Wilquer Silvano de Souza Ferreira, no doutorado, sob a orientação da professora Gláucia Maria Vasconcellos Vale, do Programa de Pós-graduação em Administração. A coleta de dados, realizada em 2019, contou com a participação da Empresa Ápice Consultoria Júnior, da Universidade.

De acordo com a pesquisa, o uso dos aplicativos vem afetando a maneira como as pessoas percebem o sentido de posse/propriedade de um carro. A maioria dos usuários/clientes (71% do total) concorda (total ou parcialmente) com a proposição que o Uber/aplicativo elimina a necessidade de

posse de um carro para deslocamentos no ambiente urbano. Quase metade deles (48,9%) concorda (total ou parcialmente) com a proposição de que não pretende comprar um novo veículo, visto que podem usufruir dos serviços Uber/aplicativo. Um total de 64% concorda (total ou parcialmente) com a proposição de que, no futuro, os indivíduos não precisarão ser proprietários de um veículo.

Foram pesquisados 843 usuários de aplicativos de transporte, em Belo Horizonte, sendo 444 clientes e 397 motoristas, identificados e pesquisados em 32 regiões censitárias da cidade, selecionadas aleatoriamente. A margem de erro é de 5 pontos percentuais e o nível de confiança de 95%.

Segundo a pesquisa, a entrada/difusão do Uber no mercado impactou, de maneira negativa, outros segmentos. No caso dos taxistas, o gasto médio mensal despendido por cliente caiu quase pela metade (41%); na locação de veículos (-24%), combustível (-8%); manutenção de veículos (-32%); estacionamento (-22%); multas/ infrações (-4%).

Wilquer Ferreira realizou a pesquisa sob a orientação da professora Gláucia Vasconcellos Vale, do Programa de Pós-graduação em Administração

SAIBA MAIS

Para mais informações, o trabalho desenvolvido pelo pesquisador e os resultados obtidos podem ser encontrados no:

<http://minasfazciencia.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Pesquisa-sobre-Uber.pdf>

O estudante Felipe Menezes: “Não podemos ser só mais um que escreva em uma receita o que o paciente tem, o que ele vai tomar e a que horas, porque isso ele vai encontrar na farmácia, na internet”



ESPECIAL

ECONOMIA PARA O BEM COMUM

Em tempos de coronavírus, especialistas refletem sobre necessidade de mudança de modelos excludentes, como preconiza o Papa Francisco | **Edson Cruz**

Um estudo do Programa Nacional das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) divulgado em 2019, ou seja, antes de toda essa crise provocada pela pandemia do novo coronavírus, mostra que 21,3% da população mundial vive em pobreza multidimensional (IPM), que tem como indicadores a saúde, a educação, o padrão de vida e o trabalho. Os que sofrem privação em pelo menos um desses indicadores se enquadram na categoria de multidimensionalmente pobres. Isso representa um contingente de 1,3 bilhão de pessoas.

No Brasil, o número de excluídos socialmente é cada vez maior na escalada da desigualdade. “Hoje existem 23 milhões de miseráveis que vivem com menos de R\$ 232,00 e que atravessaram a linha da extrema pobreza”, confirma o diretor do Centro de Políticas Sociais (FGV Social) da Fundação Getúlio Vargas, o professor PhD em Economia Marcelo Neri. Complementando esse panorama de desalento, agravado ainda mais nestes tempos de pandemia, o professor Vander

Luiz Aguiar, do Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais da PUC Minas (Iceg), observa que o Brasil está entre os dez países mais desiguais do mundo, onde a renda per capita dos 10 mais ricos da população é 32 vezes a dos 40% mais pobres (veja box).

De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura (FAO), existem 851 milhões de pessoas passando fome no mundo. Estudos do professor Vander Aguiar mostram que, na virada para este século, considerando as famílias mais ricas do globo, 10% delas concentram 85% do patrimônio mundial, enquanto 2% dos adultos mais ricos do mundo detinham mais da metade da riqueza global. “Sobrava apenas 1% dessa riqueza para dividir entre a metade da população mais pobre”, aponta o professor. Nas contas do economista Ladislau Dowbor, professor titular da PUC-SP, levando-se em consideração o estágio de acumulação de riquezas da atualidade, caso 100 dólares fossem divididos para 100

pessoas, uma pessoa ficaria com 90 dólares e 99 ficariam com 10 centavos cada uma.

Dowbor, no entanto, diz que não há razão para que se exista miséria no mundo. “O PIB mundial totaliza 85 trilhões de dólares e temos 7,6 bilhões de habitantes. Isso equivale dizer que cada família de quatro pessoas poderia viver com R\$ 15 mil por mês, o que proporcionaria uma sobrevivência digna e com conforto para todos”, explica o professor, que é economista e consultor de diversas agências da ONU. Segundo o conceito do Banco Mundial, o PIB Mundial é o total de riquezas produzidas em todos os países.

Diante disso, e de todo o cenário de guerra provocado pela pandemia de Covid-19 em nível global, como tornar o modelo de economia mais inclusivo? Para o professor Ladislau Dowbor, um

modelo funcional de economia sustentável é o baseado no New Deal (Novo Pacto), ocorrido nos EUA na década de 1930. Naquela época, o governo norte-americano impôs elevados impostos sobre o capital financeiro e improdutivo, financiou infraestruturas e políticas sociais (educação e saúde) em todo o país. Com a distribuição de renda, as famílias passaram a consumir bem mais. Isso dinamizou as empresas e reduziu o desemprego.

De acordo com o professor Flávio Constantino Barbosa, do Instituto de Ciências Econômicas da PUC Minas, construir mecanismos e instituições que minimizem a pobreza, a desigualdade e a exclusão deve ser um objetivo dos que defendem a prosperidade como pertencente a todos. Dessa forma, os investimentos em capital físico (ativos físicos e financeiros), capital humano (educação

“O PIB mundial totaliza 85 trilhões de dólares e temos 7,6 bilhões de habitantes. Isso equivale dizer que cada família de quatro pessoas poderia viver com R\$ 15 mil por mês, o que proporcionaria uma sobrevivência digna e com conforto para todos”

Professor Ladislau Dowbor

Quinho

e saúde) e capital social (relações de confiança e reciprocidade) devem ser perseguidos por todos, lembrando que o fenômeno da prosperidade não é apenas econômico, uma vez que o trabalho humano também deve ser valorizado como aglutinador e desenvolvedor de outras relações (familiares, de companheirismo, solidariedade e afeto). “Uma sociedade inclusiva conseguiria então almejar, por um lado, a produção de riquezas, e, por outro, a partilha e a cidadania. A liberdade inerente ao processo permitiria aos indivíduos redefinir suas decisões, considerando que o bem-estar do próximo também é importante”, afirma o professor Flavio Constantino.

Pesquisas realizadas pelo professor James

Heckman, que dirige o Centro de Economia do Desenvolvimento Humano (Center for the Economics of Human Development, o CEHD) em Chicago, nos EUA, indicam que a desigualdade em todo o mundo poderia diminuir se políticas para a primeira infância existissem em todos os governos. De acordo com James Heckman, que foi laureado com o Prêmio Nobel de Economia em 2000, elas seriam o antídoto contra a perpetuação da desigualdade de uma geração para outra. Na sua avaliação, a tendência é que famílias mais bem estruturadas poderiam investir na educação dos filhos desde o berço e formar indivíduos que tenham melhor saúde, um melhor desempenho escolar e menor envolvimento em crimes.

Acervo pessoal



“O evento convocado pelo Papa será o ponto de partida para uma articulação poucas vezes vista no Brasil e no Mundo”

Professor Rudá Ricci,
Cientista político

Economia de Francisco

Bastante preocupado com os rumos da economia mundial, antes mesmo do surgimento da pandemia provocada pelo coronavírus, o Papa Francisco convocou um encontro que terá a participação de mais de 2 mil jovens de 120 países e que será realizado entre os dias 19 e 21 de novembro de 2020, na cidade de Assis, conhecida como a cidade de São Francisco, na Itália. O evento conta com o apoio do economista americano Joseph Eugene Stiglitz e do economista indiano Amartya Kumar Sen, vencedores do Prêmio Nobel de Economia.

O encontro objetiva repensar, debater e buscar novos rumos para a economia mundial. “É preciso conhecer quem hoje está se formando e está iniciando a estudar e praticar uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a depreda. Um evento que nos ajuda a estar juntos e nos conhecer e que nos leve a fazer um ‘pacto’ para mudar a atual economia e dar uma alma à economia do amanhã”, conclamou o Papa Francisco, em carta publicada em 2019.

O cientista político, professor Rudá Ricci, que preside o Instituto Cultiva, é também integrante do movimento Articulação Brasileira para Economia de Francisco (Abef). “O evento convocado pelo Papa será o ponto de partida para uma articulação poucas vezes vista no Brasil e no Mundo”, afirma Rudá Ricci. Ele realça que a Carta de Clara e Francisco, apresentada em um Encontro Nacional pela Economia de Francisco, realizado em novembro de 2019, dará prosseguimento às ações após o encontro de Assis. O documento destaca que é preciso “realmar a economia” e contribuir para que surja uma economia com alma. Essa

nova economia comungaria com todas as pessoas, com todos os seres vivos da terra, nossos irmãos, filhos da mesma mãe.

Outra parte do documento destaca que é necessário lutar por um Pacto Educativo Global, do qual a PUC Minas é integrante, e propugna por mudanças nos currículos dos cursos de economia e também pela mudança nos currículos de todos os cursos. Da educação infantil ao ensino superior, passando pela educação do trabalho, buscando alcançar uma educação integral para uma ecologia integral. “Defendemos a valorização dos professores e sua formação para orientarem seus alunos na redescoberta do sentido do Bem Comum. Também valorizando os saberes tradicionais e comunitários como parte integrante dos currículos. Abraçamos uma educação sobre nossos direitos e deveres, sobre a ética da responsabilidade e da reciprocidade, em que a educação econômica aconteça desde a educação básica”, esclarece a Carta de Clara e Francisco.

Segundo o professor Rudá Ricci, a Economia de Francisco pode ter uma repercussão semelhante ao movimento proporcionado pelo Papa João XXIII na década de 1960 e 1970, que resultou na criação das Comunidades Eclesiais de Base e, em seguida, abriu o caminho para a Teologia da Libertação. A semelhança mais importante entre os dois movimentos é que ambos se preocuparam com os mais despossuídos e propuseram alternativas aos modelos de gestão da sociedade. Quanto às diferenças, o movimento do Papa João XXIII foi realizado internamente na igreja. Enquanto, o do Papa Francisco é uma proposta externa, ou seja, de dentro para fora.

Bons exemplos de economia sustentável

Bons exemplos de projetos de economia solidária sustentável têm surgido em Minas Gerais, como o do professor Vander Luiz Aguiar, do Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais da PUC Minas (Iceg). No início de 2016, ele criou uma empresa social de agricultura que funcionou entre 2016 e 2017. Além de fornecer alimento sem agrotóxico, a empresa gerava emprego e renda e cuidava do meio ambiente no entorno da capital. Depois de quase quatro anos de pesquisas, tanto no Brasil quanto na Inglaterra, o modelo passou por aprimoramentos e deve ser replantado em 2020. O grupo é formado por cerca de 30 consumidores que vão assumir a gestão do negócio. Esse grupo produzirá para si e para o mercado. O lucro será integralmente investido na certificação (Selo Orgânico) dos pequenos produtores da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A vantagem desse modelo de empreendimento, segundo o professor Vander Aguiar, é que, com baixo investimento (cerca de R\$ 300,00 por participante), o consumidor terá como contrapartida cestas orgânicas que custariam no mercado pelo menos o dobro desse valor.

Ele diz que o Brasil vive uma grande contradi-

ção, é extremamente rico em recursos naturais, mas tem uma população demasiadamente pobre devido à má gestão desses recursos. “Nesse contexto, o maior desafio para progredir rumo à Economia de Francisco é criar um ambiente propício para o surgimento de um modelo de crescimento mais justo e que, fundamentalmente, leve em consideração a finitude dos recursos naturais. Hoje, já não basta mais que o homem preserve a natureza, ele precisa se ocupar da recuperação ambiental. É preciso sensibilizar a população global para os riscos exagerados cometidos no que se relaciona à concentração de riquezas e à exploração de recursos ecossistêmicos”, diz Vander Aguiar. Ele lembra que, há cem anos, a população mundial era de aproximadamente dois bilhões e hoje ela está em oito bilhões.

Integrante de um grupo internacional de pesquisadores (International Research Conference on Social Enterprise — EMES), que tem como objetivo estudar as empresas sociais que estão atuando ao redor do mundo e a partir desse estudo definir um modelo que seja ótimo para elas, o professor Vander diz que empresas sociais distribuem as riquezas de forma mais justa.



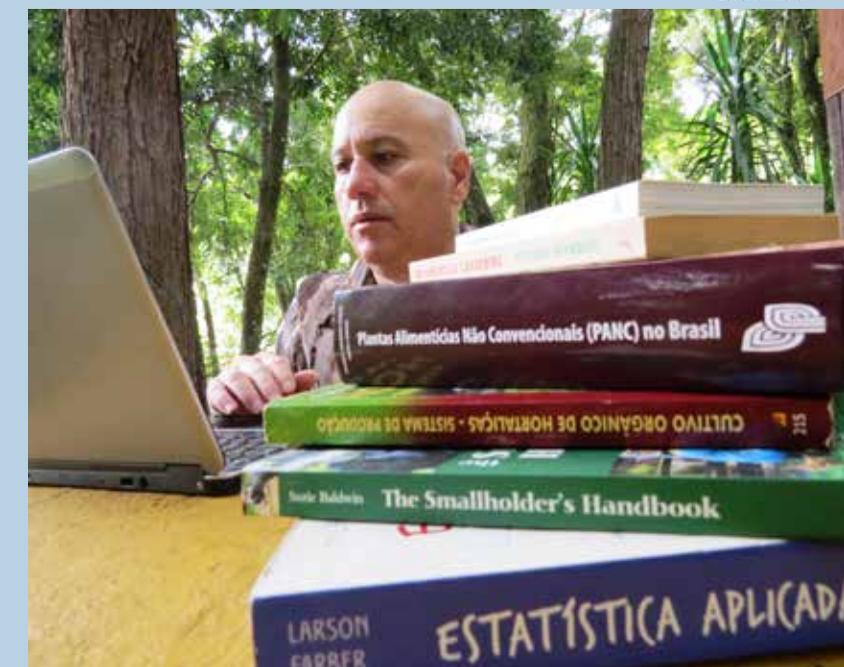
SAIBA MAIS

O conceito de empresa social ou negócio social idealizado por seu fundador, Muhammad Yunus (o banqueiro dos pobres), está intrinsecamente relacionado a pelo menos três ideias básicas: a questão da pobreza; a questão da natureza humana e a auto-sustentabilidade do negócio.

Lorena Aiala

“Hoje, já não basta mais que o homem preserve a natureza, ele precisa se ocupar da recuperação ambiental. É preciso sensibilizar a população global para os riscos exagerados cometidos no que se relaciona à concentração de riquezas e à exploração de recursos ecossistêmicos”

Professor Vander Aguiar



Cooperativismo solidário

O Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (Insea), criado em 2001, em Belo Horizonte, e originado no trabalho da Pastoral de Rua de Belo Horizonte nos anos 1990, é outra entidade que demonstra na prática a sustentabilidade de um projeto de economia solidária. A organização é formada por uma equipe multidisciplinar, com profissionais de várias áreas e atua em cooperação com a rede de universidades e pesquisadores do Brasil e exterior.

O Insea especializou-se e criou metodologias voltadas para a gestão sustentável dos resíduos sólidos com foco na reciclagem, como a melhor solução para destinação ambientalmente adequada para geração de trabalho e renda. Atualmente, o Insea vem realizando experiências no campo da economia circular, lixo zero, economia da funcionalidade e cooperação, economia solidária, todos tendo como eixo estratégico o cooperativismo, a solidariedade e o desenvolvimento local sustentável.

Mais de 4 mil pessoas, organizadas em associações e cooperativas, trabalho informal e grupos comunitários são beneficiados pelo projeto. O Insea ainda tem prestado assessoria técnica aos índios Pataxós e Pataxós HãHãHãe, que pertencem a comunidades diretamente impactadas

pelo rompimento da barragem da mineradora Vale na mina Córrego do Feijão, em Brumadinho. “Possibilitamos a geração de renda, a inclusão social, qualidade de vida, ambiente saudável, formação profissional, educação, consciência política e organização comunitária”, realça o diretor-presidente do Insea, Luciano Marcos Silva, jornalista com especialização nas áreas de desenvolvimento sustentável, desenvolvimento territorial com ênfase em gênero e gestão social.

“Possibilitamos a geração de renda, a inclusão social, qualidade de vida, ambiente saudável, formação profissional, educação, consciência política e organização comunitária”

Luciano Marcos Silva
Diretor-presidente do Insea



Estudantes da PUC Minas no encontro em Assis

Raphael Calixto



Durante o evento a ser realizado em Assis, três estudantes representarão a PUC Minas. Mestranda em Relações Internacionais e articuladora social da Arquidiocese de Belo Horizonte, Marina Paula de Oliveira representará a Universidade por meio de seu trabalho diário com comunidades afetadas pela tragédia de Brumadinho, como os quilombolas e indígenas Pataxós e Pataxós HãHãHãe. “No encontro poderei refletir e buscar alternativas para contribuir para uma economia inclusiva, democrática e sustentável, que coloque a vida acima do lucro de empresas e de megaempresas”, conta Marina, que diariamente trabalha visitando as comunidades diretamente afetadas pela tragédia e que tentam se reerguer principalmente impulsionando lideranças a lutar por direitos violados e capacitando pessoas.

Mestrando do Curso de Administração da PUC Minas, Ramon Jung Pereira, 26 anos, representará a PUC Minas com a apresentação do projeto *Concurso de Empresas Sociais*. Criado pelo professor Armindo dos Santos de Sousa Teodósio, o projeto é desenvolvido entre turmas de graduação em administração e sistemas da PUC Minas Betim e São Gabriel.

O concurso tem como objetivo fomentar a criação de empresas sociais entre graduandos, gerando ideias, projetos e perspectivas de negócios capazes de proporcionar valor social e ambiental e de se contrapor à “minério-dependência” na cidade de Brumadinho após a tragédia na mina da empresa Vale. O projeto se baseia no conceito de empresa social do economista e Prêmio Nobel da Paz Muhammad Yunus, que também participará do evento de Assis. De acordo com esse conceito, as empresas sociais têm a missão de solucionar um determinado problema socioambiental, são autossuficientes financeiramente e redirecionam o lucro para ampliação do seu impacto positivo gerado.

“O concurso de empresas sociais contém em sua essência o reforço e incentivo à missão de desenvolver valores necessários às próximas gerações, incluindo princípios e possibilidades de repensar o modo como fazemos e administramos nossos negócios”, ressalta Ramon, que também realiza atividades como pesquisador associado ao Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (Nupegs), da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Universidade, no qual estuda as áreas que fazem parte da gestão social, principalmente temáticas voltadas para inovações sociais e empresas sociais.

No encontro de Assis, a economista Emanuel-

le Araújo Silveira, 23 anos, que também é aluna do Curso de Direito da Unidade Praça da Liberdade e funcionária da PUC Minas, contribuirá com discussões com sua experiência como integrante da Feira de Economia Popular Solidária e do Seminário de Economia Solidária por meio da Proex e do Fórum Mineiro de Economia Popular Solidária. “A feira está de acordo com os princípios da Economia proposta pelo Papa Francisco, no que se refere principalmente à equidade, dignidade humana dos trabalhadores e da fraternidade, mantendo-se na busca pelo desenvolvimento de um modo de produção economicamente sustentável e cooperativo”, enfatiza Emmanuele, que também é conselheira do Conselho Regional de Economia de Minas Gerais (Corecon-MG).

Presidente do Corecon-MG, a professora Tânia Cristina Teixeira, do Núcleo de Trabalho e Produção (Nutra), da Proex, destaca que as atividades apoiadas pela PUC Minas relacionadas à economia solidária estão crescendo a cada ano. “Os dez anos completados em 2019 pela Feira de Economia Solidária e o Seminário que ocorre paralelamente à feira refletem o trabalho desenvolvido pela Proex. Trata-se de um movimento que está também dentro da Universidade. Dessa forma, a PUC Minas cumpre parte de sua missão de promover desenvolvimento social e humano”, explica a professora. Ela ressalta, ainda, a importância da parceria com o Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais da PUC Minas (Iceg), que tem fornecido suporte para a Feira e o Seminário, realizados no *Campus Coração Eucarístico*.

Os estudantes Ramon Jung Pereira, Emmanuele Araújo Silveira, que também é funcionária da PUC Minas, e Marina Paula de Oliveira representarão a Universidade no encontro em Assis

Na trilha de Francisco

Em artigo intitulado: *A economia desgovernada: novos paradigmas*, publicado no segundo semestre de 2019, no site <https://dowbor.org/>, o professor Ladislau Dowbor indica dez pontos essenciais a serem discutidos em busca de uma efetiva Economia de Francisco.

1 Democracia econômica | trata-se de resgatar a governança corporativa, sistemas transparentes de informação, e de gerar maior equilíbrio entre o Estado, as corporações e as organizações da sociedade civil. Não haverá democracia política sem democracia econômica.

2 Democracia participativa | os processos decisórios sobre como definimos as nossas opções, como priorizamos o uso dos nossos recursos, não podem depender apenas de um voto a cada dois ou a cada quatro anos. Com sistemas adequados de informação, gestão descentralizada e ampla participação da sociedade civil organizada, precisamos alcançar um outro nível de racionalidade na organização econômica e social. As novas tecnologias abrem imensos potenciais que se trata de explorar.

3 Taxação dos fluxos financeiros | essencial para assegurar a informação sobre os capitais especulativos, e para que os recursos financeiros sirvam para financiar tanto a redução da desigualdade como para estimular processos produtivos sustentáveis. Na realidade os sistemas tributários no seu conjunto devem servir ao maior equilíbrio distributivo e à produtividade maior dos recursos.

4 Renda básica universal | no quadro de uma visão geral de que algumas coisas não podem faltar a ninguém, uma forma simples e direta, em particular com as técnicas modernas de transferência, é assegurar um mínimo para cada família. Não se trata de custos, pois a dinamização do consumo simples na base da sociedade dinamiza a economia e gera o retorno correspondente.

5 Políticas sociais de acesso universal, público e gratuito | o acesso à saúde, educação, cultura, segurança, habitação e outros itens básicos de sobrevivência devem fazer parte das prioridades absolutas. Não se trata de custos, e sim de investimentos nas pessoas, que dinamizam a produtividade e liberam recursos das famílias para outras formas de consumo.

6 Desenvolvimento local integrado | somos populações hoje essencialmente urbanizadas, e o essencial das políticas que asseguram o bem-estar da comunidade e o manejo sustentável dos recursos naturais deve ter raízes em cada município, construindo assim o equilíbrio econômico, social e ambiental na própria base da sociedade.

7 Sistemas financeiros como serviço público | o dinheiro que manejam os sistemas financeiros tem origem nas nossas poupanças e impostos, constituem recursos do público, e neste sentido devem responder às necessidades do desenvolvimento sustentável. Bancos públicos, bancos comunitários, cooperativas de crédito e outras soluções, como moedas virtuais diversificadas, são essenciais para que as nossas opções tenham os recursos correspondentes.

8 Economia do conhecimento | o conhecimento hoje constitui o principal fator de produção. Sendo imaterial, e indefinidamente reproduzível, podemos gerar uma sociedade não só devidamente informada, mas com acesso universal e gratuito aos avanços tecnológicos de ponta. Temos de rever o conjunto das políticas de patentes, copyrights, royalties de diversos tipos que travam desnecessariamente o acesso aos avanços. O conhecimento é um fator de produção cujo uso, contrariamente aos bens materiais, não reduz o estoque.

9 Democratização dos meios de comunicação | os recentes avanços do populismo de direita e a erosão dos processos democráticos mostram a que ponto o oligopólio dos meios de comunicação gera deformações insustentáveis, climas de exacerbamento de divisões e aprofundamento de ódios e preconceitos. Uma sociedade informada é absolutamente essencial para o próprio funcionamento de uma economia a serviço do bem comum.

10 Pedagogia da economia | a economia consiste essencialmente em regras do jogo pactuadas pela sociedade ou impostas por grupos de interesse. A democracia econômica depende vitalmente da compreensão generalizada dos mecanismos e das regras. Os currículos obscuros e falsamente científicos têm de ser substituídos por ferramentas de análise do mundo econômico real, de maneira a formar gestores competentes de uma economia voltada para o bem comum.

Fonte: Artigo Economia Desgovernada Ladislau Dowbor



Brasil, um retrato da concentração de renda

“O Brasil está sendo drenado, sangrado por grupos que nem investem nem pagam impostos, apenas juntam dividendos. Na literatura internacional, isso não são lucros sobre produção, e sim ‘renta’ sobre especulação. Esse conceito no Brasil é denominado ‘rentismo’”

Professor Ladislau Dowbor, economista e consultor de diversas agências da ONU

Os bilionários brasileiros, de acordo com o professor, eram 74 em 2012 e, naquela época, detinham R\$346 bilhões. Hoje são 206 e detêm R\$1.206 bilhões. “São pessoas que não produzem nada e estão diretamente vinculadas a bancos, financeiras, holdings, fundings e que não pagam impostos sobre dividendos”, esclarece o professor da PUC-SP.

A falta de tributação dos lucros e dividendos é explicada pelo professor Bruno Lazzarotti Diniz Costa, fundador e coordenador do Observatório da Desigualdade da Fundação João Pinheiro e do Conselho Regional de Economia (Corecon). “O Brasil e a Estônia são os únicos países que não tributam lucros e dividendos”, atesta ele. Um estudo do Instituto de Pesquisas Aplicadas (Ipea) mostra que a criação de um imposto sobre lucros e dividendos no Brasil poderia levar a uma arrecadação anual de R\$ 22 bilhões a R\$ 39 bilhões. Um dinheiro que poderia ser usado para incrementar as políticas sociais.

No Brasil, o lucro obtido pelas empresas é tributado, mas a distribuição desse lucro aos acionistas na forma de dividendos é isenta de tributação por meio de uma lei aprovada pelo governo Fernando Henrique Cardoso, em 1995. Dessa forma, os acionistas informam apenas os rendimentos como pessoas físicas na declaração de Imposto de Renda e não são tributados. Na opinião do professor Bruno Lazzarotti, a tributação de lucros e dividendos reduziria o índice Gini, usado para medir o grau de concentração de renda em um país.

“Com a alta concentração de riquezas, a roda da economia não gira porque não há produção nem investimento. As famílias brasileiras reduziram o consumo, as empresas ficam sem ter para quem vender, e o resultado disso era um contingente de 12 milhões de desempregados antes dos efeitos da pandemia de coronavírus, número que deve crescer exponencialmente”, diz o professor Ladislau Dawbor.

Professor Ladislau Dowbor diz que, com um PIB de US\$85 trilhões, não há razão para que se exista miséria no mundo



Acervo PUC Minas

Museu de Ciências Naturais produz réplicas da preguiça gigante para outros museus

Réplicas da preguiça gigante

O Museu de Ciências Naturais produziu e entregou, recentemente, ao Museu da Amazônia, localizado em Manaus, réplica da preguiça gigante. Outra réplica já havia sido produzida em 2018 para o Museu da Natureza, na Serra da Capivara, no Piauí.

Esqueleto completo de fóssil da preguiça gigante, entre outros exemplares extintos da fauna brasileira da época Pleistoceno, fica exposto no 1º andar do Museu de Ciências Naturais. A época Pleistoceno, compreendida entre aproximadamente 1 milhão 800 mil e 11 mil anos atrás, é mostrada por meio de acervo inédito de animais já extintos e espécies atuais, que também viveram nesta época. Além da preguiça-gigante, estão expostos esqueletos completos de fósseis como tatu-gigante, mastodonte, toxodonte, tigre-dentes-de-sabre, macaco Protopithecus, bem como espécies atuais de tatus e tamanduás.

Movimento Acadêmico Solidário (MAS)

O Movimento Acadêmico Solidário (MAS) de Estudantes da PUC Minas promoveu, em conjunto com a Pastoral Universitária do Campus Coração Eucarístico, o I Circuito Cultural, ocorrido em fevereiro. Houve apresentações musicais, momentos de espiritualidade, feira de economia solidária, aulas de forró e exposições artísticas. Também na ocasião houve o recebimento de doações para auxiliar as pessoas em vulnerabilidade por consequência das chuvas na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

O MAS foi fundado em 1996 no Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade. O Movimento já havia promovido campanhas no Carnaval de Belo Horizonte e também em Campanhas do Natal Sem Fome, do sociólogo Hebert de Souza. Em 2019, João Everton da Cruz, doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, resolveu reativar o MAS, devido, de acordo com ele, ao alto índice de suicídios na cidade de Belo Horizonte. Ele, que também é representante discente do colegiado do Programa, está assessorando o MAS em campanhas (Coração Aquecido) de arrecadação de doativos e roupas para quem vive na rua. São moradores que ficam ao entorno do Coração Eucarístico – Pracinha da Federação e adjacências, contando com um ponto de arrecadação na padaria Due Fratelli.

Bruno Timóteo



Tratamento da depressão com o uso de corrente elétrica

Grupo de pesquisa do Curso de Fisioterapia, coordenado pela professora Angélica Araújo, doutora em Bioengenharia, desenvolve projeto que usa corrente elétrica para tratamento de pessoas que sofrem de depressão. Na primeira fase, a pesquisa estabeleceu um protocolo seguro e eficaz que mostrou que o uso da estimulação elétrica transcraniana traz benefícios complementares ao tratamento tradicional com medicação e fisioterapia. A pesquisa é pioneira nesta área em Belo Horizonte. Vários estudos têm sido desenvolvidos utilizando a estimulação elétrica transcraniana

no tratamento de doenças neuropsiquiátricas, mas este é o primeiro estudo direcionado ao tratamento de depressão. Entre os benefícios do tratamento estão o baixo custo das sessões de aplicação e a redução na dosagem das medicações.

A próxima etapa do projeto é desenvolver os testes por 30 semanas com 250 indivíduos para comprovar a eficácia do tratamento. Caso a mostra comprove a eficácia do tratamento, ele poderá vir a ser adotado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para auxiliar no tratamento da depressão.

Informações: e-mail: rterapeuticos@gmail.com



Times Higher Education: PUC Minas entre as Universidades comprometidas com o desenvolvimento sustentável

A PUC Minas é a única universidade particular do Estado de Minas Gerais que figura no Times Higher Education Impact Ranking 2020 entre as 766 universidades de 85 países participantes. O ranking, divulgado em abril deste ano pela consultoria britânica Times Higher Education (THE), avalia o comprometimento e o impacto social das ações desenvolvidas pelas universidades diante dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). São consideradas três grandes áreas: pesquisa, extensão e administração.

Videoaulas sobre ortodontia

Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado Profissional em Ortodontia produziu videoaulas (material didático e instructional) sobre ortodontia preventiva e interceptora, um programa de capacitação voltado para o cirurgião-dentista. O trabalho foi desenvolvido na linha de pesquisa Crescimento e desenvolvimento do complexo craniofacial, orientado pelo professor Martinho Campolina Rebello Horta e coorientado pelo professor Dauro Douglas Oliveira.

Esse trabalho teve como objetivo elaborar e disponibilizar, para livre acesso na internet, uma série de cinco videoaulas sobre Ortodontia Preventiva e Interceptora, com ênfase no diagnóstico ortodôntico dentro da atuação do cirurgião-dentista clínico geral, abordando os seguintes temas: Análise Facial, Análise Intraoral, Análise Radiográfica, Análise Cefalométrica e Análise de Modelo, voltados para a criança e o adolescente, nas dentaduras decídua, mista e permanente inicial.

A Universidade também foi classificada pela THE, em ranking divulgado em fevereiro, entre as melhores universidades dos países de economia emergente. O THE classificou 533 instituições de ensino. Entre estas, 46 são brasileiras, sendo 40 públicas e seis particulares, das quais quatro pontíficas, incluindo a PUC Minas.

Com esse resultado, a Universidade está presente pela terceira vez no ranking da Times Higher Education, tendo também se classificado entre as melhores na edição mundial dessa pesquisa em 2018.

Hackaton da Nasa

A PUC Minas sediará pela segunda vez, entre 2 e 4 de outubro, o hackathon Nasa Space Apps Challenge, o maior desafio de tecnologia do mundo para estudantes. O evento acontece simultaneamente em mais de 200 cidades ao redor do planeta. O Hackathon é uma maratona de programação em que os competidores têm 48 horas para criar soluções para os desafios reais propostos pela Nasa.

A Nasa é considerada uma das maiores organizações de inovação do mundo. A escolha da PUC Minas como sede do evento em Belo Horizonte valida a Universidade como uma instituição inovadora. "A participação da PUC Minas no evento é um reconhecimento do investimento da Universidade em inovação e nos coloca entre as principais organizações inovadoras do mundo. Isto é fruto de diversas iniciativas que promovem o empreendedorismo e a inovação dentro da PUC Minas", afirma o professor Lúcio Mauro Pereira, diretor do Instituto de Ciências Exatas e Humanas.

Óleo de macaúba como combustível

Uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Engenharia Mecânica, por Gustavo Júlio Teixeira Soares, chegou à conclusão de que o óleo de macaúba, utilizado como biocombustível, tem a tendência de emitir menos monóxido de carbono e material particulado, ao mesmo tempo permanecendo o desempenho do motor compatível com o diesel comercial. Além disso, o estudo apontou que, com relação às propriedades estabilidade e oxidação, o óleo de macaúba, se parado no motor como é comum em máquinas agrícolas no período de entressafra, envelhece de forma mais lenta que outros combustíveis, o que se deve ao perfil graxo do óleo, gerando menos defeitos em tratores, por exemplo, como comenta Gustavo. O óleo vegetal de macaúba in natura é bastante utilizado pela indústria farmacêutica e de cosméticos, o que influencia na viabilidade econômica. A orientação da dissertação, defendida em abril de 2019, foi do professor Sérgio de Moraes Hanriot.

Jose Reynaldo da Fonseca / Wikimedia



PUCtec impulsiona crescimento de startups

Raphael Calixto



As startups Avulta, Holos, Santo Cartão e SporTI foram as finalistas do PUCtec, Hub de inovação, formação e negócios da PUC Minas, e prosseguiram para a Rota 4, com aporte de capital da Universidade de R\$200 mil para cada uma. A assessoria técnica dos professores da PUC Minas e a mentoria dos consultores parceiros da Universidade no PUCtec estão sendo de fundamental importância para o crescimento dessas empresas. Exemplo disso é o que ocorreu com a SporTI, uma plataforma de fomento

ao esporte criada em 2016 por Sandrelise Chaves, junto com Cristian Gomes, ex-aluno de Sistemas de Informação da PUC Minas. Com a assessoria técnica, aportes e novos relacionamentos proporcionados pelo PUCtec, o faturamento da startup saltou de R\$90 mil, em 2018, para R\$350 mil em 2019, e a previsão é de crescimento para este ano. "O programa foi fundamental para visualizarmos como crescer de forma sustentável", avalia a sócia-fundadora da SporTI. Saiba mais no pucminas.br/puctec.

Integrantes das startups selecionadas para a Rota 4; ao centro, os professores Humberto Torres, coordenador do PUCtec, e o pró-reitor de Pesquisa e de Pós-graduação, Sérgio Hanriot



Caixa de areia interativa com realidade aumentada

Uma caixa de areia interativa usando as funções de movimento e profundidade do Kinect (sensor de movimentos) está disponível para os visitantes do Museu de Ciências Naturais, especialmente crianças e adolescentes. A caixa de areia interativa consiste em um ambiente em que paisagens panorâmicas em 3D, como rios, vales, montanhas e muito mais, são criados e recriados como uma espécie de maquete interativa.

Coordenado pelo professor Sandro Laudares, do Programa de Pós-graduação em Geografia, o projeto teve participação dos alunos Diego Cordeiro Alves (doutorando), Gabriel Caldeira e Thales Peixoto, da graduação em Geografia.

O projeto possibilita ao visitante do Museu manipular o relevo para tentar novas possibilidades. Um exemplo é fazer uma represa e depois destruí-la inúmeras vezes para ver o impacto na região.

O professor e os alunos da PUC Minas utilizaram um Kinect, um projetor, um computador,

uma caixa de areia, um pouco de arte manual e um software de detecção de código aberto da Universidade da Califórnia (USA). O Kinect foi instalado a aproximadamente 60 centímetros acima da caixa de areia, para medir a região que foi modelada pelos usuários.

Assim, por intermédio do programa de realidade aumentada utilizado, as informações de relevo de uma determinada região da caixa de areia são transmitidas ao projetor, que, por sua vez, projeta sobre a caixa de areia a imagem de uma determinada paisagem de acordo com a altura. Cada elemento projetado recebe uma cor diferente e até mesmo uma animação. Por exemplo, as áreas mais altas como as montanhas recebem um determinado tom de verde. Já vales inundados e lagos possuem uma matiz azulada com reflexos representando a água. Além disso, ao remexer a areia pode-se criar um caminho que faça a água escoar de um local para outro, o que é executado por meio de uma animação bem realista.



Curso de Medicina do Campus Betim é acreditado pelo Saeme

O Curso de Medicina da PUC Minas Campus Betim recebeu o selo Saeme (Sistema de Acreditação de Escolas Médicas), um instrumento de avaliação do ensino médico, feito pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e pela Associação Brasileira de Educação Médica (Abem). O selo é válido até o mês de setembro de 2025.

O objetivo da certificação é atestar a quali-

dade do ensino médico no Brasil, sob avaliação nas áreas de gestão educacional, programa educacional, corpo docente, corpo discente e ambiente educacional. Para receber a certificação, a instituição precisa cumprir uma série de etapas – que envolvem desde preenchimentos de relatórios à visita in loco por parte da comissão avaliadora.



Tutoria inteligente: artigo vence 1º lugar no CInteq

O aluno Elton Júnior da Fonseca e o professor Luiz Alberto Ferreira Gomes do Curso de Ciência da Computação do Campus Poços de Caldas aprovaram um artigo em 1º lugar no Congresso Internacional de Tecnologia e Qualidade (CInteq), em São Paulo. O artigo *ERS-Tutor: Uma Ferramenta Computacional Baseada em Tutoria Inteligente e Aprendizagem de Máquina para o Auxílio ao Ensino de Engenharia de Requisitos*, que havia ficado entre os três melhores artigos entre 182 trabalhos enviados para o 3º Concurso de Artigos Acadêmicos da Associação Brasileira de Melhoria em TI (AbramtI), ganhou o 1º lugar no CInteq.

da em Tutoria Inteligente e Aprendizagem de Máquina para o Auxílio ao Ensino de Engenharia de Requisitos, que havia ficado entre os três melhores artigos entre 182 trabalhos enviados para o 3º Concurso de Artigos Acadêmicos da Associação Brasileira de Melhoria em TI (AbramtI), ganhou o 1º lugar no CInteq.

Renovação da acreditação do Green

O Grupo de Estudos em Energia (Green) da PUC Minas conquistou, em janeiro último, a Renovação da Acreditação para realização de ensaios com coletores solares e reservatórios térmicos junto ao Inmetro, o Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia. Deste modo, o Green garante mais uma vez a confiabilidade na realização dos testes, a fim de que possam ser reconhecidos como válidos em qualquer país no mundo, de acordo com a norma NBR ISO/IEC 17025:2017.

Durante esse processo, o Inmetro avaliou os ensaios realizados pelo Green PUC Minas, bem como a infraestrutura laboratorial e competência técnica e gestão da qualidade.

Com a renovação do selo do Inmetro, o Green PUC Minas continua contribuindo para a evolução do Programa de Avaliação de Conformidade e do selo Procel, que é importante para o desenvolvimento industrial e para a proteção do consumidor. Entre os benefícios que gera para todos os segmentos da sociedade está o estímulo à concorrência justa e à melhoria contínua da qualidade, o incremento das exportações e o fortalecimento do mercado interno. A próxima

reavaliação será realizada em dois anos.

O laboratório Green PUC Minas, criado em 1997, representa a visão estratégica da PUC Minas sobre a importância da energia renovável na sociedade e se destaca no cenário nacional como referência na área de estudos, pesquisa e desenvolvimento em energias renováveis e certificação de equipamentos utilizados em sistemas que aproveitam o recurso solar.

Equipe do Green, coordenada pela professora Antônia Diniz



ARTIGO | *PROFESSOR WANDERLEY CHIEPPE FELIPPE

A EXTENSÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO

Experiências de inserção social em programas stricto sensu

A

vida universitária estabelece como instrumentos básicos para a formação acadêmica e profissional de seus estudantes a participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão. As três dimensões, de acordo com a Constituição Brasileira, devem atuar de modo integrado, produzindo uma formação de qualidade e beneficiando a sociedade da qual a universidade é parte. Estas atividades apresentam uma complementariedade na formação dos estudantes, o que foi reforçado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação.

Nos Programas de Pós-graduação *stricto sensu* (PPGs), a interação se deu, durante muito tempo, somente entre a pesquisa e o ensino. Buscando aproximar a ciência da sociedade e contribuir para o exercício da Responsabilidade Social, por meio dos resultados das pesquisas, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) introduziu a exigência de prática da Inserção Social nos PPGs. Abriu-se, dessa forma, uma janela para a entrada da extensão na pós-graduação.

Renato Janine Ribeiro, em 2007, no exercício da função de diretor de Avaliação da Capes, participou ativamente na formulação do quesito de Inserção Social, estabelecendo as bases para essa prática: “O que se está valorizando é uma extensão de impacto, planejada, eficaz na consecução de objetivos que transformem a sociedade”. Recentemente, em 2017, a Capes

indicou diversas possibilidades de prática da extensão: inserção e impacto regional do programa; integração e cooperação com outros programas; contribuição para a Educação Básica; participação em conselhos ou setores governamentais; consultorias e assessorias a instituições; programas de ação ou intervenção junto a instituições e comunidades diversas.

Dentre as ações de extensão desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Psicologia, nos últimos seis anos, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas (Proex), ressaltam-se resultados significativos do projeto Oficinas de Capacitação para Educadores das Casas de Acolhimento Institucional (2014-2016), tanto para as instituições quanto para a produção acadêmica. Os projetos *O Cotidiano da Comissão Municipal de DST/Aids e Hepatites Virais* de Belo Horizonte (2016) e *Interagentes na prevenção e promoção de saúde: articulações entre Universidade, Sociedade Civil e Estado para o enfrentamento da epidemia de HIV/Aids* (2017) alcançaram seus objetivos através do trabalho integrado com instituições públicas, do terceiro setor e da própria comunidade acadêmica da Universidade, além de ter produzido duas webséries, três artigos, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado.

Outros dois projetos, demandados pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte (SMED/PBH), merecem destaque. O primeiro, *Meninas e Meninos Aprender a mesma coisa? Desigualdades no Processo de ensino e aprendizagem* (2016-2020), em uma ação conjunta dos PPGs em Psicologia e Ciências Sociais da PUC Minas, tem como objetivo a formação de professores da rede municipal para a promoção da equidade de gênero na educação infantil, básica e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). E continua em realização no ano de 2020, combatendo diversos preconceitos, entre eles o de que meninos têm mais facilidade para aprender ciências exatas e meninas para aprender ciências humanas e sociais. Em 2018, nova demanda da SMED-PBH foi dirigida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC Minas para a formação docente da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em resposta, foi proposto o projeto *Educação e Cultura: o cotidiano escolar na era tecnológica* (2018-2020), desenvolvido com o corpo docente da EJA por meio de rodas de conversa que possibilitam problematizar os impactos

E continua em realização no ano de 2020, combatendo diversos preconceitos, entre eles o de que meninos têm mais facilidade para aprender ciências exatas e meninas para aprender ciências humanas e sociais.

da cultura digital na prática pedagógica e nos modos de subjetivação contemporâneos. Ambos os projetos têm produzido frutos na qualificação de professores da rede municipal de educação, além de apresentações em eventos acadêmico-científicos, cartilhas e vídeos.

Não só os PPGs em Psicologia e em Ciências Sociais têm se dedicado a desenvolver projetos e outras ações de extensão, como resultado de suas linhas de pesquisa. O PPG em Administração criou o Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (Nupegs), que realiza diversas ações de extensão, entre elas palestras, videoconferências, participação em seminários e congressos, além de parcerias diversas com os projetos da Proex. Quem tem hábito de assistir a TV Horizonte conhece o *Religare*, um projeto que produz uma série de programas que apresentam e discutem diversos temas de interesse da população, numa contribuição do PPG em Ciências da Religião. Também o PPG em Geografia tem desenvolvido várias ações e projetos de extensão voltados para migrantes e refugiados, a partir do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão: Direitos Sociais e Migração. Em uma iniciativa valiosa para uma parcela da população mineira, cujos filhos sofrem com deformidades crânio-faciais ou fissuras lábio-palatais, o Centrare, Núcleo de Pesquisa e Extensão, tem realizado, há vários anos, projetos de tratamento e reabilitação para esse público, com a participação de professores e alunos da pós-graduação.

As experiências da extensão universitária na pós-graduação aqui relatadas mostram-se de alta relevância para a inserção social do conhecimento. Que esse relato inspire novas ações!

* Pró-reitor de Extensão

educação
reabilitação
igualdade
sociedade
direito
ética
inserção
refugiados
migrantes
cultura
responsabilidade

INOVAÇÃO

PROTAGONISTA DO CONHECIMENTO

Com as metodologias ativas, alunos tornam-se o principal responsável pela própria aprendizagem | **Rafaela Rodrigues, com Beatriz Reis**

O processo de ensino-aprendizagem vem sofrendo mudanças na medida em que surgem novas demandas do mundo contemporâneo. A informatização, as novas formas de se relacionar, bem como a facilidade de acesso às informações, alteraram intensamente a relação aluno-professor, na qual o primeiro, antes agente passivo do processo, que recebia as explicações do docente, torna-se o principal responsável por seu conhecimento. Essa é a maior característica das chamadas metodologias ativas – a inserção do aluno como o principal protagonista no aprendizado – que se opõem ao modelo tradicional de ensino que vigorou durante séculos.

De acordo com a doutora em educação Adriana de Castro Amédée Péret, professora do Programa de Graduação em Odontologia da PUC Minas e Assessora Pedagógica da PUC Minas Virtual, hoje está mais fácil se falar de metodologias ativas de aprendizagem. “Vivemos um momento em que a inovação no processo de ensino se faz necessária. Com as novas tecnologias, os alunos acessam a internet

a todo momento e não querem ficar presos à cadeira. Hoje, eu posso abrir meu notebook e aprender inglês sozinha. Escolho o que eu quero, o curso, os textos, os vídeos e construo o meu próprio caminho. E é isso que o mundo contemporâneo pede e que as metodologias ativas permitem trabalhar nas pessoas: autonomia, resiliência, resolução de problemas e, principalmente, o pensamento crítico”, explica.

Para a professora Adriana, as estratégias trabalhadas nesse tipo de metodologia propiciam maior eficiência no processo ensino-aprendizagem do aluno. “A teoria da Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser, psiquiatra americano, explica como as pessoas normalmente aprendem: 10% lendo, 20% escrevendo, 50% observando e escutando, 70% discutindo com outras pessoas, 80% praticando e 95% ensinando. E a metodologia ativa é o que permite desenvolver essas quatro últimas estratégias que alcançam o melhor aproveitamento do aprendizado”, relata.

Estratégias e técnicas

As metodologias ativas podem ser aplicadas de diversas formas no ensino. “Existem muitas estratégias e técnicas para serem seguidas. O principal é a introdução de uma problematização ligada à realidade da pessoa, já que motivação e experiência são fundamentais no processo ensino-aprendizagem”, explica a professora Adriana. Aprendizagem Baseada em Projetos, Sala de Aula Invertida, Gamificação, e Método do Caso são alguns exemplos práticos das metodologias ativas.

CONHEÇA AS METODOLOGIAS ATIVAS

Aprendizagem Baseadas em Projetos

É uma estratégia que envolve os alunos no desenvolvimento de competências por meio de um processo de resolução de situações reais em projetos. Propicia a união da teoria com a prática, o aprendizado colaborativo e favorece o engajamento para o aprendizado.

Sala de Aula Invertida

Essa técnica busca inverter a lógica da sala de aula tradicional. Se no modelo tradicional os alunos têm o primeiro contato com o conteúdo em sala de aula, explicado pelo professor, e depois resolvem tarefas, na sala de aula invertida acontece o contrário. Os alunos têm contato com o conteúdo a ser aprendido em casa, por meio do ensino a distância, antes de encontrarem o professor. Quando chegam na sala de aula, aproveitam a presença do professor para debater, tirar dúvidas,

Como a PUC Minas tem trabalhado

De acordo com Adriana, um exemplo bastante inovador dentro da PUC Minas é o novo modelo de cursos a distância, inteiramente focado nas metodologias ativas. “O novo curso de Administração EAD traz o Aprendizado Baseado em Projetos e a Aprendizagem Baseada por Competências, em que se desenvolvem três eixos de formação importantes para o mundo contemporâneo: conhecimento - o saber; habilidade - o saber fazer; atitude - o saber agir”, explica. Na Pós-graduação, também à distância, existem disciplinas totalmente gamificadas, como a de Mídias Sociais do Curso de Marketing Digital e a Gestão Aplicada a Projetos, do Curso de Gerenciamento de Projetos. Já a disciplina semipresencial de Fisiologia Humana, vinculada ao Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, utiliza-se do Método do Caso para introduzir o conteúdo e despertar o interesse dos alunos para os estudos da temática proposta. Essas estraté-

gias utilizadas em diversos cursos e disciplinas trazem impactos diretos na motivação e no engajamento dos alunos, favorecendo o processo ensino-aprendizagem.

Adriana frisa que as ferramentas tecnológicas são meios que facilitam a aplicação das metodologias ativas, mas não são totalmente necessárias para sua realização. “É claro que em um ambiente virtual de aprendizagem existem mecanismos que otimizam o processo pedagógico como, por exemplo, leituras do acompanhamento de cada aluno facilitando ao professor construir estratégias personalizadas e dar feedbacks. As metodologias ativas trazem novas possibilidades de inovação, mas só falar delas não é inovação, é uma necessidade. O que é inovador são suas diferentes formas de inserção, que dá liberdade ao professor para criar, mesclar as técnicas e fazer com que sua estratégia seja encantadora e motivadora para seus alunos”, finaliza a professora Adriana.

Metodologias ativas em Poços

No *Campus* Poços de Caldas, uma comissão foi instituída para estar à frente do Programa Permanente de Capacitação Docente, que estuda práticas inovadoras de ensino. Coordenada pelo professor João Benedito dos Santos Júnior, a comissão surgiu da necessidade de mudança sentida pelos professores. “Além disso, outra questão que motivou a criação do programa foram as pró-

prias comissões do Ministério da Educação (MEC) que buscam esse tipo de inovação em todas as avaliações realizadas nas Instituições de Ensino Superior”, afirma.

Um exemplo do sucesso que o programa tem obtido são as aulas da professora do Curso de Direito, Vanessa Gavião Bastos. As disciplinas lecionadas por ela, como Direito do Trabalho e Direito Tributário, eminentemente teóricas, passaram a incorporar técnicas de gamificação em seu conteúdo. “Hoje, realizo um jogo denominado *Cultural Game*, em que troco algumas atividades por jogos, e os alunos participam ativamente”, explica Vanessa. Com essas práticas, a professora afirma que consegue trabalhar com os discentes algumas habilidades e competências que em uma aula tradicional não conseguiria. “Durante o jogo, são praticados o trabalho em equipe e a escuta ativa, já que ele é falado e demanda muita atenção e raciocínio rápido”, destaca a docente. Ainda de acordo com Vanessa, os resultados são notórios. “Os alunos aprendem de fato o assunto. Costumo aplicar o *Cultural Game* antes de avaliações tradicionais e o desempenho dos alunos é superior”, finaliza.

A aceitação dos estudantes com relação a essas metodologias em sala de aula também é combustível para que o programa continue buscando inovação e constante atualização.

resolver problemas e fixar o que aprenderam em casa. O tempo de aula é otimizado e o aprendizado é potencializado.

Gamificação

Visa fortalecer o processo de ensino-aprendizagem por meio da aplicação de elementos de jogos para motivar o aluno para o aprendizado. Os elementos presentes em um jogo, como regras, estratégias, desafios, recompensas, ranking, possibilitam o desenvolvimento da motivação e engajamento, o que torna o ambiente mais satisfatório e prazeroso.

Método do Caso

Estratégia educacional que trabalha o desenvolvimento de competências educacionais (conhecimento, habilidades e atitudes) por meio de um caso que apresenta uma situação-problema relacionada ao contexto do mundo real. A construção deste é feita tendo como referência os objetivos de aprendizagem e as questões apresentadas guiam e estimulam o aluno para o aprendizado.

SAIBA MAIS

A PUC Minas Virtual oferece o curso Metodologias Ativas para a Educação, voltado para professores do ensino fundamental, médio e do ensino superior, arte-educadores, pedagogos e ministrantes de cursos na educação não-formal. O curso tem como objetivo oferecer concepções e metodologias para a promoção de práticas educativas inovadoras. Nele, cada estudante monta suas trilhas formativas e as 13 disciplinas que compõem a matriz curricular podem ser combinadas de distintas formas, conforme os interesses de cada um. Para saber mais, acesse pucminas.br/virtual.

NOVAS TECNOLOGIAS

LevelUp

Programa inovador capacita alunos e auxilia a seleção de estudantes por empresas parceiras | **Michelle Stamm**

À

primeira vista, o desafio da empregabilidade parece não existir para quem escolhe um dos cursos da área de Tecnologia da Informação. Ao contrário de outras áreas, a crise no mercado de TI é de falta de mão de obra, já que Belo Horizonte tornou-se referência nacional na formação de bons profissionais. “O mercado está extremamente aquecido e os profissionais qualificados já estão empregados. Então, acaba acontecendo um leilão destes profissionais, já que é preciso retirá-los de outras empresas”, explica Maju Ramos, líder de Transformação Digital da Squadra, empresa da área de tecnologia. Com o propósito de capacitar novos profissionais para o mercado de trabalho, o Instituto de Ciências Exatas e Informática da PUC Minas (Icei) desenvolveu, junto com empresas parceiras da área, um programa inovador, disruptivo, *gamificado* e construído a várias mãos, o LevelUp. “Nosso projeto é direcionado ao aluno que ainda não está no mercado de trabalho. Nossa intenção é capacitar e colocar mão de obra nova nas empresas, fora do ciclo de disputa que já está instalado no mercado”, explica o diretor do Instituto de Ciências Exatas e Informática (Icei), professor Lúcio Mauro Pereira.

O LevelUp é um programa de capacitação em uma tecnologia emergente, com orientação comportamental e fases classificatórias que medem a capacidade técnica do aluno e também suas habilidades e competências. Isto tem permitido às empresas avaliarem as diferentes expressões de potencial reveladas por cada aluno. No final do

processo, o aluno pode vir a ser selecionado para uma das vagas de estágio. O programa vem atender às principais dificuldades na hora da contratação. A primeira delas é a de encontrar profissionais capacitados em tecnologias emergentes. Há tecnologias que possuem um ciclo de vida muito breve, apresentando uma dinâmica diferente daquela das grades curriculares dos cursos. Uma vez que estas tecnologias nascem e morrem tão rapidamente, o Instituto tem a tradição de incorporá-las em diversas atividades extracurriculares. “Assim, optamos por formar profissionais que compreendam a evolução da tecnologia até aqui, saibam aplicá-la a favor da sociedade e possam prospectar seu futuro. Trata-se de uma formação com foco não em uma ferramenta específica, mas na capacidade para lidar com o contínuo e rápido processo evolutivo das tecnologias. Mais do que aprender a usar, são esses alunos que irão contribuir nos processos de construção de novas ferramentas”, explica o professor Lúcio Mauro. “À medida que as tecnologias, hoje emergentes, se consolidam, são elas naturalmente incorporadas às grades curriculares dos cursos”, afirma.

Para o professor Lúcio Mauro, é a capacidade técnica de desenvolver e absorver as novas ferramentas, de forma muito ágil, que torna os estudantes da PUC Minas disputados pelo mercado. “Quando o assunto é empregabilidade, as principais empresas do país têm demonstrado uma forte opção por nossos alunos. Isto aparece claramente em *rankings* que avaliam a aceitação dos nossos alunos e ex-alunos pelo mercado”, destaca fazendo referências ao *ranking* publicado pela Folha de São Paulo (RUF), que, desde o seu lançamento, aponta os cursos da área da Computação da PUC Minas sempre em segundo ou terceiro lugar do Brasil na preferência das empresas na hora de contratar. Além disso, com frequência, os cursos do Instituto obtêm notas máximas nas avaliações de reconhecimento pelo MEC, no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e no extinto Guia do Estudante.

“Quando o assunto é empregabilidade, as principais empresas do país têm demonstrado uma forte opção por nossos alunos. Isto aparece claramente em *rankings* que avaliam a aceitação dos nossos alunos e ex-alunos pelo mercado”

Professor Lúcio Mauro

52 pucminas.br/revista

Construção conjunta

A concepção do LevelUp aconteceu a partir da discussão acerca da forte disputa por profissionais da área da Computação apresentada à diretoria do Icei pela empresa Ioasys, criada pelo ex-aluno do Curso de Engenharia de Computação da PUC Minas, Gilson Vilela. A partir dessa demanda, o Instituto convidou as empresas parceiras da Universidade a trabalharem juntamente com sua equipe de professores, utilizando a metodologia *design thinking*, que usa um conjunto de métodos e processos para identificar e abordar problemas, a fim de encontrar soluções criativas em um curto prazo. Para a gerente de Recursos Humanos da Ioasys, Daniele Azevedo, as empresas têm uma dificuldade no processo didático e, por isso, a parceria com a Universidade se torna vantajosa. “A Universidade está mais preparada para esta formação e nós temos uma pegada mais de mercado. Então precisávamos unir es-

tas duas formas. Aquilo que é prática de mercado com apoio da Universidade”, frisa. Os encontros para concepção do programa aconteceram no WeWork, espaço utilizado pelas *startups* do PUC Tec. “A conexão com o PUC Tec se dá porque são 40 *startups* e elas demandam mão-de-obra. Além disso, as *startups* participaram do processo de construção, uma vez que estão estreitamente ligadas à inovação”, explica o professor Lúcio. Para Maju Ramos, o programa surgiu como uma proposta diferenciada e de valor agregado para o mercado. “O LevelUp é como um sopro de ar fresco, com uma metodologia simples e objetiva. Logo no começo foi fácil enxergar o valor que a gente iria gerar no final da etapa de cada projeto”, comemora. Para Renata Souza, líder de Desenvolvimento e Gente da Squadra, a construção coletiva do programa é um de seus diferenciais. “Ainda existe uma distância muito grande entre as faculdades e o mercado de trabalho. O fato de a própria Instituição ter se organizado com a comunidade de tecnologia e ter nos chamado para participar da concepção do projeto tornou a iniciativa totalmente diferenciada”, reforça.

“A Universidade está mais preparada para esta formação e nós temos uma pegada mais de mercado. Então precisávamos unir estas duas formas. Aquilo que é prática de mercado com apoio da Universidade”

Daniele Azevedo, gerente de Recursos Humanos da Ioasys

Bruno Timóteo



Uso de conceitos da gamificação

E foi o trabalho em parceria que resultou em um programa único e inovador, que utiliza a gamificação para criar uma forte interação entre os alunos e a proposta de qualificar e selecionar futuros estagiários. Os conceitos de cooperação, competição, colaboração e comportamento apareceram no trabalho de concepção do programa e estão relacionados aos princípios do jogo. “O aluno hoje não se vê motivado a participar de um programa que seja a extensão da sala de aula. Ele quer o lúdico, que gera desafios e tenha recompensas”, pontua

o professor Marcos Arrais, coordenador do programa LevelUp e do Curso de Jogos Digitais na Praça da Liberdade. “O LevelUp foi planejado para que toda a abordagem técnica, instrumental, comportamental e o acompanhamento na empresa sejam envolvidos em um sistema lúdico com muitos enigmas”, completa. Além disso, a gamificação explora os componentes básicos da necessidade humana, que são a diversão, o desafio e a recompensa. “Isto permite ao aluno se desprender do processo formal de sala de aula”, destaca Arrais.

Parte da formação virtual do programa utiliza recursos do ambiente virtual de aprendizagem Canvas, da Instructure, plataforma utilizada pela PUC Virtual. Para a aluna Bruna Teixeira, a gamificação tornou a experiência mais motivadora e produtiva. “Era para ser um processo tenso, mas a gamificação fez com que baixássemos a guarda e aproveitássemos melhor o contato com os professores e participantes. Além disso, ficou claro que a intenção era agregar conhecimento através de uma experiência divertida”, define Bruna.

Ilhas comportamentais

Não só o conhecimento técnico é valorizado pelas empresas da área de TI durante o processo de seleção. As habilidades comportamentais e o *fit cultural*, que é o alinhamento ao ambiente e à cultura da empresa, também pesam na seleção. Na medida em que participaram das etapas do programa, os alunos foram agrupados em ilhas de personalidade, que é um sistema de classificação que organiza os alunos por habilidades e competências, e não apenas pelo desempenho técnico. A metodologia permite a identificação de perfis. Para o professor Lúcio Pereira, o encaixe entre vagas e alunos é um desafio. “Para o mercado encontrar o perfil desejado, dentre os nossos três mil alunos de graduação, precisamos de um projeto que trabalhe a identificação de perfis. As empresas não precisam apenas do aluno com perfil técnico. Tem vaga para todo tipo de competências e habilidades”, frisa. Para Daniele Azevedo, foi uma escolha acertada. “Foram construídas ilhas e de acordo com o perfil os estudantes iam se posicionando dentro das ilhas. E estar no topo da ilha não significa que ele seria contratado porque, dentro da dinâmica de mercado, não pensamos apenas

na parte técnica, avaliamos se as habilidades casavam com o perfil que precisávamos para alguma função”.

Para Daniele Azevedo, foi uma escolha acertada. A metáfora das ilhas, apresentada pelo programa, possibilita a classificação de estudantes por perfis comportamentais. Ela ressalta que “estar no topo da ilha não significa que ele seria contratado porque, dentro da dinâmica de mercado, não pensamos apenas na parte técnica, avaliamos se as habilidades casavam com o perfil que precisávamos para alguma função”.

Fotos: Bruno Timóteo



“Foi um intensivão envolvendo a parte técnica e as habilidades interpessoais. Nós tivemos algumas simulações práticas em que deu para aprender muita coisa”

Amanda Rhodes Alves, aluna do Curso de Sistemas de Informação



Gestão de pessoas

Considerando que a questão comportamental e a grande rotatividade de profissionais é um desafio para as empresas, o LevelUp estabeleceu como um dos pilares a serem trabalhados os aspectos relacionados à gestão de pessoas. “Foi comum aparecer nas falas das empresas a resistência dos jovens em permanecer em atividades que não consideram interessantes e a constante troca de estágio, o que dificulta muito a gestão de pessoas”, explica a professora Raquel Furtado, coordenadora de Desenvolvimento de Carreiras, do PUC Carreiras. Ficou muito claro que precisamos trabalhar com esta geração que está entrando no mercado. Durante o workshop, a equipe do LevelUp desenvolveu com os participantes questões como trabalho em equipe, resiliência e protagonismo na carreira. Para a aluna Amanda Rhodes Alves, do Curso de Sistemas de Informação e selecionada como estagiária pela Ioasys, a participação significou uma experiência considerável em pouco tempo. “Foi um intensivão envolvendo a parte técnica e as habilidades interpessoais. Nós tivemos algumas simulações práticas em que deu para aprender muita coisa, principalmente com falhas que aconteceram em alguns momentos e que acontecem também na realidade das empresas”, explica.

“A plataforma digital, a competência dos conteúdos e a dinâmica do processo de aprendizagem nos chamaram muito a atenção. O LevelUp permite ter visibilidade de todas essas características dos participantes, dando oportunidade de todos serem avaliados e identificados”

Hermes Silva, responsável pelo Centro de Desenvolvimento de Software da Compasso, em BH

Novas parcerias

O LevelUp começa o ano de 2020 com a previsão de conseguir acomodar as empresas parceiras que estavam na fila de espera. A Compasso, empresa de tecnologia da informação do grupo UOL, já começou a rodada de seleção de alunos. A empresa, que tem oito centros de desenvolvimento de softwares no Brasil, está abrindo um escritório em Belo Horizonte que deverá se tornar um dos maiores em dois anos. A previsão é de que cem pessoas sejam contratadas em 2020. Hermes Silva, responsável pelo Centro de Desenvolvimento de Software em BH, explica que o programa acelera muito a capacidade de captar talentos com os diferentes perfis. “A plataforma digital, a competência dos conteúdos e a dinâmica do processo de aprendizagem nos chamaram muito a atenção. O LevelUp permite ter visibilidade de todas essas características dos participantes, dando oportunidade de todos serem avaliados e identificados e, caso exista a oportunidade, de serem contratados pela Compasso”, explica.

A versão 2020 do LevelUp também prevê projetos personalizados por empresa, com formação em diferentes tecnologias e aberta a outros níveis de formação além da graduação. “O novo formato engloba alunos do ensino técnico à pós-graduação. Quem determina a demanda são as empresas”, explica o professor Lúcio Mauro. Em 2019, participaram do programa piloto as empresas Ioasys, Hotmart, Squadra, BHS e Ivory IT, já parceiras da Universidade em outros projetos. Dos 254 alunos inscritos, 35 foram selecionados para participar do programa e quinze já estão estagiando em uma das empresas.



SAIBA MAIS

EMPRESAS PARCEIRAS 2020

Mundiale
BHS
Hotmart
Ioasys
Ivory
Squadra
Compasso
Take
Stoque
Onfly
JN2

Acesse:
icei.pucminas.br/levelup/
icei.pucminas.br/levelup/fluxo_aluno.pdf

LETRAS

DOMINANDO O IDIOMA

Iniciativa oferece reforço em português e em inglês | *Livia Arcanjo*

“A escrita é uma técnica e precisamos aprender a dominá-la. Os modos de escrever na Universidade são específicos e, por muitas vezes, a pessoa sabe o conteúdo, mas não sabe como colocá-lo no papel nos moldes que a academia exige. A oficina pode ajudar nisso: na estrutura, nos métodos”, define Heloisa Queiroz. Atualmente, ela é doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa, mas, quando ainda era graduanda, precisou de reforço em algumas disciplinas e encontrou no projeto Oficinas a ajuda necessária.

A iniciativa do Departamento de Letras oferece, desde 2000, oficinas específicas a alunos do Curso de Letras, com temas que servem como um aprofundamento às disciplinas estudadas no curso, e também oficinas com temas comuns a todos os estudantes universitários, voltadas para a inserção na prática do letramento acadêmico, como dicas para elaborar um artigo científico, escrever uma resenha crítica ou desenvolver capacidade sintética.

“O discurso que prevalece no momento da entrada desse sujeito na esfera universitária é bem diferente dos discursos com os quais ele estava acostumado a lidar. Então, mudam as práticas de linguagem, mudam as relações, os objetos do conhecimento também, mas a linguagem per-

passa todo esse percurso. É um desenvolvimento de capacidades que são essenciais para que ele tenha acesso aos objetos de conhecimento da área dele. São práticas que preparam esse futuro profissional para ser também um pesquisador, um estudioso, um produtor de texto do mundo acadêmico-científico”, explica Maria Ângela Paulino, coordenadora das oficinas de português.

Atualmente, são ofertadas oficinas de *práticas de leitura de textos de perspectiva enunciativa, introdução à escrita acadêmico-científica, tópicos gramaticais aplicados ao texto, Fake ou Fato?: formação de leitores em tempos de (des)informação* e, específicas para alunos do Curso de Letras, *Leitura dos clássicos – um olhar sobre o gênero épico e conceitos-chave do Círculo de Bakhtin*.

Além do cronograma semestral, há a possibilidade de as coordenações dos cursos solicitarem oficinas específicas, que são adaptadas de acordo com as necessidades do corpo discente. “Quando temos a oferta de uma oficina para o Curso de Ciências Contábeis, por exemplo, nós pesquisamos quais gêneros acadêmicos eles costumam produzir. Então, trabalhamos textos da área da contabilidade”, explica Maria Ângela. Ao longo dos 20 anos das oficinas, o projeto capacitou mais de 1.800 estudantes de diversos cursos.

Reforço também no inglês

“Nem preciso dizer a importância do inglês hoje, não é? Para tudo”, pontua a professora Marise Myrrha, coordenadora das oficinas desse idioma. Entretanto, com disciplinas obrigatórias da língua nos três períodos iniciais do Curso de Letras, a professora detectou a necessidade de promover uma possibilidade de nivelamento entre os estudantes. “Há alunos que fizeram intercâmbio, que já são professores de inglês em cursinhos, e entram na mesma sala de alunos que estudaram muito pouco. E aí, que aula é essa que a gente vai dar que tem alunos fluentes e alunos que nunca viram o idioma?”, indaga.

Assim surgiram as oficinas de conversação e de tópicos gramaticais em inglês, com o objetivo de oferecer suporte àqueles estudantes que tiveram pouco contato com a língua. Foi justamente essa a oportunidade aproveitada por Heloísa, quando ela cursava o primeiro período. “Participei das oficinas de inglês porque eu precisava de um reforço além da disciplina do curso. Foi uma oficina que me ajudou muito, já que eu tinha algumas dúvidas sobre as quais sentia vergonha de perguntar à professora, pois eu achava que eram perguntas bobas. Desde quando terminei essa oficina tive vontade de também me tornaricineira para compartilhar o que eu sabia com outros alunos que pudessem apresentar alguma dificuldade”, conta Heloísa, que ministrou a oficina de tópicos gramaticais.

Aprendizado em duas vias

Além de beneficiar estudantes que precisam de algum apoio, o projeto também é uma oportunidade de os estudantes do Curso de Letras experimentarem o exercício da docência. “Um dos objetivos é a capacitação para ele atuar como profissional do ensino. Há ganhos de todos os lados: de quem frequenta as oficinas e de quem volta comoicineiro”, afirma Maria Ângela, que acredita que a capacitação entre pares é uma forma de estreitar laços e dialogar com outros conhecimentos.

Para ser um monitor, tanto nas oficinas de inglês quanto nas de português, é necessário passar por entrevista com as coordenadoras. “Eu acho que todos os estudantes de Letras deveriam ter essa experiência. Ensinar para colegas algo que você tem muito gosto em aprender faz toda diferença. Eu gosto muito de gramática e a oficina de tópicos gramaticais me fez aprender ainda mais e me trouxe novas amizades, novas reflexões e consequentemente me tornou uma profissional melhor e mais humana”, relata Heloísa.

SAIBA MAIS

- As oficinas acontecem semestralmente, divididas em dez encontros semanais, em horários vagos dos cursos.
- Para participar, não há processo seletivo. Basta se inscrever na secretaria do Instituto de Ciências Humanas (ICH) quando as inscrições forem abertas.
- Os participantes recebem certificado de participação que podem ser aproveitados como Atividade Complementar de Graduação (ACG).

Bruno Timóteo



Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa, Heloísa Queiroz, que já foi aluna de oficinas, agora éicineira

PREVIDÊNCIA SOCIAL

APOSENTADORIA NO CAMPO

Projeto de extensão auxilia trabalhadores rurais a conhecerem seus direitos

Lorena Scafutto

Filha de agricultores, Maria Zulmira Pereira da Silva, de 72 anos, aprendeu ainda criança a trabalhar com a agricultura e, também, a cultivar na terra o necessário para a sobrevivência. Há alguns anos, dona Maria decidiu se aposentar, mas encontrou algumas dificuldades. É que ela se encaixa no perfil dos chamados Segurados Especiais – agricultores familiares, camponeses, extrativistas, pescadores artesanais – um grupo que, muitas vezes, não possui ou desconhece os documentos que comprovam o exercício da atividade familiar no campo.

Buscando democratizar o acesso aos direitos dos segurados especiais, dois professores do Curso de Direito da PUC Minas, Matheus Leite e Rodrigo Ruggio, idealizaram o projeto *Previdência Social Rural: a efetivação da proteção social dos agricultores familiares e camponeses*. O projeto iniciou as atividades em 2012, na PUC Minas Serro, e, atualmente, atua na cidade de Betim. “O segurado especial possui todos os direitos dos demais trabalhadores, independentemente de contribuição à Previdência Social. A maioria, entretanto, e principalmente aqueles que laboram em regime de economia familiar, ou exercem a atividade de forma individual, encontra obstáculos ao pleitear seu benefício previdenciário de-

vido à exigência de provas documentais de suas atividades”, comenta o professor Matheus Leite.

Dona Maria Zulmira diz que se considera agricultora até mesmo antes de nascer. “Minha mãe trabalhava na roça, em Piratama, com plantação de algodão, café. Ela sentiu as dores do parto quando estava trabalhando. Por isto, quando estava ainda na barriga da minha mãe, eu já estava cuidando da terra”, se orgulha a agricultora. Dona Maria conta que gosta de trabalhar, mas o cansaço é limitador. “Infelizmente, só posso parar de trabalhar depois da aposentadoria. Acontece que a exigência de todos os papéis e comprovações me faz desanimar. Agora, com a ajuda dos professores e alunos, espero alcançar este sonho”, destaca.

O professor Rodrigo Ruggio ressalta que esta falta de efetivação dos direitos previdenciários dos agricultores familiares os coloca em risco social. “Na hipótese de perderem a capacidade de trabalho por circunstâncias alheias a sua vontade, eles não estarão em condições de prover a própria subsistência e de sua família e não terão acesso aos benefícios previdenciários assegurados pelo Regime Geral de Previdência Social”, alerta Ruggio.

As atividades do projeto consistem, portanto, em informar aos produtores sobre seus direitos, e, posteriormente, auxiliar na formalização jurídica das relações de trabalho daqueles que já podem requerer o benefício. Após os extensionistas irem até as comunidades esclarecer sobre os direitos dos segurados especiais e os procedimentos necessários para requerimento do benefício, os alunos do 10º período elaboram as petições. “Este é um trabalho que envolve os extensionistas, mas que também vincula a prática aos graduandos do curso de forma geral”, ressalta o professor Matheus Leite.

O extensionista Matias da Mota Ribeiro, estudante do 4º período de Direito, conta que o fato de o assunto “previdência social” estar pautado rotineiramente no país, somado a suas origens do interior de Minas Gerais, o motivaram a fazer parte do projeto. “Sou de São Francisco, interior

Os alunos de Direito Isabela Vaz Ribeiro e Matias da Mota Ribeiro lamentam a desinformação da população rural sobre os próprios direitos



Raphael Calixto

de Minas Gerais. Quando a reforma da previdência social começou a ser discutida, me interessei muito por esta área do Direito e, principalmente, em como as pessoas, cujas atividades remuneratórias são rurais – como acontece bastante na cidade em que nasci – passam pelo processo de aposentadoria”, ressalta. Hoje, após participar do projeto, Matias já entende melhor sobre previdência rural e pode auxiliar os moradores da cidade em que nasceu. “A contribuição previdenciária não é condição para concessão do benefício. Alguns exemplos de documentações comprobatórias do labor rural são: contrato de arrendamento, comprovante de cadastro do Incra, bloco de notas do produtor rural, notas fiscais de mercadorias, entre muitos outros”, exemplifica Matias.

A extensionista Isabela Maria Vaz Ribeiro, estudante do 5º período de Direito da PUC Minas Betim, ressalta que a falta de informação das comunidades a surpreendeu. “É notória a falta de preocupação do poder público em orientar essas pessoas sobre os processos que precisam ser realizados e sobre as alternativas de documentos comprobatórios que podem ser apresentados no pedido de aposentadoria”, comenta Isabela. “Dona Maria Zulmira, por exemplo, poderia ter se aposentado aos 55 anos. Ela tem toda a documentação que comprova o labor rural, mas, infelizmente, ainda aguarda o processo judicial”, lamenta.

Em Betim, mais de 40 famílias já foram atendidas pelo projeto, mas ainda não houve decisão judicial para os processos em andamento. No Serro, *Campus* em que o projeto teve início, 215 pessoas foram atendidas, e, destas, 77 conseguiram o benefício por meio do projeto de extensão. “Finalizamos as atividades no Serro em 2016. Depois disso, o SAJ local assumiu os processos em andamento; muitos ainda aguardam o julgamento”, aponta o professor Matheus Leite.

INSCRIÇÃO ATÉ DOIS ANOS

Os professores alertam sobre uma modificação na legislação previdenciária, realizada pela Lei 13.846/2019, que dispõe sobre a necessidade de inscrição dos segurados especiais no Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS) em até dois anos. “Caso não realizem este cadastro, eles não terão acesso à proteção previdenciária”, afirmam Matheus Leite e Rodrigo Ruggio. A inscrição deve ser realizada por meio do cnisnet.inss.gov.br.

QUEM SÃO OS SEGURADOS ESPECIAIS?

São os trabalhadores rurais que produzem em regime de economia familiar, sem utilização de mão de obra assalariada – agricultores familiares, camponeses, extrativistas, pescadores artesanais. O benefício da aposentadoria é um direito ao cidadão que comprovar o mínimo de 180 meses trabalhados na atividade rural, além da idade mínima – para os homens, 60 anos, e, para as mulheres, 55 anos.



O estudante de Engenharia Química Samuel Pereira Costa foi um dos participantes no último semestre

ENGENHARIA QUÍMICA

CIÊNCIA CRIATIVA

Prática curricular de extensão, realizada com alunos da escola da Apae, busca nova forma de abordar a química | **Fernando Ávila**

Uma receita diferente, que leva cenoura, açúcar, beterraba, couve e cola branca, e que resulta em uma tinta caseira nas cores laranja, roxo e verde. O experimento, realizado por estudantes do Curso de Engenharia Química do *Campus* Coração Eucarístico com alunos da Escola Oficina Sofia Antipoff, da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), fez parte de uma prática curricular de extensão, dentro da disciplina Química Inorgânica e Ambiental, do 2º período do curso, que vem sendo realizada desde o segundo semestre do ano passado. O objetivo da iniciativa, batizada de Circuito do Conhecimento e Feira de Ciência, é trabalhar química e ciência de forma criativa, promovendo o aprendizado mútuo e a troca de experiências. No último semestre, foram realizadas oficinas sobre temáticas diversas, que ganharam nomes como: redescobrimo os sen-

tidos; a magia da ciência; aromas e slime (uma espécie de geleca); higiene pessoal com recursos naturais das flores; entre outros. Ao final, é previsto um encontro com a comunidade, no qual os extensionistas apresentam aos pais uma amostra do trabalho realizado.

“Os alunos é que decidem o que fazer. Tem que sair de dentro deles, o que é imposto não vai bem. A única imposição que eu faço é que eles devem ir. Tem aluno que já fez e está querendo repetir”, conta a professora Claudete Botaro de Matos, responsável pela disciplina e coordenadora de extensão do Curso de Engenharia Química. Ela conta que teve a ideia do projeto quando assistia a um programa de televisão no qual jogadores de futebol americano ensinavam o esporte para uma turma com Síndrome de Down. De acordo com ela, a prática propicia o aumento da resili-

ência, maturidade, aceitação do outro, qualidades que, segundo ela, “estamos perdendo com o mundo digital”. Além de realizar as oficinas, o estudante também precisa entregar um trabalho acadêmico, informando qual a química envolvida no processo. “Se você me perguntar onde não tem química, eu não sei. Porque a gente é química pura, um laboratório de química. Tem química no banheiro, na cozinha, em qualquer lugar, até no digital”, diz.

Neste ano, além da Engenharia Química, também participam alunos das disciplinas extensionistas dos cursos de licenciatura de Física e Matemática. De acordo com a professora Carina Pinheiro, da disciplina Prática de Ensino: Espaços alternativos para o Ensino de Matemática, a atividade do curso consistirá na elaboração e utilização de material pedagógico planejado especialmente para alunos com necessidades educacionais especiais. O objetivo principal, conta, “é propiciar aos licenciandos experiências de formação adequadas para trabalhar com alunos com desenvolvimento atípico, uma vez que a inclusão desses alunos nas escolas regulares é uma realidade no Brasil”.

Para a professora Vânia Aguiar Moura, da disciplina Espaços Alternativos para Ensino de Física, a intenção é desenvolver atividades que aproximem o aluno de outras realidades, enriquecendo o seu processo de formação como docente. “Aliado ao aprimoramento das relações com os alunos da Apae, os alunos da licenciatura realizarão diversas oficinas, desenvolvendo atividades relacionadas com a Física”, afirma.

“Sou muito grata quando uma universidade, uma escola chega à Apae e fala que quer contribuir, conhecer, experienciar, viver. Isso para



O aluno da Apae Matheus Alexandre Fonseca dos Santos: gratidão pelo aprendizado

nós, que somos colaboradores, tem significado”, afirma Luciana Gontijo, diretora da Escola Sofia Antipoff, que trabalha com crianças, adolescentes e adultos com deficiência intelectual, do ensino fundamental ao EJA (Educação de Jovens e Adultos, programa do MEC que oferece ensino fundamental e médio). Ela explica que todos participam igualmente do projeto e que um dos critérios para a escolha das atividades é o significado para a vida do aluno. A oficina de tinta, por exemplo, foi utilizada para abordar a importância do consumo de verduras e legumes. “É algo que traz sentido para o projeto. Você pega um tema e começa a destrinchar aquele tema para vários significados na vida”, explica. Para ela, as oficinas proporcionaram a troca de conhecimentos e experiências e resultaram na formação e na transformação humana dos participantes. “Foi algo fantástico o que os alunos da PUC fizeram dentro da escola”, elogia.

Professora Claudete Botaro, coordenadora de extensão, e Luciana Gontijo, diretora da escola da Apae



Pedagogia de projetos

Localizada no bairro Santa Tereza, região Leste de Belo Horizonte, a Escola Oficina Sofia Antipoff tem 110 alunos e trabalha com a pedagogia de projetos, uma metodologia educacional que tem por objetivo organizar a construção do conhecimento em torno de metas previamente definidas, de forma coletiva, entre alunos e professores. Nela, a atividade do sujeito aprendiz é determinante na construção de seu saber operatório e esse sujeito, que nunca está sozinho ou isolado, age em constante interação com os meios ao seu redor.

O estudante do 4º período de Engenharia Química, Samuel Pereira Costa, 22 anos, foi um dos que se envolveram com o projeto no último semestre. Ele conta que, no início, estava receoso em relação à sua participação, mas que depois do contato direto com os alunos com Síndrome de Down e outras deficiências mudou a sua visão. De acordo com ele, a comunicação fluiu normalmente, o que ele considerou “sensacional”. Ele explica que o grupo dele ficou responsável pela oficina de tinta, e que em conversa com outros colegas da turma, da oficina de papel, resolveram fazer uma atividade conjunta. “Eles davam o papel, a gente mostrava a tinta, e eles [os alunos da escola] começaram a colorir e desenhar o que vinha à cabeça”, explica.

Os alunos da Apae Gabriel de Freitas Marques, de 23 anos, e Matheus Alexandre Fonseca dos Santos, 18, ambos atualmente no 3º módulo do

“Isso a gente não encontra, é muito difícil achar uma entidade, um lugar e pessoas que tenham esse carinho e vontade de ajudar”

Vanessa Fonseca Santos

EJA, participaram de diversas atividades, dentre elas a oficina de tinta. Cada um a seu modo, eles expressaram contentamento com as atividades e se lembraram de ter desenhado um coração com a tinta produzida a partir de verduras e legumes. Matheus conta que os alunos da PUC são “muito bons” e que gostaria de estudar na Universidade. Ele diz que quer ser policial; e Gabriel, desenhista.

A dona de casa Rinária Cardoso de Freitas, 55 anos, mãe do Gabriel, ressalta a importância do aprendizado para o filho. “Quanto mais o Gabriel aprender aqui na escola, através da PUC, para mim é muito importante, e para ele é mais importante ainda”, diz. Já a vendedora Vanessa Cristiane Fonseca Santos, 42, mãe do Matheus, parabeniza pelo trabalho e pelo cuidado com os “especiais”. “Isso a gente não encontra, é muito difícil achar uma entidade, um lugar e pessoas que tenham esse carinho e vontade de ajudar”.

Práticas curriculares de extensão

De acordo com o regulamento da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), as práticas curriculares de extensão são “atividades acadêmicas desenvolvidas em estrita vinculação com os componentes curriculares do curso, tendo como pressuposto a interação aluno, professor e sociedade, visando estabelecer relações entre a realidade e a produção do conhecimento, tendo em vista proporcionar aos participantes a formação integral, comprometida com a mudança social”. O Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando essas ações, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social. As práticas curriculares de extensão estão presentes em todos os cursos de graduação da PUC Minas.

O aluno da Apae Gabriel de Freitas Marques Costa: tinta feita a partir de legumes e verduras

Bruno Timóteo



EXTENSÃO

APOIO NA GESTÃO EMPRESARIAL

Projeto da Unidade Barreiro promove o desenvolvimento de micro e pequenas empresas | **Júlia Mascarenhas**

Pequenas e médias empresas no Brasil são consideradas protagonistas para o desenvolvimento econômico das cidades, principalmente por apresentar grande potencialidade de geração de emprego e renda para a população. No entanto, a fragilidade desses empreendimentos, no que tange à organização, planejamento e gestão de seus negócios, leva a maioria à falência, gerando transtornos para toda a sociedade.

Diante disso, o projeto de extensão Observatório Empresarial, realizado pelo Escritório Ideias da PUC Minas Barreiro, sob a coordenação do professor do Curso de Administração Rodrigo Cassimiro de Freitas, foi criado com o objetivo de implementar iniciativas que promovam o desenvolvimento local da região do Barreiro, especialmente na área comercial no entorno da Unidade.

O projeto, iniciado em 2018, se concentra em estimular o desenvolvimento de uma rede de cooperação entre a Universidade e as organizações do primeiro, segundo e terceiro setor que permita o

fortalecimento organizacional das micro e pequenas empresas. “O projeto foi pensado com a perspectiva de reunir informações sobre o perfil da atividade econômica do Barreiro. Entender principalmente o perfil dos comerciantes, empreendedores e empresários que atuam principalmente na região da Universidade”, diz professor Rodrigo.

Para entender o perfil das empresas da região, foram aplicados questionários em todos os estabelecimentos comerciais das avenidas Afonso Vaz de Melo e Sinfrônio Brochado. Foram feitas em torno de 40 questões sobre a principal atividade econômica, área de atuação, problemas tributários, planejamento estratégico, mercadológico e financeiro e se tinham alguma dificuldade com instrumentos de gestão. “Fizemos primeiro um perfil mais demográfico, para entender as características, e depois fizemos perguntas para entender o que eles desenvolviam do ponto de vista gerencial, se eles achavam relevante e se enfrentavam alguma dificuldade”, explica Rodrigo.

O lava a jato de Rodrigo Cariso é uma das 22 empresas da região do Barreiro para as quais o Observatório Empresarial presta consultoria

Gestão financeira é uma das dificuldades

Foram aplicados 523 questionários, nos quais o diagnóstico identificou que as principais dificuldades enfrentadas pelos empreendimentos estão relacionadas à gestão financeira e contábil, problemas trabalhistas e de criminalidade na região. “Nesse primeiro momento, queríamos levantar o perfil, as principais demandas, quais eram as potencialidades dos empreendimentos, as dificuldades e limitações que poderiam gerar algum tipo de ameaça, para depois fornecermos algum serviço para ajudar empreendedores e empresário”, diz o professor. Desta

forma, surgiu a proposta de realizar um evento com oficinas, cursos, palestras e workshops com temas relevantes para os empreendedores, como questões tributárias, jurídicas, marketing digital e a informatização da gestão do negócio.

Rodrigo Carisio Fernandes, dono da empresa O3 Clean Estética Automotiva, foi um dos empreendedores que respondeu ao questionário e afirma que, ao responder, mudou a perspectiva que tinha sobre o seu empreendimento. “Muitos problemas da empresa a gente já sabe, mas, ao responder, percebemos que ne-

cessitamos de mais conhecimento para algumas questões”, diz.

Hoje, o lava-jato de Rodrigo Carisio é uma das 22 empresas da região do Barreiro para as quais o Observatório Empresarial presta consultoria administrativa. Rodrigo relata que, apesar de terem começado há pouco tempo, é grande a expectativa de ter bons resultados. “É interessante, pois a visão de negócio eu já tenho, mas nas poucas conversas que tive com os alunos do projeto já posso ver alguns elementos com um olhar diferente”, afirma o empreendedor.

Consultoria também a produtores rurais

Além das empresas em Belo Horizonte, o projeto de extensão também presta consultoria a pequenos produtores rurais no município do Serro, uma parceria com a Coordenação de Extensão da PUC Minas Serro, a convite das professoras Aline Nunes Viana e Virginia Junqueira Rugani Brandão. A partir do evento, foram realizadas propostas de organizações para terem consultoria com o Observatório Empresarial.

O projeto das professoras consiste em fortalecer os agricultores familiares

do município por meio da criação da Cooperativa das Famílias Agricultoras do Serro (Coopefas), que incentiva a competição no mercado local e regional e a melhoria de qualidade de vida dos cooperados e das comunidades onde vivem. As professoras contam que uma vez realizado o diagnóstico para identificar o perfil dos agricultores, a equipe buscou parcerias para sustentar ações do projeto. “O Observatório Empresarial oferece importante contribuição na área de logística, análise da demanda de mercado

e elaboração de plano de negócios”, diz a professora Aline.

Hoje, o Coopefas possui 41 cooperados e suas principais atividades são a comercialização dos produtos que têm como base hortaliças, legumes, raízes e tubérculos, atividades de organização e assistência técnica na produção e capacitação profissional. “A produção dos cooperados está essencialmente baseada em agricultura familiar. Desta forma, estamos com uma perspectiva de teste de mercado para verificar quais são os produtos com viabilidade de lançamento e criação de estratégias diferentes para mercados doméstico, regional e externo”, diz o professor Rodrigo.

Thiago Soares Melo, tesoureiro da Coopefas, espera que a parceria com o Observatório Empresarial possa se fortalecer e trazer resultados positivos. “A consultoria ainda está em etapa inicial, mas na primeira reunião já apareceram algumas informações que nos despertaram para a necessidade de buscar novos conhecimentos”, diz Thiago.

Todas as atividades, consultorias e projetos são feitos pela equipe de 16 estudantes dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Economia, Engenharia Civil, Engenharia de Produção e Nutrição da Unidade Barreiro e do Campus Coração Eucarístico, sob a supervisão do professor Rodrigo.



Raphael Calixto

Junto com outros alunos extensionistas do projeto, Marcus Vinicius de Almeida Ferreira realiza as atividades sob orientação do coordenador, professor Rodrigo Cassimiro de Freitas

TECNOLOGIA IRRIGAÇÃO DE BAIXO CUSTO

Alunos de Engenharia Elétrica desenvolvem projeto para o Jardim Botânico de Poços de Caldas | **Beatriz Reis**

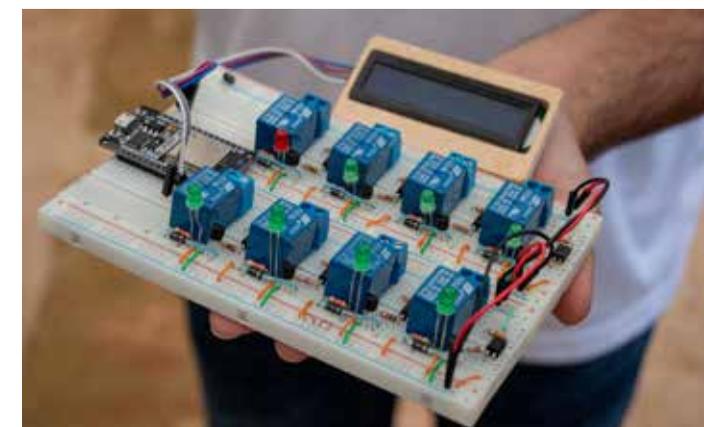
Maressa Basso

Na Fundação Jardim Botânico de Poços de Caldas são cultivadas espécies nativas do planalto da região e também espécies ameaçadas de extinção. Essa iniciativa, muito importante para a preservação ambiental na cidade, apresenta alguns desafios para continuar operando. Um deles é o alto custo dos equipamentos do sistema de irrigação das estufas. Diante disso, alunos do 8º período do Curso de Engenharia Elétrica do Campus Poços de Caldas propuseram a readequação desse sistema com o desenvolvimento de um protótipo capaz de executar a mesma rotina com custo reduzido.

A sugestão foi apresentada pelos alunos Alexandre Reis Carvalho, Pedro Afonso Vilhena e Kaio Henrique de Barros, acompanhados do professor Celso Iwata Frison, quando, durante uma visita técnica ao local, constataram que os equipamentos de automação de irrigação estavam comprometidos e apresentavam falhas que atrapalhavam o seu funcionamento. Para solucionar essa questão, o protótipo foi desenvolvido nos laboratórios da Universidade, utilizando um microcontrolador ESP32, que permitirá a integração com um aplicativo que está sendo desenvolvido como parte do projeto.

Com o trabalho já em andamento e com outras visitas técnicas, os estudantes detectaram que, mesmo com o protótipo pronto, o problema do sistema de irrigação nas estufas poderia ser resolvido com uma readequação dos equipamentos já existentes no Jardim Botânico. “Em uma das estufas na qual estávamos trabalhando, existiam dois controladores responsáveis por essa parte de irrigação. Um deles não estava funcionando, mas, após algumas avaliações, percebemos que poderíamos utilizar peças dos próprios controladores para reparar as falhas”, comenta Alexandre Reis, um dos alunos responsáveis pelo projeto.

As visitas também revelaram um contratempo inesperado: os canteiros de plantas medicinais não possuíam nenhum tipo de automação e a irrigação era feita manualmente pelos viveiristas. Isso fez com



que a proposta do protótipo fosse colocada em pauta novamente e, para isso, a equipe do Jardim Botânico deu início a algumas instalações hidráulicas que contemplassem o projeto.

De acordo com o professor Celso, com esse protótipo é possível programar toda a ação do processo de irrigação. “O horário, a quantidade de água e todas as demais informações necessárias foram repassadas pelo engenheiro florestal do Jardim Botânico e posteriormente cadastradas no equipamento que executa a ação. O protótipo vai permitir a irrigação das plantas, inclusive aos finais de semana, quando os funcionários não trabalham”, destaca o professor.

A equipe do Jardim Botânico avaliou essa parceria de maneira muito positiva. “O projeto trouxe soluções para economizar água e energia e também promover uma melhor distribuição da irrigação nas diversas mudas desenvolvidas nas estufas”, afirma O diretor administrativo e financeiro da Fundação, Sebastião Alves Ferreira

A próxima etapa será a integração entre o aplicativo que está em desenvolvimento e os controladores, o que possibilitará o acesso remoto dos funcionários responsáveis pela irrigação a qualquer hora do dia.

Protótipo desenvolvido com um microcontrolador ESP32, instalado nas dependências do Jardim Botânico, executa a mesma rotina dos equipamentos do sistema de irrigação

COMUNIDADE

CAPACITAÇÃO EM LIDERANÇA SOCIAL

Projeto de extensão da PUC São Gabriel visa à melhoria da gestão das associações | **Bruna Santos Vida**

Os líderes comunitários desenvolvem papel fundamental na vida dos bairros e comunidades onde atuam. A partir do trabalho deles, é possível identificar os problemas ou falhas a fim de promover melhorias para a população da região onde atuam. Mas nem sempre isso funciona bem. Foi para contribuir com os líderes comunitários em suas atividades que o projeto de extensão *Gestão com Pessoas no Terceiro Setor*, do Curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel, desenvolveu a Capacitação em Liderança Social. “Nosso objetivo é assessorar a coordenação para uma gestão mais participativa, voltada para os interesses da comunidade, para que seja uma gestão que busque a qualidade e produtividade das pessoas”, explica a coordenadora do projeto, professora Nanci das Graças Carvalho Rajão.

A ideia para realizar o projeto de extensão sur-

tiu com a prática do Estágio em Psicologia, quando foram desenvolvidas ações de acompanhamento à gestão dos coordenadores de duas associações comunitárias. Com o diagnóstico em mãos, a equipe detectou fragilidades a serem trabalhadas. “Percebemos que os moradores da comunidade não participavam e não se envolviam na condução de ações coletivas junto aos coordenadores das associações, ficando sob a responsabilidade sempre das mesmas pessoas”, explica a professora. Com isso, as atividades sofriam descontinuidade e os participantes não percebiam relevância das ações em suas vidas.

Vivaldino Neres Ribeiro, líder na Associação Comunitária do Novo Lajedo, participou da capacitação no ano passado e explica que as atividades contribuíram para que os líderes tivessem acesso às informações necessárias para melhorar a gestão. Ele

Raphael Calixto



O projeto, coordenado pela professora Nanci das Graças Carvalho Rajão, visa à autonomia das associações comunitária e capacitação de equipes

explica que alguns participantes viam os conteúdos como uma ameaça ao seu papel na comunidade. “Ao distribuir funções, é como se o líder perdesse seu poder, porque muitas vezes ele é visto como um deus pela comunidade. Mas, se ele abraça todas as demandas e não abre mão de nenhuma, ele não consegue resolver as questões e ainda prejudica sua vida pessoal. Não é bom para ninguém”, explica. Ao longo da capacitação, foram apresentadas e discutidas questões e ferramentas de gestão para que os líderes pudessem aprimorar suas técnicas e aplicá-las no cotidiano das entidades.

Os objetivos da Capacitação em Liderança Social são contribuir para a autonomia das associações participantes e compartilhar metodologias sobre formação de equipes e sobre elaboração de projetos sociais. “Queremos que essas associações tenham um perfil profissional sem, claro, perderem suas características de associação comunitária. O profissionalismo é no sentido de se aperfeiçoarem, de mostrarem resultados, de monitorar as atividades, reverem processos para que conquistem mais autonomia para realizar suas ações. E com isso conseguir

mais autonomia para realizar suas ações e competência para buscar recursos externos”, explica a professora Nanci.

Vivaldino conta que uma das coisas que aprendeu durante a capacitação foi distribuir funções para não sobrecarregar o líder e comprometer o trabalho da associação. Ele vem aplicando os conhecimentos e passou a delegar as atividades, o que facilitou seu cotidiano na associação. “Ganhei mais confiança em executar o meu trabalho, porque dividi as tarefas com cada líder. Ficou mais fácil acompanhar cada área. Me aliviou do fardo do fazer para eu focar na gestão”, explica. A Associação Comunitária do Novo Lajedo e Adjacências atende crianças, adolescentes e adultos em diversas frentes. Eles possuem atividades de esporte, saúde, atenção à mulher e serviços em geral. “Temos turmas de futebol feminino e masculino de várias idades. As turmas são divididas por idades que vão de cinco a mais de 30 anos. Atendemos as famílias, aqueles que buscam por qualificação profissional e encaminhamento ao mercado de trabalho e mulheres em situação de violência doméstica”, conta Vivaldino.

Autoconhecimento e aprendizado

A Capacitação em Liderança Social é oferecida na PUC Minas São Gabriel, aos sábados, no turno da tarde. Em 2019, participaram das oficinas 30 líderes de várias regiões da capital mineira. Patrícia Gomes da Silva, aluna do 9º período do Curso de Psicologia da Unidade São Gabriel, é extensionista no projeto de Gestão com Pessoas no Terceiro Setor. “Aprendemos muito com o projeto, porque participamos do planejamento das atividades, das oficinas, da avaliação do conteúdo, acompanhamos o trabalho que os líderes fazem em suas comunidades”, conta. Para Patrícia, a extensão universitária é uma forma de conhecer outros campos, outras realidades e de desenvolver habilidades diversas, como utilizar a linguagem adequada para os diferentes públicos, ter empatia com o outro, valorização do próximo e de seu conhecimento, respeitando suas habilidades. “A extensão abriu portas para mim. Por ela, fui apresentada ao mercado de trabalho, além do autoconhecimento e do crescimento pessoal”, comemora.

Neste ano, as expectativas da equipe do projeto de extensão são ousadas. “Pretendemos consolidar o que já viemos desenvolvendo ao longo do projeto: contribuir com a profissionalização das associações, com o desenvolvimento da autonomia e da profissionalização de seus processos, e de conscientizar os líderes da necessidade de se aperfeiçoarem sempre”, explica a professora Nanci.

DICAS PARA OS LÍDERES SOCIAIS

- 1 Compreender que a liderança social não pode reproduzir a visão capitalista de produtividade e sim de que é um trabalho construído coletivamente e baseado na solidariedade;
- 2 Ter uma gestão transparente e aberta ao diálogo e sugestões;
- 3 Compreensão de que o trabalho voluntário deve ser encarado como uma ação cidadã que visa o bem comum;
- 4 Compreender que o voluntário não é um empregado subordinado e é preciso conhecer as competências de cada voluntário;
- 5 Compartilhar valores, crenças e atitudes solidárias entre os voluntários buscando o desenvolvimento da comunidade;
- 6 Ter uma equipe bem estruturada e treinada, buscando desenvolver as competências essenciais e habilidades necessárias às atividades da ONG ou associação comunitária;
- 7 Ter excelência na comunicação entre todos os membros da equipe;
- 8 Regularização contábil e jurídica da Instituição para que assim possa buscar recursos públicos e privados;
- 9 Promover a autonomia da instituição e de seus membros;
- 10 Ter registros documentais de todas as atividades da instituição para análise quantitativa e qualitativa;
- 11 Realização do diagnóstico da instituição, para detectar os pontos mais fortes e mais fracos, para se fazer o plano estratégico.

Fonte: professora Nanci G. C. Rajão

ENSINO A DISTÂNCIA

CONEXÃO COM O MERCADO

Parceria entre PUC Minas Virtual e CDL/BH proporciona aos alunos a vivência do cotidiano das empresas | **Rafaela Rodrigues**

Com um projeto pedagógico inovador e totalmente reformulado, o Curso de Administração a distância da PUC Minas firmou parceria com a Câmara dos Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte, a CDL/BH, para oferecer aos alunos a oportunidade de se conectarem com o mercado desde o primeiro momento da graduação.

No novo curso, os períodos e as disciplinas tradicionais dão lugar a projetos baseados em demandas reais vindas de empresas associadas à CDL/BH e, agora, parceiras da PUC Minas. Uma delas é o Centro Visão, que tem mais de 30 anos de mercado e 20 lojas em Belo Horizonte e região metropolitana. “Existe um plano de expandirmos nossa empresa na Grande BH e de lançarmos franquia para o interior do estado.

Então, o convite para essa parceria foi excelente, veio em uma época oportuna”, declara Fernando Cardoso, sócio-diretor e responsável pela área comercial do Centro Visão.

Em cada ano do curso, chamado agora de ciclo de aprendizagem, os alunos contarão com dois eixos temáticos com duração de um semestre letivo cada. Em cada eixo, um tema da Administração será trabalhado, a partir dos Microfundamentos (conteúdos técnicos fundamentais à formação do profissional e diretamente relacionados ao eixo em questão), das Competências Comportamentais (programa de desenvolvimento de habilidades socioemocionais), dos Desafios Contemporâneos (programa de formação de valores e atitudes a partir de questões que

representam desafios da sociedade) e do Projeto do Eixo Temático (desenvolvido a partir dos problemas das empresas). Marcelo Falcone da Silva é aluno do curso e está ansioso para começar a estudar. “Gostei muito da proposta. Achei arrojada e bem desafiadora. Estava no terceiro período da graduação antiga, aqui mesmo na PUC Minas Virtual, e resolvi parar tudo e me matricular novamente. Poder aplicar a teoria estudada à prática desde o início do curso e ver o funcionamento dos mecanismos administrativos é um diferencial”, conta.

Marcelo já possui uma graduação em Direito pela PUC Minas e, além de advogado, exerce funções de administrador. “Nas empresas em que trabalho, sinto uma carência forte de poder aplicar o que aprendo. Quando vi os novos direcionamentos do curso, percebi que seria uma oportunidade de transformação”, conta.

Essa oportunidade também é encarada por Walder Teixeira Cassino, sócio da Graça Tour, agência de viagens de tradição na região oeste de Belo Horizonte. “Acredito que será um aprendizado recíproco: tanto para o aluno, ao poder aplicar na prática o que aprende, quanto para a empresa, ao ter o acompanhamento de perto de alunos e professores gabaritados pela PUC Minas”, afirma Walder. Fernando Cardoso concorda: “Será uma construção conjunta muito legal e enriquecedora, uma conexão exemplar entre



Raphael Calixto

Aluno da antiga graduação em Administração, Marcelo Falcone decidiu se transferir para o novo curso: “Achei a proposta arrojada e bem desafiadora”

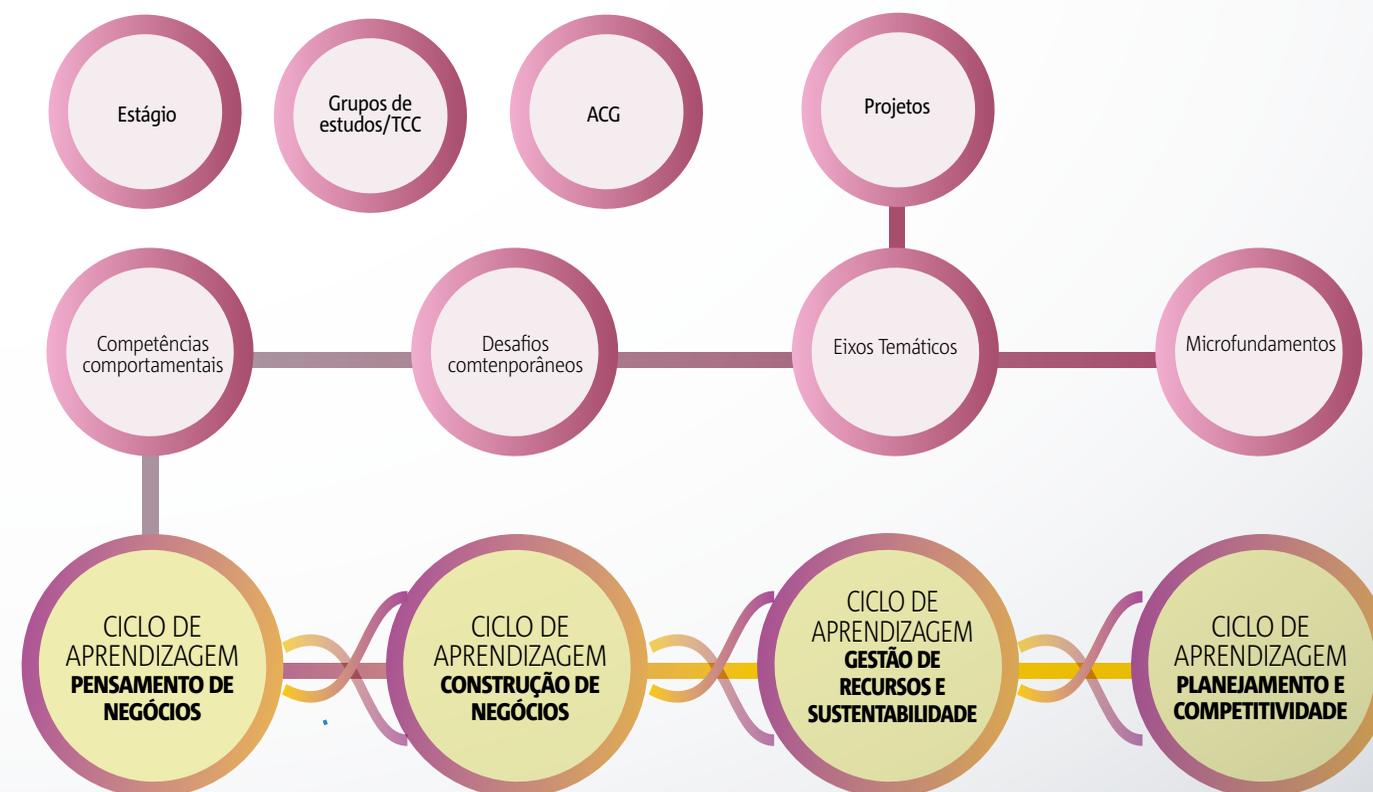
SAIBA MAIS

Para mais detalhes sobre a estrutura do novo curso de Administração a Distância da PUC Minas, acesse: pucminas.br/ead/administracao.

teoria e prática que proporcionará evolução para os alunos e para nós, empresários”, declara.

Os casos empresariais serão selecionados a partir de encontros realizados pela CDL/BH. Durante as reuniões, serão identificadas as demandas de cada negócio e os professores da PUC Minas transformarão os problemas em casos de ensino, de forma que possam ser trabalhados pelos alunos com base no conteúdo de cada eixo temático. Ao final de cada semestre, os alunos devolverão para o mercado as soluções encontradas.

ESTRUTURA DO NOVO CURSO



PÓS-GRADUAÇÃO

CONVERSA QUE DÁ RESULTADO

Comunicação não violenta e escuta ativa são algumas das ferramentas discutidas em curso sobre mediação | **Felipe Caixeta**

Você sabe se colocar no lugar do outro na hora de um conflito? Essa é a chave para muitas situações de enfrentamento, segundo a professora Ana Cristina Pires Fonseca, coordenadora do curso de pós-graduação em Mediação: da Psicologia ao Direito. Na especialização, oferecida pelo Instituto de Educação Continuada (IEC PUC Minas), o objetivo é discutir o conhecimento teórico necessário para a prática da técnica da mediação, um método extrajudicial no qual o diálogo entre as partes em conflito é promo-



Professora Sônia Vieira Coelho, educadora e mestre em Psicologia Social

vido por um profissional mediador. Trata-se de um instrumento muito utilizado nos dias de hoje em todo o mundo para a resolução de conflitos, explica o professor Leandro Rennó, que também coordena cursos na área de Direito e Mediação na Universidade. “Ao invés de achar que tudo se resolve por meio da briga ou do processo judicial, as pessoas passam a perceber a importância do diálogo na tomada de decisão. Há, portanto, um impacto positivo nas relações humanas”, avalia o professor Leandro.

De acordo com a educadora e mestre em Psicologia Social, professora Sônia Vieira Coelho, a lógica da conciliação é feita na perspectiva das relações entre as pessoas e entre elas e seu ambiente. “Pensemos o conflito como uma questão interpessoal, que ocorre nas interações, em situações de disputa de opiniões, em que as pessoas envolvidas apresentam dificuldades em construir acordos, ocupando posições polarizadas”. Para ela, a mediação tende a propor um acordo equilibrado e bom para as duas partes tendo, por isso, uma probabilidade maior de ser cumprido no futuro.

Mediação além dos tribunais

O mercado para quem atua na mediação está em crescimento, segundo a professora Ana. O uso da técnica, no entanto, vai além do meio jurídico. Atualmente, a mediação está presente não só no judiciário, mas também dentro das escolas, comunidades, empresas, governo, ou seja, em todas as esferas da vida. “É necessária uma visão multidisciplinar, que aborde o tema sob o viés da psicologia e do direito e todas as vertentes que envolvem a mediação”, afirma a professora. “Muitas escolas, por exemplo, já decidem seus problemas entre alunos, pais e professores com mediação”, acrescenta.

No ambiente escolar, é essencial ensinar as crianças a ter voz, a serem cidadãos. “A mediação ajuda as crianças a desenvolverem suas competências emocionais, a aprenderem a ouvir o outro e saber que isto é muito importante. Aprende a se comunicar e a viver bem socialmente. Devemos ensinar as crianças a resolverem seus próprios conflitos antes de terceirizá-los”, afirma. Dessa forma, conseguimos encontrar dentro de nós mesmos aquelas características (boas ou ruins) que enxergamos no outro. Esse é um longo e difícil processo que serve para a vida”, defende.

Melhor também para a sociedade

A possibilidade de entender a razão do outro e mudar a vida de quem enfrenta disputas move a advogada e mediadora Janaína Maria de Castro Prates. Ela, que é formada em Direito pela Universidade, ressalta: “Quando as partes percebem que podem assumir o protagonismo na resolução do conflito, o envolvimento ativo se revela como fundamental. É a compreensão de que não será um terceiro (juiz) que resolverá a situação e, sim, com o trabalho do mediador, as próprias partes atuarão para solucionar o caso”.

Atuando como mediadora judicial na Comarca de Vespasiano, Janaína ressalta algumas experiências que reforçam o mérito da mediação. “Pude acompanhar um processo de divórcio que se arrastava por um período de sete anos. O contato do casal com a mediação nitidamente abriu um novo horizonte para eles. Neste caso, a efetividade do procedimento se demonstrou tão logo

o casal assumiu o desejo de resolver a situação. Foi a comprovação de que a possibilidade de resolução real proporciona o ânimo nos envolvidos em construir a melhor solução possível”, lembra.

Para se colocar no lugar do outro, no entanto, é necessário mais do que boa vontade. Em um processo de mediação, aprender a lidar com o ser humano e a fazer a pergunta certa é fundamental. “Em muitas situações, por exemplo, os conflitos acontecem entre as pessoas por razões muitas vezes desconhecidas ou emocionalmente ocultas”, pontua a professora Ana Cristina. Ela conclui que a empatia é definidora para a compreensão do processo. “Empatia é ouvir antes de falar, é compreender o próximo. Só assim os conceitos e princípios da vida em grupo, além do respeito à ética nas relações, se consolidam e geram consequências positivas na convivência social”, completa.



Raphael Calixto

“Em muitas situações, por exemplo, os conflitos acontecem entre as pessoas por razões muitas vezes desconhecidas ou emocionalmente ocultas”

Janaína Maria de Castro Prates, advogada e mediadora



Clarissa Veloso seguiu a carreira acadêmica; no mestrado e no doutorado, defendeu estudos sobre cidades, como o bairro Floresta, em BH

CIÊNCIAS SOCIAIS

REFORÇO NA SOCIOLOGIA

PUC Minas estende obrigatoriedade da disciplina para todos os cursos de graduação | **Leandro Felicíssimo**

A discussão em torno da imprescindibilidade ou da imprescindibilidade das Ciências Sociais se intensificou com a proposta, em 2019, do governo Bolsonaro em reduzir verbas para cursos de ciências sociais e de filosofia de universidades públicas federais. No ano em que o Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Sociais da PUC Minas completa 20 anos de existência e o Instituto de Ciências Sociais (ICS) metade desse tempo, a Universidade está estendendo a obrigatoriedade da disciplina Sociologia para todos os seus cursos de graduação, sinalizando que as Ciências Sociais são, sim, imprescindíveis para a formação humanista integral do ser humano, de

profissionais éticos, solidários e comprometidos com o bem comum, missão da Instituição.

Para o professor Danny Zahreddine, diretor do Instituto de Ciências Sociais, a PUC Minas tem percebido a importância em colocar a Sociologia como disciplina obrigatória ao lado de Filosofia e de Cultura Religiosa, convergindo para a missão da Universidade de formar profissionais competentes tecnicamente, mas também éticos. “O Papa Francisco tem deixado muito claro o papel da fé, da razão e do entendimento da nossa vida em sociedade. A fé, muito importante no ensino religioso, na cultura religiosa; a razão no ensino da filosofia; e, na sociologia, a compreensão da

nossa relação com a sociedade. E a Universidade, principalmente o reitor Dom Joaquim Mol, tem percebido a importância disso”, opina o professor Danny. “Em outras instituições de ensino superior, a Sociologia está sendo retirada com muita força. Nossa Universidade a protegeu, permitindo que a Sociologia seja mais forte do que antes, porque é necessário prepararmos agentes que possam compreender os dilemas da sociedade”, explica o professor Danny sobre a importância da empatia para com o outro.

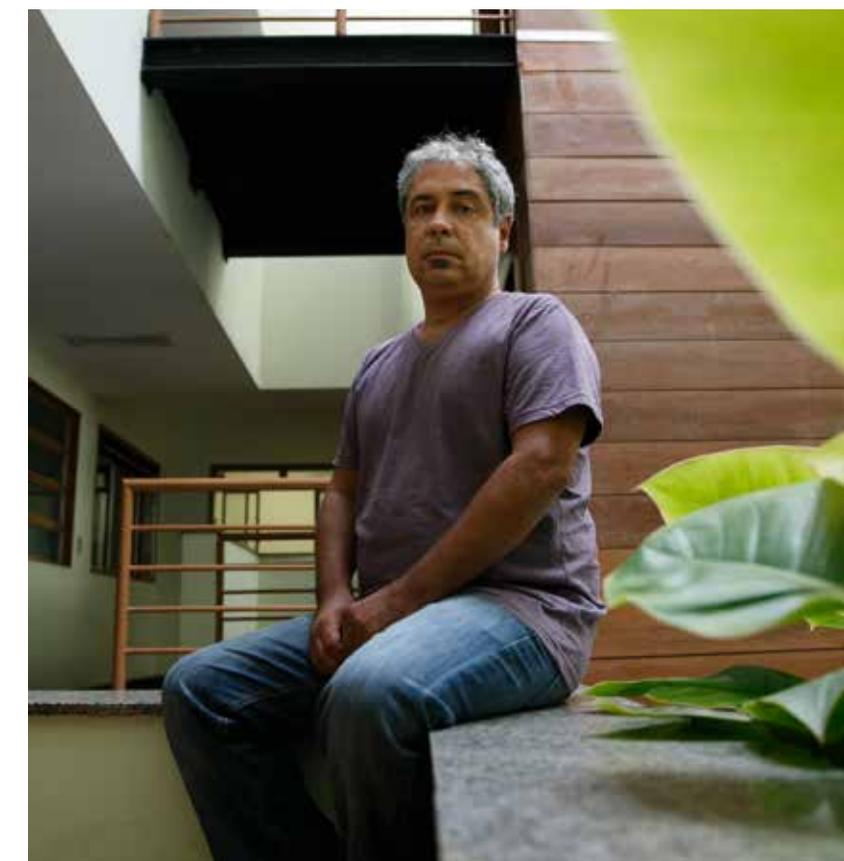
De acordo com a chefe do Departamento de Ciências Sociais, professora Adriana Machado Simões, cada Instituto e Faculdade da PUC Minas tem construído essas disciplinas em conjunto com o Departamento, as quais estão sendo implementadas ao longo de quatro anos, adaptadas a cada área do conhecimento. Como exemplo,

em cursos do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS) existe a oferta da disciplina Sociologia, Saúde e Meio Ambiente; no Instituto de Ciências Exatas e Informática (Icei), Sociologia e Estudos Temáticos e Computadores e Sociedade; no Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais (Iceg), Sociologia das Organizações; e, no Instituto de Filosofia e Teologia, a própria Sociologia. “Essa formação humanística é essencial, esse olhar para o outro”, diz a professora do Departamento, mais antigo que o próprio ICS e o Programa e que é responsável por disponibilizar as disciplinas e fornecer docentes para tal. “A PUC Minas se coloca como alguém que acredita, não podia ser diferente, na valorização da fé, do outro”, ressalta a professora sobre a importância da Sociologia ao lado da Filosofia e da Cultura Religiosa na Universidade.

Formação do pensamento crítico

“É fato que as Ciências Sociais como campo de conhecimento está sendo atacada [pelo governo]. Não só no caso brasileiro. Com argumentos de que as Ciências Sociais seriam diletantes, ou seja, não produziram conhecimento com consequências relevantes para a sociedade e que, em contraposição, investir nas ciências duras ou tecnológicas ter-se-iam retornos mais concretos. Isso é um movimento que eu refuto de má-fé por parte de alguns e desconhecimento por parte de outros”, defende o professor Carlos Alberto de Vasconcelos Rocha, coordenador do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Sociais, que tem conceito 5 junto à Capes/MEC. De acordo com ele, as Ciências Humanas e as Ciências Sociais, especificamente, têm um papel de crítica e, num certo aspecto, colocam em julgamento o que somos, as consequências do que somos em termos coletivos e o que poderíamos ser. “Se você lança um olhar sobre os processos que a gente tem de organização política da nossa sociedade, democracia, eleição, legislativo, tudo é fruto do pensamento das Ciências Humanas e das Ciências Sociais. Então a pergunta é a seguinte: como não têm consequências [para a sociedade]?”, questiona o pesquisador.

Sobre a importância do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, o coordenador considera que o *stricto sensu* “foi encontrando uma identidade mais definida e, enfim, consegue se estabelecer como um programa consolidado, relevante no contexto nacional e inclusive com con-



O coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, professor Carlos Alberto Rocha: processos de organização política da nossa sociedade são fruto do pensamento das Ciências Humanas e das Ciências Sociais

SAIBA MAIS

CURSOS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

- Arquitetura e Urbanismo; Ciências Sociais; Relações Internacionais; Serviço Social
- Pós-graduação *lato sensu* - IEC
- Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais
- Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais

pucminas.br/ics



“Em outras instituições de ensino superior, a Sociologia está sendo retirada com muita força. Nossa Universidade a protegeu, permitindo que a Sociologia seja mais forte do que antes, porque é necessário prepararmos agentes que possam compreender os dilemas da sociedade”

Professor Danny Zahreddine, diretor do ICS

tribuição internacional. Então, essa é uma trajetória de progressiva consolidação de um espaço relevante no contexto das Ciências e das Ciências Sociais, em geral”, define o professor Carlos Alberto. “A pós-graduação de Ciências Sociais é fruto de uma política da Instituição em consolidar a pós-graduação na PUC Minas. Em uma universidade do porte da PUC, eu creio que há um imperativo de organizar um campo de conhecimento das Ciências Humanas em geral e das Ciências Sociais em particular. E a pós-graduação tem o papel de difundir conhecimento de uma forma mais rigorosa, tem a função de formar pesquisadores e de fazer pesquisa. A pós-graduação em ciências sociais cumpre esse objetivo, de uma forma fundamental. Primeiro, para contribuir para a pesquisa, difusão de conhecimento, formação de profissionais de alto nível e pesquisadores, no caso de Belo Horizonte, Minas Gerais e Brasil e, inclusive, internacionalmente. Tivemos

estagiários de pós-doutorado de outros países e também para contribuir para a produção de conhecimento para pesquisa. Então, esse papel a pós-graduação cumpre de uma forma essencial para uma universidade do porte, da relevância da PUC Minas”.

Um dos exemplos de pesquisas premiadas foi a dissertação *Monumento para quem? A preservação do patrimônio nacional e o ordenamento do espaço urbano de Ouro Preto (1937-1967)*, de autoria de Evelyn Maria de Almeida Meniconi, no Prêmio Anpocs 2005, da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação da área. A orientação foi do professor Tarcísio Rodrigues Botelho. Uma característica marcante do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, de acordo com o professor Carlos Alberto, é uma “proximidade muito efetiva em relação ao poder público, de movimentos sociais e de formação profissional de professores e pesquisadores”.

É justamente na formação de pesquisadores e professores que se encaixa Clarissa dos Santos Veloso, que recentemente defendeu tese de doutorado no Programa, intitulada *Um Bairro Patrimonial: dinâmicas residenciais e comerciais do Floresta, em BH*. Clarissa diz que, desde a graduação em Ciências Sociais na Universidade, já tinha inclinação para a pesquisa acadêmica. No mestrado, desenvolveu dissertação sobre os museus da Praça da Liberdade, também em BH, linha de pesquisa em gestão de cidades que só encontrou na PUC Minas, diz. Durante a pós-graduação, participou de eventos na graduação e contou com a atuação de voluntários na graduação. Considera uma excelente iniciativa da Universidade estender a disciplina de Sociologia para todos os cursos de graduação. “Eu acho que as Ciências Sociais têm muitas respostas, não talvez respostas prontas, mas questionamentos e possibilidades de reflexão crítica que podem beneficiar tanto aqueles que se dedicam, obviamente as Ciências Sociais, quanto os campos que acham que não têm nada a ver. Afinal somos todos parte de uma sociedade, de uma estrutura com regras e normas e coerções e constrangimentos de várias ordens, seja econômica, seja simbólica que nos afetam. A compreensão dessa complexidade toda, comum dos objetos das Ciências Sociais, é o que a torna uma área do conhecimento abrangente para além dos seus campos específicos”, analisa a recém-doutora. “Uma das melhores partes do trabalho como pesquisadora é a docência, é oportunidade de ver como você é capaz de comunicar seus temas de pesquisa e a contribuição dos alunos para a discussão”, considera Clarissa.

“Lugar muito ruim”

A formação de professores e pesquisadores também é destacada pelo professor Danny Zahreddine nos cursos de graduação do ICS, especialmente no curso de graduação em Ciências Sociais, que considera muito importante para a Universidade, porque forma “gente muito preparada para compreender uma realidade que é muito complexa”. “Hoje nós temos um governo que não respeita as Ciências Humanas e nem as Ciências Sociais, nesse sentido. Ele tenta esvaziar o papel, ele acredita que as Ciências Sociais são um campo do conhecimento puramente ideológico e não é isso. Então, ao mesmo tempo em que esse movimento, que é global, de conservadorismo, de extrema direita, no qual vários países do mundo iniciam uma disputa por uma pós-verdade, por narrativas, eles colocam a universidade, seus professores, seus alunos e as Ciências Sociais num lugar muito ruim”, destaca. E qual lugar seria esse?

“De um espaço de criação de ideologias obscuras e de doutrinação de jovens estudantes a mando de líderes conspiracionistas. Na cabeça desse discurso homogeneizante, a universidade é o lugar onde se criam pessoas que querem simplesmente confrontar o direito constitucional ou as regras colocadas, ou que querem criar um plano de transformação da universidade a partir de um golpe do marxismo cultural. Isso é uma besteira”, reflete o diretor do Instituto. “Não tem nada a ver sobre ser subversivo. Tem que ensinar marxismo, tem que se ensinar liberalismo, tem que se ensinar neoliberalismo, ensinar tudo. Então, hoje é um momento muito difícil, porque a polarização ideológica que a gente vive, no mundo inteiro e no Brasil, coloca a sociedade num lugar muito complicado e as Ciências Sociais e as Ciências Humanas mais ainda. É por isso que nós devemos ser foco de resistência com muita responsabilidade”.

Arquitetura, CS, RI e Serviço Social

Mas o Instituto de Ciências Sociais não abriga somente a graduação em Ciências Sociais (único em Belo Horizonte de uma universidade privada, junto com a UFMG) e o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. No ICS estão alocados também o Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Relações Internacionais, que tem conceito 5 junto à Capes, e as graduações em Arquitetura e Urbanismo (*campi* Coração Eucarístico e Poços de Caldas e Unidade Praça da Liberdade), em Relações Internacionais (presente nos *campi* Coração Eucarístico e Poços de Caldas e Unidade Praça da Liberdade, com nota 5 no Inep/MEC) e em Serviço Social.

Além disso, o ICS abriga a Cátedra Sérgio Vieira de Mello, que se dedica aos refugiados e asilados. A PUC Minas é a primeira Universidade do estado a fazer parte dessa rede, implementada desde 2003 pela Acnur, a Agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para Refugiados. A Cátedra reúne 23 universidades em todo o Brasil, a maioria instituições federais e católicas, com participação do Comitê Nacional para Refugiados (Conare). “A Cátedra na PUC Minas começa de forma multidisciplinar, e é dessa forma que o (tema) do refúgio deve ser visto”, disse durante o lançamento em novembro Wiliam Laureano, assistente sênior de legibilidade, representante da Acnur.



O professor Danny afirmou na ocasião que, com o lançamento, a PUC Minas dá um passo muito importante à sua missão como Universidade Católica, confessional, que tem compromisso com a sociedade como um todo. Ele disse que a Cátedra não irá potencializar o que a PUC Minas já é, mas apoiar as ações relacionadas aos direitos humanos dos migrantes e refugiados. “Esse é um resultado importante do esforço coletivo”, ressalta.

O MiniOnu, modelo intercollegial das Nações Unidas, é um dos eventos realizados pelo Curso de Relações Internacionais

ANIVERSÁRIOS

MOTIVOS PARA COMEMORAR

PUC Minas celebra atuação de *campi* em BH e Região Metropolitana
Livia Arcanjo, com colaboração de Bruna Santos, Felipe Caixeta, Lorena Scafutto, Luiza Rocha e Victor Ciríaco

Há mais de seis décadas, a PUC Minas instalou-se no bairro Coração Eucarístico. Com a missão de oferecer uma formação técnica, humana e cidadã de alta qualidade, a Universidade iniciou, em 1990, seu projeto de expansão pela Região Metropolitana de Belo Horizonte. Foi Contagem, município vizinho da capital, a receber o segundo *Campus* da Universidade. Em contrapartida, a Unidade mais recente foi instalada nas imediações da Praça da Liberdade, na região Centro-Sul, há cinco anos. Assim como a mais longeva e a mais jovem unidade de expansão, o *Campus* Be-

tim, a Unidade São Gabriel e o Instituto de Educação Continuada (IEC) comemoram, neste semestre, datas redondas e representativas.

Mas esta não é a única coincidência. Essas unidades foram, em suas regiões e municípios, as pioneiras no fomento da educação superior, contribuindo com a missão da PUC Minas de promover o desenvolvimento humano e social, por meio da tríade ensino, pesquisa e extensão.

Conheça um pouco mais dos *campi* e unidades que comemoram, neste semestre, sua atuação.

CONTAGEM

Data de implantação: Maio de 1990
Cursos ofertados atualmente: Administração, Ciências Contábeis, Direito, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Medicina e Sistemas de Informação.

Perfil: O *Campus* nasceu com vocação para a formação de profissionais para o setor terciário, de comércio e serviços, por meio dos cursos de Ciências Contábeis e Administração. Posteriormente, investiu na universalidade do Direito e também nas áreas industrial e da tecnologia, com as Engenharias e o curso de Sistemas de Informação. Hoje vivencia uma abertura para a área da saúde, com o curso de Medicina, acompanhando o crescimento da área no país.

Diferenciais: O *Campus* Contagem possui um complexo com 16 laboratórios de Engenharia e seis laboratórios de Medicina, além de laboratórios de informática, robótica e prática empresarial. Sua biblioteca possui rico acervo de livros, periódicos e materiais audiovisuais, com aproximadamente 75 mil exemplares cadastrados.



BETIM

Data de implantação: Agosto de 1995

Cursos ofertados atualmente: Administração, Biomedicina, Direito, Enfermagem, Engenharia de Produção, Fisioterapia, Medicina, Medicina Veterinária, Psicologia e Sistemas de Informação. Em módulo virtual, Administração e Ciências Contábeis também são graduações oferecidas pela PUC Minas Betim.

Perfil: Ao mesmo passo que ao longo dos anos a cidade de Betim se tornou um polo na área da saúde para os municípios vizinhos, a PUC Minas, atendendo às necessidades da região, e também do mercado profissional, foi se tornando, ao longo dos anos, uma referência nesta área.

Diferenciais: O *Campus* possui cerca de 30 laboratórios, biblioteca, auditório, quadras, entre outros equipamentos. Um dos prédios, o de número 12, é muito conhecido como o "Prédio da Comunidade" ou "Prédio das Clínicas". Esta edificação abriga, além do Serviço de Assistência Judiciária (SAJ) e o Núcleo de Psicologia (Nupsi), o Centro Clínico de Fisioterapia, setores que oferecem atendimento gratuito à comunidade. Um destaque do *Campus* é, também, o Centro de Estudos em Clínicas e Cirurgia de Animais, que atende animais de pequeno, médio e grande portes.

O *Campus* Betim é referência na área de saúde

Fotos: Acervo PUC Minas



Fachada de um dos prédios do *Campus* Contagem



Fotos: Acervo PUC Minas

PRAÇA DA LIBERDADE

Data de implantação: Outubro de 2015
Cursos ofertados atualmente: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Computação, Direito, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Engenharia de Software, Engenharia Mecânica, Jogos Digitais, Medicina Veterinária, Psicologia, Publicidade e Propaganda e Relações Internacionais.
Perfil: Projeto de se tornar um Centro de excelência em TI, com a junção dos cursos de Ciência do Computação, Engenharia de Software, Jogos Digitais e possibilidade de novos cursos da área.
Diferenciais: Conta com um moderno centro veterinário, com atendimento especializado em animais de pequeno porte. Modernos laboratórios para os cursos de Arquitetura e Urbanismo, contando com impressões em 3D e máquinas de corte; laboratórios de desenvolvimento de aplicações interativas e de estudos de interação de áudio para o Curso de Jogos Digitais, Núcleo de Experimentação Universitária (NEP) no Curso de Publicidade, aliado ao laboratório de fotografia.



SÃO GABRIEL

Data de implantação: Fevereiro de 2000
Cursos ofertados atualmente: Administração, Ciências Contábeis, Direito, Engenharia Aeronáutica, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia de Computação, Jogos Digitais, Jornalismo, Psicologia, Publicidade e Propaganda e Sistemas de Informação
Perfil: A PUC Minas São Gabriel adquiriu forte viés tecnológico, com a instalação do Programa de Pós-Graduação em Informática. Também é reconhecida pelo seu relacionamento estreito com a comunidade no entorno da Unidade, reforçado pela sua atuação extensionista por meio de projetos duradouros.
Diferenciais: Além de diversos laboratórios de comunicação e de jogos, a Unidade São Gabriel possui um Hangar com um jato modelo Learjet em pleno funcionamento.



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA (IEC)

Data de implantação: Abril de 1995
Cursos ofertados: Atualmente, a PUC Minas possui 592 cursos *lato sensu*, distribuídos entre suas unidades e *campi* na RMBH e em 13 cidades do interior do estado. Além disso, o IEC oferece cursos de aperfeiçoamento e disciplinas isoladas do *lato sensu*.
Perfil da Unidade: A tônica da unidade é a aposta na inovação das ofertas, na pluralidade das áreas de conhecimento e na excelência dos projetos pedagógicos, sempre elaborados em consonância com as demandas do mercado de trabalho.
Diferenciais: A educação continuada foi a escolha da Universidade para iniciar a ocupação da região da Praça da Liberdade, ponto estratégico de Belo Horizonte. Entre 1999 e 2019, o IEC apresentou um crescimento de mais de 1.900% no número de cursos ofertados.





ARTIGO | *PROFESSOR GUILHERME COELHO COLEN

ENSINO BASEADO NA PROMOÇÃO DA JUSTIÇA

Referência na educação jurídica, a Faculdade Mineira de Direito completa 70 anos

Fruto do poder de uma ideia, encarnada em um homem de ação, que foi Dom Cabral, então arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, a Faculdade Mineira de Direito da PUC Minas completa este ano 70 anos de existência.

À época, a incumbência para estruturar o curso e selecionar o corpo docente foi atribuída ao processualista mineiro e desembargador Alfredo de Araújo Lopes da Costa, que foi seu primeiro diretor, razão por que a Faculdade é afetuosamente reconhecida como a *Casa de Lopes da Costa*.

Tendo como lema a expressão *Lex Tua Veritas*, extraída do Salmo 119:142, que significa A tua lei é a verdade, a qualidade do ensino marca a história da Faculdade, no orgulho de ser reconhecida como referência no ensino jurídico no Brasil e no mundo.

A jovem escola de Direito, que antecedeu a criação da então Universidade Católica de Minas Gerais, ao ser a ela incorporada imediatamente repercutiu no cenário do ensino jurídico no

estado, inicialmente pelos atributos e notabilidade do seu corpo docente e, posteriormente, também pela sólida formação jurídica de seus primeiros egressos, que, com o transcorrer dos tempos, se avolumaram em número e qualidade.

Ao contrário de seus fundadores que já nos deixaram, ao considerarmos que a longevidade da *Casa de Lopes da Costa* não se encontra subordinada à irremediável finitude humana, embora transcorridos 70 anos de sua fundação, a Faculdade Mineira de Direito ainda possui mais futuro do que passado.

Assim, conquanto sirva como ponto de partida para entusiasmos com o exemplo de força de nossos antecessores ao romperem com os obstáculos então existentes, na atualidade, o verdadeiro desafio da Faculdade de Direito é o de compreender o nosso tempo presente, visto que a previsão do futuro é cada vez mais marcada pela imprevisibilidade.

Neste contexto de desafios e incertezas futuras, o sociólogo Zygmunt Bauman, autor da expressão “sociedade líquida”, destaca que o conhecimento produzido nas universidades sempre foi avaliado com base em sua capacidade de repre-

sentar fielmente o mundo, mas na sequência adverte: “mas como fazer quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até os mais ‘bem-informados?’”. Isso em um cenário no qual “a mudança é a única coisa permanente e a incerteza, a única certeza”.

Em um tal momento em que o futuro desponta incerto, quando projetamos a nossa reflexão sobre a Faculdade Mineira de Direito, vemos que o norte contemporâneo da insegurança é sobrelevado pelos valores que estruturaram a construção de um ensino baseado na promoção da Justiça, por meio da aplicação do Direito. Por conseguinte, a missão da Faculdade é um pilar gerador de certeza e condutor da Verdade.

Hoje, a Faculdade Mineira de Direito, com a abertura e sensibilidade profética, conforme afirma o Papa Francisco, ao sinal do tempo presente, tem na Justiça o caminho para a superação de barreiras e dos muros que impedem o encontro do “outro”.

Para o êxito da aliança educativa a que somos convidados, alerta-nos o Sumo Pontífice, é necessário dar uma alma à educação e, para tanto, reafirmarmos também o compromisso ético de que a Faculdade Mineira de Direito, mais do que um centro de excelência na educação jurídica, seja cada vez mais e sempre um espaço para vivenciarmos a cultura do encontro.

Essa cultura não é uma questão metafísica, mas representa uma questão central da vida social contemporânea, com impactos nos Direitos Humanos. Verificam-se em casos concretos, embora não de forma unânime, decisões nos mais diversos níveis, as quais não refletem os referenciados valores de promoção da Justiça e da Dignidade da Pessoa Humana.

Conforme destaca Bobbio, “o problema que

Hoje, a Faculdade Mineira de Direito, com a abertura e sensibilidade profética, conforme afirma o Papa Francisco, ao sinal do tempo presente, tem na Justiça o caminho para a superação de barreiras e dos muros que impedem o encontro do “outro”.

temos diante de nós não é filosófico, mas jurídico e, num sentido mais amplo, político. Não se trata de saber quais e quantos são esses direitos, qual é sua natureza e seu fundamento, se são direitos naturais ou históricos, absolutos ou relativos, mas sim qual é o modo mais seguro para garanti-los, para impedir que, apesar das solenes declarações, eles sejam comumente violados.”

A comunidade acadêmica da Faculdade Mineira de Direito é chamada, assim, a ser um motor de ações concretas que rompem a mera formalidade do discurso e os nossos próprios muros. Por meio do Serviço de Assistência Jurídica, do conhecimento produzido no seu Programa de Pós-graduação, da reconhecida atuação de seus egressos, apenas para exemplificar, todos e cada um são protagonistas na aplicação de um Direito transformador, que tem o poder de se contrapor às incertezas do tempo presente.

Deste modo, seguindo o exemplo dos nossos antecessores, que à época combateram os desafios do seu tempo, a Faculdade Mineira de Direito enfrenta as vicissitudes e contradições da ordem jurídica hodierna, pois *Lex Tua Veritas*.

*Diretor da Faculdade Mineira de Direito



Memória Viva



25 ANOS DO ICH

Embora a Universidade Católica de Minas Gerais tenha sido formalmente constituída em dezembro de 1958, 10 anos antes, o então arcebispo metropolitano Dom Antônio dos Santos Cabral firmou contrato com as religiosas dominicanas francesas, incorporando à Arquidiocese a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria. Essa é, assim, a instituição que se encontra na origem da nossa Universidade. A destacar que, como a denominação anuncia, a chamada “Faculdade Santa Maria” tinha nas humanidades a sua essência e na capacitação de docentes a sua missão.

Essas diretrizes permaneceram ao longo do tempo. No final da década de 1960, constituída em Faculdade de Ciências Humanas, fortalecida na capital, ela expande seus cursos de licenciatura (polivalentes) para oito cidades do interior

do Estado de Minas Gerais: Itabira, Curvelo, João Monlevade, Mariana, Coronel Fabriciano, Pará de Minas, Pedro Leopoldo, Ponte Nova e Luz.

Nos anos de 1970, instalada no prédio 6 do *Campus* Coração Eucarístico, com a integração dos departamentos de Direito e de Filosofia e Teologia, a Faculdade se transforma em Centro de Ciências Humanas. O pendur inato para a formação de docentes, no entanto, se impôs e foi reconhecido, em 1988, com a criação do Instituto de Ciências Humanas (ICH), cuja constituição e funcionamento foi regulamentada, em março de 1995, por resolução do Conselho Universitário.

Ao comemorar seus 25 anos, o ICH mantém sua vocação inicial, agora ampliada com o desenvolvimento de cursos de pós-graduação lato e *stricto sensu*, além de frequentes atividades extensionistas.

Página sob a responsabilidade do professor Caio Boschi, diretor do Centro de Memória e de Pesquisa Histórica da PUC Minas. Além de viabilizar o aprofundamento da pesquisa histórica, entre outras atividades, o Centro acumula um significativo acervo sobre a memória da Universidade.

PUC MINAS EM NÚMEROS

Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

Comunidade Acadêmica

Cursos	Nº de cursos ⁽¹⁾	Alunos matriculados		
		Feminino	Masculino	Total
Graduação	Bacharelado			104
	Licenciatura	21.386	19.322	40.708
	Tecnólogo			2
Programa de Pós-graduação <i>Stricto Sensu</i>	29	679	659	1.338
Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>	562	12.738	13.944	26.682
Aperfeiçoamento, Atualização e Capacitação	74	1.249	928	2.177
Total geral de alunos		36.052	34.853	70.905

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 2º semestre/2019.

(1) Para a Pós-graduação *Lato Sensu*, Aperfeiçoamento, Atualização e Capacitação, considerou-se o número de ofertas.

Graduação

Campus / Unidade Educacional	Nº de cursos por formação ⁽¹⁾			Nº de alunos matriculados, por sexo			Nº de concluintes	Nº de matrículas em disciplinas a distância
	BA	LC	TC	Feminino	Masculino	Total		
Campus de Belo Horizonte								
Campus Coração Eucarístico	38	11	—	9.025	8.816	17.841	1.569	3.371
Unidade Educacional Barreiro	7	—	—	1.630	1.260	2.890	306	754
Unidade Educacional Praça da Liberdade	11	—	1	2.405	2.237	4.642	226	766
Unidade Educacional São Gabriel	11	—	1	2.042	2.102	4.144	366	688
Campus de Betim	10	—	—	2.306	1.284	3.590	372	487
Campus de Contagem	7	—	—	972	1.277	2.249	217	701
Campus de Arcos	2	—	—	246	179	425	48	128
Campus de Poços de Caldas	14	—	—	2.431	1.859	4.290	435	483
Campus de Serro	1	—	—	238	143	381	20	91
Campus de Uberlândia	3	—	—	91	165	256	12	20
Total	104	11	2	21.386	19.322	40.708	3.571	7.489

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 2º semestre/2019.

BA – Bacharelado, LC – Licenciatura, TC – Tecnólogo. (1) Inclui os cursos de graduação nas modalidades presencial e a distância.

Pesquisa

Projetos de pesquisa, em andamento, com participação do corpo docente, por entidade de fomento

Entidade de fomento	Projetos de Pesquisa		
	Com bolsa	Sem bolsa	Total
Fapemig	70	—	70
PROBIC – Programa de Bolsas de Iniciação Científica	—	63	63
PUC Minas	93	42	135
FIP – Fundo de Incentivo à Pesquisa	—	—	—
Total	163	105	268

Iniciação científica, em andamento, para o corpo discente, por entidade de fomento

Entidade de fomento	Iniciação Científica		
	Bolsistas	Não bolsistas	Total
Fapemig	58	—	58
PROBIC – Programa de Bolsas de Iniciação Científica	—	105	105
CNPq	50	12	62
PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica	8	9	17
PIBITI – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação	—	—	—
PUC Minas	88	24	112
FIP – Fundo de Incentivo à Pesquisa	—	—	—
Total	204	150	354

Fonte: PROPPG – dados do 2º semestre de 2019.

Bolsas de estudos de graduação e pós-graduação

Campus / Núcleo de Educação / Unidade Educacional	Nº de alunos beneficiados							
	Bolsas p/ Alunos carentes ⁽¹⁾	Bolsas ProUni	Outras bolsas ⁽²⁾	Bolsas Projeto de Extensão	Total	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>	Pós-graduação <i>Stricto Sensu</i> ⁽⁴⁾	Total geral
Campus de Belo Horizonte								
PUC Minas Virtual	9	68	425	—	502	899	1.390	2.791
IEC PUC Minas	—	—	—	—	—	775	2.020	2.795
Campus Coração Eucarístico	392	4.505	3.307	383	8.587	44	250	9.648
UE Barreiro	16	1.034	935	27	2.012	14	75	2.101
UE Praça da Liberdade	17	957	928	36	1.938	10	8	1.956
UE São Gabriel	27	1.452	1.115	46	2.640	4	43	2.745
Campus de Betim	25	1.190	815	47	2.077	24	56	2.157
Campus de Contagem	17	832	596	13	1.458	28	102	1.588
Campus de Arcos	6	138	114	—	258	3	11	272
Campus de Poços de Caldas	21	1.390	691	29	2.131	46	239	2.416
Campus de Serro	11	83	82	3	179	—	—	179
Campus de Uberlândia	2	62	186	—	250	9	9	268
Total	543	11.711	9.194	584	22.032	1.856	4.203	825

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 2º semestre de 2019.

(1) Bolsas: SECAC/DAC, Seminário, Institucional e Reitoria Assistencial, Contrapartida Medicina, FCU/PUB (Diretoria). (2) Bolsas: PUC Minas (35 anos, Agente Pastoral, Auxílio Uberlândia, Consentimento, Auxílio Transporte, Reitoria, Convênio Cultural, Destaque Acadêmico, Grupo Familiar, Transferência, Obtenção de novo Título (ex-aluno Graduação PUC Minas), Sênior, Sindicatos e Acordo Coletivo (ADPUC, SAAE, SINPRO, SINAEE/JF, SAAEFUC), Ministério Público, Convênios, Colégio Santa Maria Minas, Parceiros na Educação e Bolsa Social. (3) Bolsas concedidas por: Sindicatos e Acordo Coletivo (ADPUC, SAAE, SINPRO, SINAEE/JF), PUC Minas (Aperfeiçoamento Profissional, Especial para funcionários, Reitoria), Convênios, Colégio Santa Maria Minas, Parceiros na Educação, Contrapartida Pós-graduação e Bolsa Enade, Aprimoramento Profissional. (4) Bolsas concedidas por: PUC Minas (Assistência Stricto Sensu, Auxílio Pós-graduação, Reitoria e Stricto no Exterior), CAPES, CNPq, Convênio Cultural, Convênios, Diferença Agências de Fomento, Empresas, Sindicatos e Acordo Coletivo (ADPUC, SAAE, SINPRO) e Bolsa Parceiros na Pesquisa. Obs.: O aluno com mais de um tipo de bolsa é considerado mais de uma vez.

Pós-graduação *Stricto Sensu*

Instituto / Faculdade	Programas	Nº de cursos	Tipo de curso	Conceito Capes ⁽¹⁾	Nº de matrículas, por sexo			Nº de matrículas em disciplinas isoladas
					Fem.	Masc.	Total	
FAPSI – Faculdade de Psicologia	Psicologia	2	Mestrado	5	25	9	34	10
			Doutorado	5	31	12	43	6
FCA – Faculdade de Comunicação e Artes	Comunicação Social: Interações Mdiatizadas	1	Mestrado	3	18	7	25	3
			Doutorado	5	64	66	130	87
FMD – Faculdade Mineira de Direito	Direito	2	Mestrado	5	70	91	161	17
			Doutorado	5	10	9	19	—
ICBS – Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde	Odontologia	3	Mestrado Profissional	4	38	25	63	5
			Mestrado	4	13	5	18	—
			Doutorado	4	14	13	27	—
ICEG – Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais	Administração	2	Mestrado	5	23	21	44	29
			Doutorado	5	25	29	54	5
ICEI – Instituto de Ciências Exatas e Informática	Informática	2	Mestrado	4	9	27	36	—
			Doutorado	4	6	16	22	1
ICH – Instituto de Ciências Humanas	Educação	2	Mestrado	4	20	10	30	5
			Doutorado	4	35	32	67	1
	Ensino: Ciências e Matemática Geografia: Tratamento da Informação Espacial	2	Mestrado Profissional	5	21	28	49	7
			Mestrado	5	14	13	27	3
			Doutorado	5	18	27	45	1
Letras	2	Mestrado	5	36	13	49	4	
		Doutorado	5	59	23	82	3	
ICS – Instituto de Ciências Sociais	Ciências Sociais	2	Mestrado	5	23	12	35	12
			Doutorado	5	18	18	36	1
			Mestrado	5	25	10	35	7
IFTDJ – Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa	Relações Internacionais: Política Internacional	2	Doutorado	5	11	17	28	—
			Mestrado	4	16	18	34	4
IPUC – Instituto Politécnico	Engenharia Elétrica	1	Doutorado	4	12	24	36	10
			Mestrado	3	8	24	32	6
IPUC – Instituto Politécnico	Engenharia Mecânica	2	Mestrado	4	9	33	42	5
			Doutorado	4	8	27	35	6
Total		29		679	659	1.338		239
Número de Programas de Pós-graduação							16	

Fonte: DW – Data Warehouse – dados de outubro/2019.

(1) Capes – Avaliação Quadrienal 2017 (Período de referência: 2013-2016). Obs.: O PPG em Geografia desenvolve Projeto DINTER (Doutorado Interinstitucional), com o Centro Universitário de Caratinga – UNEC. O PPG em Direito desenvolve Projeto DINTER (Doutorado Interstitucional) com a Faculdade Metropolitana de Manaus – FAMETRO. O PPG em Letras desenvolve Projeto DINTER (Doutorado Interinstitucional) com o Centro Universitário, em Maceió – CESMAC.

Programas de Pós-graduação, por tipo de curso	Número de cursos	Número de alunos	Bolsas de estudo para o corpo discente		Programa de Pós-graduação	
Mestrado Profissional	2	68	Doutorado	Mestrado	187	200
Mestrado	15	643	Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais		27	34
Doutorado	12	627	CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico		2	21
Total	29	1.338	PUC Minas – Bolsa Institucional		30	126
			Empresas e sindicatos		135	77
			Total		381	458

Fonte: DW – Data Warehouse – dados de outubro/2019.

Fonte: PROPPG – dados do 2º semestre de 2019.

(1) CAPES/PROSUP – Programa de Suporte à Pós-graduação de Instituições de Ensino Particular (Concessão de Bolsas de estudo e de taxas escolares).

Pós-graduação *Lato Sensu*

Instituto / Faculdade	Nº de cursos	Nº de ofertas	Nº de matrículas, por modalidade de curso		Total geral de matrículas		
			A distância	Presencial	Fem.	Masc.	Total
FAPSI – Faculdade de Psicologia	16	25	—	461	401	60	461
FCA – Faculdade de Comunicação e Artes	9	13	548	122	438	232	670
FMD – Faculdade Mineira de Direito	42	96	9.385	950	5.569	4.766	10.335
ICBS – Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde	40	82	379	699	892	186	1.078
ICEG – Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais	59	168	2.766	2.345	2.758	2.353	5.111
ICEI – Instituto de Ciências Exatas e Informática	20	44	3.678	479	694	3.463	4.157
ICH – Instituto de Ciências Humanas	18	27	778	333	707	404	1.111
ICS – Instituto de Ciências Sociais	8	11	—	166	129	37	166
IFTDJ – Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa	5	6	—	98	75	23	98
IPUC – Instituto Politécnico	44	90	2.112	1.383	1.075	2.420	3.495
Total	261	562	19.646	7.036	12.738	13.944	26.682

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 2º semestre de 2019.

Cursos de Aperfeiçoamento, Atualização e Capacitação

Instituto / Faculdade	Nº de cursos	Nº de ofertas	Nº de matrículas por modalidade		Total geral de matrículas		
			A distância	Presencial	Feminino	Masculino	Total
FAPSI – Faculdade de Psicologia	1	1	109	—	75	34	109
FCA – Faculdade de Comunicação e Artes	7	9	122	121	149	94	243
FMD – Faculdade Mineira de Direito	4	4	19	27	32	14	46
ICBS – Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde	13	13	17	116	112	21	133
ICEG – Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais	14	16	634	133	372	395	767
ICEI – Instituto de Ciências Exatas e Informática	5	5	237	7	125	119	244
ICH – Instituto de Ciências Humanas	5	5	89	16	77	28	105
ICS – Instituto de Ciências Sociais	1	2	—	45	45	—	45
IFTDJ – Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa	8	15	24	375	254	145	399
IPUC – Instituto Politécnico	4	4	9	77	8	78	86
Total	62	74	1.260	917	1.249	928	2.177

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 2º semestre de 2019.

Ações Extensionistas

Campus / Unidade Educacional	Projetos de Extensão						Práticas Curriculares de Extensão ⁽¹⁾		Eventos	Nº de cursos ofertados
	Nº de Projetos	Equipe envolvida		Beneficiados			Professores	Alunos		
		Professores e Técnicos	Alunos extensionistas (bolsistas e não bolsistas)	Diretos	Indiretos	Total				
<i>Campus de Belo Horizonte</i>										
<i>Campus</i> Coração Eucarístico ⁽²⁾	33	79	572	10.799	88.144	98.943	122	3.781	103	46
UE Barreiro	5	10	70	590	2.373	2.963	16	671	11	—
UE Praça da Liberdade	15	26	99	1.690	5.542	7.232	45	1.156	36	16
UE São Gabriel	8	11	53	633	2.177	2.810	30	790	18	1
<i>Campus de Betim</i>	17	32	249	3.543	12.455	15.998	71	1.218	24	—
<i>Campus de Contagem</i>	3	3	16	110	335	445	24	408	15	—
<i>Campus de Arcos</i>	1	2	7	25	75	100	4	156	3	—
<i>Campus de Poços de Caldas</i>	7	19	86	1.089	15.935	17.024	37	740	58	3
<i>Campus de Serro</i>	1	1	8	196	21.419	21.615	1	31	7	—
<i>Campus de Uberlândia</i>	1	1	6	25	350	375	—	—	3	—
<i>Multicampi</i>	25	60	272	7.197	15.466	22.663	—	—	2	—
Total	116	244	1.438	25.897	164.271	190.168	350	8.951	280	66

Fonte: PROEX – dados do 2º semestre de 2019.

(1) Práticas Curriculares de Extensão são atividades acadêmicas desenvolvidas em vinculação com os componentes curriculares do curso, prevendo a articulação da comunidade acadêmica com setores externos. (2) No Campus Coração Eucarístico estão incluídas as Práticas Curriculares na modalidade Virtual, estando envolvidos 8 professores e 549 alunos; 01 projeto de extensão vinculado a um curso de graduação à distância; e 13 cursos de extensão realizados na modalidade EAD.

Obs.: O número de professores e alunos aqui registrado foi apurado tomando-se por base os projetos ou práticas curriculares de extensão em que atuam. Assim sendo, um mesmo professor e/ou aluno, que atua em mais de um projeto, ou está vinculado a mais de uma disciplina com prática curricular de extensão, foi computado mais de uma vez.

Serviços à comunidade

Campus / Unidade Educacional	SAJ – Serviço de Assistência Judiciária			
	Ações novas ajuizadas no 2º sem/2019	Ações ativas no 2º sem/2019		
		Em andamento	Concluídas	Total
<i>Campus de Belo Horizonte</i>				
<i>Campus</i> Coração Eucarístico ⁽¹⁾	121	1.477	209	1.686
Unidade Educacional Barreiro	57	1.072	67	1.139
Unidade Educacional Praça da Liberdade	84	864	94	958
Unidade Educacional São Gabriel	91	1.470	193	1.663
<i>Campus de Betim</i>	142	1.199	116	1.315
<i>Campus de Contagem</i>	134	936	76	1.012
<i>Campus de Arcos</i>	30	374	26	400
<i>Campus de Poços de Caldas</i>	264	1.781	90	1.871
<i>Campus de Serro</i>	38	400	169	569
Total	961	9.573	1.040	10.613

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 2º semestre de 2019.

(1) Inclui atendimentos do Núcleo de Extensão/PROEX.

Campus / Unidade Educacional	Clínicas de Graduação e de Pós-graduação – Número de atendimentos realizados					
	Fisioterapia	Fonoaudiologia	Nutrição	Odontologia	Psicologia	Centro Veterinário ⁽¹⁾
<i>Campus de Belo Horizonte</i>						
<i>Campus</i> Coração Eucarístico	6.279	2.417	—	18.900	3.996	—
Unidade Educacional Barreiro	—	—	256	—	—	—
Unidade Educacional São Gabriel	—	—	—	—	1.712	—
<i>Campus de Betim</i>	4.141	—	—	—	1.507	7.972
<i>Campus de Poços de Caldas</i>	6.991	—	—	—	604	4.661
Total	17.411	2.417	256	18.900	7.819	12.633

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 2º semestre de 2019.

(1) O atendimento veterinário inclui Ambulatório Clínico, Bloco Cirúrgico, Patologia Clínica, Diagnóstico de Imagem e Laboratório de Nutrição.

Campus / Unidade Educacional	NAI (Núcleo de Apoio à Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais) Número de alunos assistidos, por tipo de deficiência				
	Auditiva	Física	TEAC ⁽¹⁾	Visual	Total
<i>Campus de Belo Horizonte</i>					
<i>Campus</i> Coração Eucarístico ⁽²⁾	21	55	114	24	214
Unidade Educacional Barreiro	1	8	3	1	13
Unidade Educacional Praça da Liberdade	7	8	35	6	56
Unidade Educacional São Gabriel	2	14	10	5	31
<i>Campus de Betim</i>	3	9	24	7	43
<i>Campus de Contagem</i>	2	5	6	—	13
<i>Campus de Arcos</i>	—	1	—	—	1
<i>Campus de Poços de Caldas</i>	3	13	30	7	53
<i>Campus de Serro</i>	—	1	—	1	2
<i>Campus de Uberlândia</i>	2	—	—	—	2
Total	41	114	222	51	428

Fonte: SECAC – Secretaria de Cultura e Assuntos Comunitários / NAI – dados do 2º semestre de 2019.

(1) TEAC – Transtornos Específicos da Aprendizagem e Comunicação. (2) Inclui cursos de Graduação e Pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu.

Corpo docente

Titulação	Corpo Docente do Quadro Permanente		
	Feminino	Masculino	Total
Especialista	27	54	81
Mestre	318	470	788
Doutor	343	427	770
Total	688	951	1.639

Fonte: DW – Data Warehouse – dados de outubro/2019.

Corpo técnico-administrativo

Campus / Unidade Educacional	Corpo técnico-administrativo, por sexo		
	Feminino	Masculino	Total
Campus de Belo Horizonte			
Campus Coração Eucarístico	794	717	1.511
UE Barreiro	73	63	136
UE Praça da Liberdade	59	47	106
UE São Gabriel	105	103	208
Campus de Betim ⁽¹⁾	162	124	286
Campus de Contagem	82	92	174
Campus de Arcos	13	8	21
Campus de Poços de Caldas ⁽¹⁾	98	123	221
Campus de Serro	10	11	21
Campus de Uberlândia	17	9	26
Total	1.413	1.297	2.710

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 2º semestre de 2019.

(1) Inclui o Centro Veterinário e a Fazenda Universitária.

Biblioteca

Campus / Unidade Educacional	Área física (m²)	Acervo (exemplares)				Total
		Livros	Materiais especiais ⁽¹⁾	Periódicos		
				Nacionais	Estrangeiros	
Campus de Belo Horizonte						
Campus Coração Eucarístico	9.578	413.577	14.780	3.980	1.461	433.798
Unidade Educacional Barreiro	850	45.497	730	470	12	46.709
Unidade Educacional Praça da Liberdade	1.295	37.465	882	173	13	38.533
Unidade Educacional São Gabriel	2.050	77.098	2.003	833	42	79.976
Campus de Betim	1.596	79.094	1.844	798	70	81.806
Campus de Contagem	1.080	58.482	1.460	530	30	60.502
Campus de Arcos	455	32.100	966	777	59	33.902
Campus de Poços de Caldas	1.850	88.312	2.299	1.458	204	92.273
Campus de Serro	343	16.758	237	441	14	17.450
Campus de Uberlândia	133	9.887	8	56	13	9.964
Total	19.230	858.270	25.209	9.516	1.918	894.913

Fonte: DW – Data Warehouse – dados do 2º semestre de 2019.

(1) Fitos cassetes, disquetes, mapas, slides, vídeos, CD-Rom, normas técnicas, audiolivros, plantas arquitetônicas, globos, filmes de rolo, discos, jogos, fotografias, DVDs, transparências, programas de rádio e TV e partituras.

Espaço físico

Campus / Unidade Educacional	Área em m²						Total
	Edificações		Terreno				
	Nº de prédios	Área construída	Área ocupada ⁽¹⁾	Jardinagem, e área verde ⁽²⁾	Centro esportivo ⁽³⁾	Outras áreas ⁽⁴⁾	
Campus de Belo Horizonte							
Campus Coração Eucarístico	93	93.741	44.191	133.590	48.060	95.152	320.993
Campus Coração Eucarístico – outras áreas ⁽⁵⁾	9	4.612	4.061	3.242	—	9.910	17.213
Unidade Educacional Barreiro	9	22.084	4.298	9.980	—	21.709	35.987
Unidade Educacional Praça da Liberdade ⁽⁶⁾	7	44.355	4.838	92	—	1.434	6.364
Unidade Educacional São Gabriel	24	30.566	19.406	13.318	—	42.015	74.739
Campus de Betim	14	22.643	11.479	8.510	1.918	41.538	63.445
Fazenda Experimental (Campus de Betim)	25	17.604	17.604	—	—	3.112.396	3.130.000
Centro Veterinário (Campus de Betim)	15	2.857	2.857	1.846	—	297	5.000
Campus de Contagem	28	19.316	13.424	28.345	4.409	28.700	74.878
Campus de Arcos	4	8.801	4.628	22.596	—	8.060	35.284
Campus de Poços de Caldas	16	20.250	15.729	174.062	531	67.069	257.391
Fazenda Experimental (Campus de Poços de Caldas)	3	389	389	—	—	479.611	480.000
Centro Veterinário (Campus de Poços de Caldas)	5	2.766	2.766	11.853	—	3.504	18.123
Campus de Serro ⁽⁷⁾	3	4.851	2.593	4.117	1.137	3.190	11.037
Campus de Uberlândia ⁽⁸⁾	1	2.993	748	3.103	—	2.179	6.030
Total	256	297.828	149.012	414.654	56.055	3.916.763	4.536.484

Fonte: PROINFRA – dados do 2º semestre de 2019.

(1) Área ocupada com edificações (área de projeção). (2) Área com cuidados de jardinagem e manutenção (jardins, gramados e bosques), área de mata nativa, reflorestada ou taludes. (3) Área ocupada com quadra, campo, ginásio e piscina, incluindo áreas adjacentes. (4) Estacionamento, vias de acesso, áreas a construir. (5) Considerou-se também como áreas do Campus Coração Eucarístico: Ed. Redentoristas, Seminário Av. 31 de Março (Núcleo de Educação a Distância), Seminário Emaús (prédio 54), Ed. na Avenida Francisco Sales (Gerência de Tecnologia da Informação), parte do terreno da Inspeção São João Bosco, situado na Av. 31 de Março e Ed. situados à Rua Dom José Pereira Lara, 399 (SAJ - Serviço de Assistência Judiciária), Rua Dom Pedro Evangelista, 377 (CPA - Comissão Permanente de Avaliação), Rua Dom Lúcio Antunes, 256 (Editora PUC Minas); e a área situada em Sete Lagoas. (6) Considerou-se também como áreas da Unidade Educacional Praça da Liberdade: Edifício Dom Cabral (Av. Brasil, 2.023); Edifício Liberdade (Rua Cláudio Manoel, 1.149); Edifício Fernanda (Rua Cláudio Manoel, 1.162); Edifício PIC (Rua Cláudio Manoel, 1.185); Edifício Cláudio Manoel (Rua Cláudio Manoel, 1.205); Edifício Soimco (Rua Inconfidentes, 920), e Edifício José Resende (Rua Santa Rita Durão, 1.150). (7) Área utilizada em parceria com o Colégio Nossa Senhora da Conceição; (8) Em fase de implantação, situado à Rua Varginha, 149, Bairro Daniel Fonseca.

Elaboração: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional da PUC Minas

Museu de Ciências Naturais

Acervo / Coleções	Condições do Acervo	
	Tombados	Em preparação
Fósseis		
Paleontologia	62.000	7.200
Neontológicas		
Zoologia – Vertebrados		
Herpetologia – Anfíbios	21.131	100
Herpetologia – Répteis	6.413	100
Ornitologia	6.141	250
Ictiologia (lotes) ⁽¹⁾	4.834	1.400
Mastozoologia	4.972	700
Zoologia – Invertebrados		
Invertebrados	26.668	7.869
Moluscos (lotes)	480	17
Botânicas⁽²⁾		
Briófitas	786	400
Pteridófitas	288	60
Fanerógramas	5.708	1.000
Coleção Carpológica	447	400
Líquens	365	20
Xiloteca	44	20

Fonte: SECAC – Museu de Ciências Naturais PUC Minas – dados do 2º semestre de 2019.

(1) Foi levado em conta o número de espécimes, com exceção de peixes, onde se consideram os lotes. (2) Em reorganização.

Público visitante	Nº de visitas	
	Particular	Pública
Escola (alunos)	4.473	8.257
Visitas isentas: público menor de 5 anos e maior de 60; alunos, funcionários e convidados da PUC Minas; alunos das Escolas do Sistema Arquidiocesano.	3.769	
Professor acompanhante	1.179	
Visitantes individuais, eventos, auditório e Concertos	33.853	
Total	51.531	

Fonte: SECAC – Museu de Ciências Naturais PUC Minas – dados do 2º semestre de 2019.



Solidariedade em Rede Conectando corações para cuidar

Sua ajuda é muito necessária.

- Doe:
- alimentos (cesta básica e água)
 - produtos de limpeza
 - produtos de higiene pessoal
 - itens de proteção (máscaras, luvas e álcool gel)

São muitas as comunidades de fé ajudando as vítimas da Covid-19.

Faça sua doação ou seja um voluntário:

www.arquidiocesebh.org.br



VICARIATO EPISCOPAL PARA
AÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E AMBIENTAL

100
anos
1921 • 2021

ARQUIDIOCESE
DE BELO HORIZONTE



PÓS PUC MINAS

**Um novo momento
exige mais de você**

**ESPECIALIZAÇÃO
E MASTER**

Inscrições pelo
pucminas.br/pos

Descontos especiais para ex-alunos
da Graduação e Pós-graduação da PUC Minas.

Financie sua
PÓS em até 48x
consulte condições



PUC Minas
Conhecimento que transforma.